

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTADO E SOCIEDADE-PPGES
MESTRADO

Aline Santos Bispo

**DIMENSÕES DA PRÁTICA DO TURISMO NA CIDADE DE PORTO
SEGURO E OS REFLEXOS NA VIDA DA POPULAÇÃO RESIDENTE**

Orientadora: Prof^a Dra. Valéria Giannella

**PORTO SEGURO
2020**

ALINE SANTOS BISPO

**DIMENSÕES DA PRÁTICA DO TURISMO NA CIDADE DE
PORTO SEGURO E OS REFLEXOS NA VIDA DA POPULAÇÃO
RESIDENTE**

Versão original

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade para obtenção do título de Mestre em Estado e Sociedade.

Área de Concentração: Sociedade, Cultura e Ambiente.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria Giannella

**PORTO SEGURO
2020**

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

B622d Bispo, Aline Santos, 1987 -
Dimensões da prática do turismo na cidade de Porto Seguro e os reflexos na vida da população residente. / Aline Santos Bispo. – Porto Seguro, 2019.
114 p.

Orientadora: Valéria Giannella
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.
Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade. Campus Sosígenes Costa.

1. Turismo. 2. Produção do Espaço. 3. Porto Seguro. 4. Residentes.
I. Giannella, Valéria. II. Título.

CDD: 338.4791

Ata da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado

Aos 31 dias do mês de março do ano de 2020, às 14:00 horas, via webconferência através da sala virtual com link de transmissão <https://mconf.rnp.br/webconf/csc-1>, reuniram-se as/o membras/o da banca examinadora composta pelas/o docentes: Valéria Giannella (presidente da banca), Francisco Eduardo Torres Cancela (membro interno), e Cristina Pereira de Araújo (membra externa), a fim de argüirem a mestranda Aline Santos Bispo na defesa de sua dissertação cujo trabalho intitula-se **“Dimensões Da Prática Do Turismo Na Cidade De Porto Seguro E Os Reflexos Na Vida Da População Residente”**. Aberta a sessão pela presidente da mesma, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionada pelas/o membras/o da banca examinadora, tendo dado as explicações que foram necessárias.

As/o membras/o da banca consideraram o projeto de dissertação:

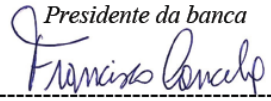
- (x) Aprovado
- () Aprovado com modificações
- () Não aprovado, devendo ser realizada nova qualificação no prazo de ____ meses.

Recomendações da Banca: Realizar uma revisão de acordo com as pontuações realizadas e antes da entrega para o repositório da UFSB.

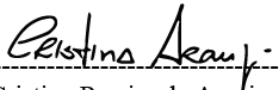
Banca Examinadora:




Profª. Dra. Valéria Giannella (UFSB)
Presidente da banca



Prof. Dr. Francisco Eduardo Torres Cancela (UNEB)
Membra interna



Profª. Dra. Cristina Pereira de Araújo (UFPE)
Membra externa ao Programa



Aline Santos Bispo
Candidata

Webconferência, 31 de março de 2020.

Àqueles que vieram antes de mim (a exemplo dos meus avós, pai, mãe, tias e tios), dos quais foram negadas oportunidades de acesso à educação.

Àqueles que vieram e virão depois de mim (como meus alunos), aos quais eu desejo que não lhes sejam negadas possibilidades de escolha dentro ou fora da educação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Nilza e Carlos e minha irmã, Ana Carla por toda a dedicação e incentivo ao longo de toda a minha vida.

À Hanayana Brandão pelas palavras de incentivo que foram o empurrãozinho que faltava para que eu me abrisse para a possibilidade do mestrado.

À UFSB, fruto da política desenvolvida por Fernando Haddad enquanto ministro da educação (2005-2012) que, entre outras coisas, ampliou os Institutos Federais de educação e a quantidade de universidades no país. Não tínhamos na Bahia muitas universidades federais. Hoje, temos, além da UFBA, a UFRB (2006), UNILAB (2010), UFSB (2011), UFOB (2013).

Ao Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES). À minha orientadora Valéria Giannella pelas reflexões e caminhos apontados. Ao corpo docente, em especial a Álamo Pimentel, Ana Carneiro, Janaína Lousada, Luiz Antônio de Castro, Maria Aparecida Lopes, May Waddington, Rafael Patino pelos aprendizados. À Maria Inês, Isabel, Fábio e demais servidores da secretaria, sempre atenciosos e dispostos a ajudar. Aos colegas, em especial aos diálogos, compartilhamentos, esclarecimentos e apoio de Walkiria, Lucivânia, Edna, Likem e Fernanda.

À generosa e rica contribuição da professora Conceição Diógenes e do professor Chico Cancela, membros da minha adorável banca de qualificação.

À Alicia Costa, Jeobergna de Jesus e Paula Pimenta que estiveram sempre presentes e dispostas a ajudar seja com diálogos, teorias, reflexões, metodologias, risos e abraços... - À Laís Francine e Diana pelo socorro no momento de desespero. À Daniela Souza e, mais uma vez, Diana Rôde que se envolveram de forma visceral e bastante profissional com esta pesquisa, sobretudo no trabalho de campo. Ao meu parceiro na vida, Paulo Henrique Xavier, com quem eu pude compartilhar cada momento bom ou ruim, por me apoiar e sofrer comigo (e por mim) nas horas tensas. À Angelita Ernesto e Etevaldo Xavier por todo apoio, afeto e generosidade. Essas pessoas que me

deram bastante suporte, principalmente nos momentos mais difíceis, me mostraram que, apesar de todos os desafios, a pesquisa acadêmica pode ser feita de forma afetiva e solidária.

Aos residentes que participaram dos encontros e tantos outros que gentilmente abraçaram e contribuíram com este estudo e sem os quais essa pesquisa não seria possível.

A Israel Oliveira (IBGE), José Arlindo e Romeu Fontana. A Carlos Carvalho, da página “Porto Seguro merece respeito”. Alexa, Alex e Hilda, do Jornal do Sol. Tarcizio e equipe da rádio Porto FM. Nanci Costa, Bruno Fernandes e equipe do Senac. Fabiana Nobre e equipe do Centro de Cultura de Porto Seguro. Robenilton Bonfim e equipe da Praça do Trabalhador.

À minhas colegas de trabalho Deise, Fernanda, Girlane pela compreensão e suporte e aos meus alunos do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães que muitas vezes foram a motivação e, mesmo sem saber, contribuíram com reflexões valiosas para esta pesquisa.

À minha mãe Iemanjá, a Oxum, a Iansã, a Ogum, a Exú e a todos os guias espirituais que estiveram todo o tempo comigo ao longo dessa jornada e cujos caminhos (mesmo que em alguns momentos aparentemente tortuosos) sempre me levam para onde devo estar. Axé!

Escolher escrever é rejeitar o silêncio

Chimamanda N. Adichie

RESUMO

BISPO, Aline Santos. **Dimensões da prática do turismo na cidade de Porto Seguro e os reflexos na vida da população residente**. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estado e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade, Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2020.

Nas últimas décadas do século XX a atividade turística se desenvolveu de maneira bastante significativa na cidade de Porto Seguro, no sul do estado da Bahia. O início da prática da atividade turística na localidade se configura como um dos marcos históricos do lugar e a ela estão associadas grandes e rápidas transformações na dinâmica local que atualmente se fazem presentes tanto do ponto de vista espacial como social. Diante deste contexto e a partir da necessidade de uma abordagem mais aprofundada sobre questões relacionadas à prática do turismo numa determinada localidade esta pesquisa se propôs a estudar as contribuições da prática da atividade turística em Porto Seguro para atual configuração da cidade. Assim, esta investigação compreende considerações acerca do turismo e da produção do espaço urbano. Também são abordados elementos sobre o percurso histórico da Cidade de Porto Seguro, sobretudo a partir do final da década de 1960, quando se dá o início da prática da atividade turística. Ademais, esta pesquisa assume uma perspectiva ainda pouco desenvolvida nos estudos sobre turismo ao estudá-lo a partir do ponto de vista dos residentes da cidade de Porto Seguro. Para tanto, utilizando-se da técnica do Grupo Focal e da Análise Textual Discursiva, através das percepções de moradores sobre o processo de turistificação do espaço urbano, privilegiou-se a visão da população local que tanto participou como também vivencia no seu dia-a-dia os desdobramentos dessas mudanças. Com isso, destaca-se a atividade turística além do ponto de vista econômico, mas também como um fenômeno social dotado de dimensões políticas, sociais, ambientais e culturais. A reflexão que se apresenta a seguir atenta para questões relacionadas à especialização do espaço voltada ao desenvolvimento turístico e os múltiplos efeitos relacionados à prática da atividade para os moradores de cidades turísticas.

Palavras-chave: Turismo, Produção do espaço, Porto Seguro, Residentes.

ABSTRACT

BISPO, Aline Santos. **Dimensions of the practice of tourism in the city of Porto Seguro and its impact on the lives of the resident population.** 2020. 114 f. Dissertation (Master in State and Society) Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2020.

In the last decades of the twentieth century, tourist activity developed quite significantly in the city of Porto Seguro, in the south of the state of Bahia. The beginning of the practice of tourist activity in the locality is configured as one of the historical landmarks of the place and it is associated with great and rapid changes in the local dynamics that are currently present both from the spatial and social point of view. Given this context and based on the need for a more in-depth approach on issues related to the practice of tourism in a given location, this research proposed to study the contributions of the practice of tourist activity in Porto Seguro to the current configuration of the city. Thus, this investigation includes considerations about tourism and the production of urban space. Elements about the historical route of the City of Porto Seguro are also addressed, especially from the end of the 1960s, when the practice of tourism began. In addition, this research assumes an underdeveloped perspective in studies on tourism when studying it from the point of view of residents of the city of Porto Seguro. To do so, using the technique of the Focus Group and the Discursive Textual Analysis, through the residents' perceptions about the process of touristization of the urban space, the view of the local population that both participated and also experienced in their daily lives was privileged. - the consequences of these changes were felt. With this, tourism activity stands out in addition to the economic point of view, but also as a social phenomenon with political, social, environmental and cultural dimensions. The reflection presented below is attentive to issues related to the specialization of space aimed at tourism development and the multiple effects related to the practice of the activity for residents of tourist cities.

Keywords: Tourism, Space production, Porto Seguro, Residents.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 – Pesquisas apresentadas nas últimas duas décadas relacionadas ao turismo em Porto Seguro.....	14
Figura 01 – Mapa da cidade de Porto Seguro.....	27
Figura 02 – Mapa de bairros da cidade de Porto Seguro.....	29
Figura 03 - Mapa do Plano de Desenvolvimento Urbano de 1974.....	31
Figura 04 – Imagem de satélite do ano de 1986.....	32
Figura 05 – Imagem de satélite do ano de 1996.....	33
Figura 06 – Imagem de satélite do ano de 2006.....	34
Figura 07 – Imagem de satélite do ano de 2017.....	36
Figura 08 - Manchete de capa do “Jornal da Bahia” em 1974.....	37
Figura 09 – Descerramento da placa de inauguração das BRs 101, 367 e 500, no dia 22 de abril de 1973.....	38
Figura 10 – Inauguração das BRs 101, 367 e 500, em 03 de julho de 1973....	38
Figura 11 - Grupo de carregadores entrando na cidade na atual avenida 22 de abril, nas proximidades do Colégio Antônio Ricaldi, visto ao fundo.....	39
Figura 12 – Foto de folder criado pela Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Porto Seguro em 1979.....	40
Gráfico 01 – Crescimento Populacional de Porto Seguro entre 1970 e 2017 ..	42
Quadro 02 – Renda per capita pela cor declarada na cidade de Porto Seguro entre os anos de 1991 e 2010.....	46
Figura 13 - Modelo Irridex de Doxey.....	49
Figura 14 – Publicação de residente de Porto Seguro no Facebook.....	51
Figura 15 – Linha do tempo do Modelo Irridex aplicado à cidade de Porto Seguro.....	52
Figura 16 – Peças de divulgação dos encontros com os residentes.....	65
Figura 17 – Contatos iniciais dos residentes sobre a pesquisa.....	66
Figura 18 – Manifestações dos residentes sobre a pesquisa.....	67
Gráfico 02 – Perfil dos participantes dos encontros.....	69
Figura 19 – Residentes do Centro na atividade de foto-provocação.....	78
Figura 20 – Residentes do Baianão na atividade de foto-provocação.....	79
Figura 21 – Residentes da Orla na atividade de foto-provocação.....	80

Figura 22 – Residentes do Centro na atividade de foto-provocação.....	81
Figura 23 – Residentes do Baianão na atividade de foto-provocação	82
Figura 24 – Check-List do Baianão	84
Figura 25 – Check-List do Centro.....	85
Figura 26 – Check-List da Orla.....	85
Figura 27 – Residentes do Baianão na atividade de cartografia afetiva.....	87
Figura 28 – Residente do Centro na atividade de cartografia afetiva.....	88
Figura 29 – Residente da Orla na atividade de cartografia afetiva.....	89
Figura 30 – Residente na atividade turismo e conflitos urbanos	90
Tabela 01 – Relação entre a cidade e o turismo – Baianão.....	91
Tabela 02 – Relação entre a cidade e o turismo – Centro	92
Tabela 03 – Relação entre a cidade e o turismo – Orla	93
Figura 27 – Cartaz da Secretaria de Cultura e Turismo de Porto Seguro	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD - Análise Textual Discursiva

FACDESCO – Faculdade do Descobrimento

IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

IPAC-BA - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IURAM –

MPF - Ministério Público Federal

OMT – Organização Mundial do Turismo

PDTIS - Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável

PMMA - Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica

PRODETUR - Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SEPLANTEC - Secretaria Estadual de Planejamento, Ciência e Tecnologia

SESC - Serviço Social do Comércio

SUDENE Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

(Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura)

USP - Universidade de São Paulo

VIPs - Very Important People (referindo-se a pessoas ilustres)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CAPÍTULO 1 - TURISMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO	17
2.1. O espaço como um produto social.....	17
2.2. Contribuições do turismo para produção do espaço	23
3. CAPÍTULO 2 – TURISMO E PORTO SEGURO	27
3.1. Contornos de Porto Seguro	27
3.2. O processo de urbanização de Porto Seguro	30
3.3. A turistificação de Porto Seguro.....	37
4. CAPÍTULO 3 - TURISMO E RESIDENTES	49
4.1. A relação e os conflitos	49
4.2. O local: Porto Seguro.....	54
4.3. O campo do conhecimento: O Turismo	60
4.4. A proposta da pesquisa: Os encontros.....	63
4.5. Os sujeitos: Os residentes	68
4.6. A metodologia do trabalho de campo: os grupos focais.....	71
4.7. A metodologia de análise do trabalho de campo: A ATD	74
4.8. O trabalho de campo: O olhar dos residentes	76
4.8.1. Foto-provocação	77
4.8.2. Check-list da cidade	83
4.8.3. Cartografia afetiva	86
4.8.4. Turismo e conflitos urbanos	90
4.8.5. Inclusão x Exclusão no turismo	94
4.9. Discussão dos resultados	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

1. INTRODUÇÃO

A prática do turismo pode ser encarada a partir de várias perspectivas, apresentando assim muitas possibilidades de análise sobre suas características e os seus efeitos. Não por acaso, a visão que costuma se impor está ligada ao viés econômico da atividade. Esse tipo de abordagem é bastante comum porque do ponto de vista econômico o turismo é um dos ramos que mais vem crescendo nos últimos anos.

Contudo, é preciso considerar que o turismo é antes de tudo uma prática social complexa e subjetiva que envolve dimensões culturais, políticas, antropológicas, ambientais, entre tantas outras. Um conceito elaborado por Moesch (2002) revela-se adequado para a desafiadora tarefa de compreender a complexidade da atividade turística. Segundo a autora, o turismo é:

Uma combinação complexa de inter-relacionamento entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. (MOESCH, 2002, p. 9).

Para efeito deste estudo, há a opção pelo entendimento do turismo como uma atividade complexa que, em decorrência da sua prática, influencia direta e indiretamente a dinâmica do local onde se insere. De modo a compreendê-lo como um fenômeno social contemporâneo onde o protagonista é o sujeito, seja como produtor ou consumidor dessa prática.

A partir dessas considerações, observa-se como a prática do turismo tem contribuído significativamente para o processo de urbanização e construção de novas espacialidades em muitos locais. O que pode ser notado na cidade de Porto Seguro, localizada no Sul da Bahia, onde a atividade turística tem sido um elemento influente no processo de transformação recente do local.

Contudo, percebe-se que ao mesmo tempo em que moradores ressaltam a importância da atividade turística para a comunidade, também atribuem efeitos prejudiciais como a devastação de florestas primárias, extinção de espécies nativas, marginalização das culturas indígenas, crescimento populacional

desordenado, precariedade da infraestrutura urbana, desorganização do trânsito, especulação imobiliária, descaracterização da arquitetura e paisagem (IPHAN, 2000), entre outros aspectos que serão detalhados neste estudo.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é estudar os desdobramentos da prática do turismo na vida de residentes de Porto Seguro a partir da análise de percepções de moradores sobre o processo de turistificação do espaço urbano. Para atingir tal propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Compreender o processo de produção do espaço urbano, considerando as contribuições dadas pela atividade turística;
- b) Identificar as principais transformações ocorridas nas últimas décadas na cidade de Porto Seguro, relacionando o papel da atividade turística com o processo de urbanização da cidade;
- c) Compreender a relação dos residentes com o modelo de turismo que vem sendo praticado em Porto Seguro.

Esses objetivos partem do pressuposto de que a atividade turística tem sido apropriada e conduzida como um instrumento para determinar as formas de uso do espaço urbano e as relações sociais estabelecidas na esfera local, sejam estas produtivas ou não.

Dessa forma, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de reflexões mais profundas quanto ao processo de turistificação da cidade de Porto Seguro. De modo que se espera com isso contribuir para a evolução do conhecimento acerca da prática do turismo e seus desdobramentos, sobretudo para os residentes de cidades turísticas.

Diante da relevância que esta temática possui para sociedade, considera-se que ela não pode ser conduzida através de um só ponto de vista. Nesse sentido é importante ressaltar a contribuição de outras pesquisas apresentadas nas últimas duas décadas, conforme observado no quadro 01 – Algumas pesquisas relacionadas ao Turismo em Porto Seguro.

Quadro 01 – Pesquisas apresentadas nas últimas duas décadas relacionadas ao turismo em Porto Seguro

TÍTULO	AUTOR(A)	INSTITUIÇÃO	ANO	ÁREA	CATEGORIA	PROPOSTA
O Éden Terrestre: A construção social de Porto Seguro como cidade turística	Ivana Tavares Muricy	Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais (UFBA)	2001	Ciências Sociais	Dissertação	Identifica os locais dotados de maior significação e os mais frequentados pelos turistas e aqueles mais frequentados pelos diversos grupos de moradores
Porto Seguro, “Berço da nacionalidade brasileira”: patrimônio, memória e história.	Leila Bianchi Aguiar	Programa de Pós-Graduação em História Social (UFRJ)	2001	História	Dissertação	Analisa algumas práticas que consagraram Porto Seguro como “o berço da nacionalidade brasileira”.
Migrantes em Porto Seguro-BA: atraídos e excluídos em um contexto de urbanização turística	Aleselma Silva Pereira	Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFBA)	2005	Geografia	Dissertação	Analisa a atual configuração da cidade de Porto Seguro, com um enfoque específico sobre a atuação dos migrantes, residentes na área periférica da cidade, no processo de produção da presente realidade urbana.
Porto (in) Seguro: A perda do paraíso: Os reflexos do turismo na sua paisagem	Cristina Pereira De Araújo	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (USP)	2004	Arquitetura e Urbanismo	Dissertação	Discorre sobre os reflexos do turismo na paisagem do município de Porto Seguro
O Imaginário da carta de Caminha e sua apropriação pelo turismo	Isabel Maria De Jesus Pacheco	Mestrado em Cultura e Turismo (UESC/UFBA)	2004	Turismo	Dissertação	Estabelece uma relação entre a Carta e o marketing turístico, representado por materiais (impressos e virtuais) coletados em agências locais.
História econômica e meio ambiente: Porto Seguro em perspectiva histórica	Vera Lúcia Travençolo Muniz	Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)	2005	História	Tese	Investiga o turismo como resultado do desenvolvimento econômico de um período e a compreensão da interação turismo e meio ambiente.
Cultura, turismo e identidade local: impactos socioculturais sobre a comunidade receptora de turismo – Trancoso, Porto Seguro, Bahia	Leonardo Thompson Da Silva	Mestrado em Cultura e Turismo (UESC/UFBA)	2006	Turismo	Dissertação	Enfoque nas mudanças socioculturais advindas do processo turístico e sua influência na identidade cultural da comunidade de Trancoso, Porto Seguro – BA, apontando o desenvolvimento turístico sob a ótica dos moradores.
Caracterização e análise do produto turístico costa do descobrimento: uma abordagem acerca do patrimônio cultural	Luis Henrique Brunelli	Mestrado em Cultura e Turismo (UESC/UFBA)	2007	Turismo	Dissertação	Caracteriza e analisa o Produto Turístico Global Costa do Descobrimento, bem como os produtos específicos que compõem este destino. Com ênfase à utilização do Patrimônio Cultural desta região - conhecida como local do Descobrimento do Brasil.
Uma abordagem geográfica do turismo em Porto Seguro	Clébia Rodrigues De Carvalho	Programa de Pós-Graduação em Geografia Física (USP)	2008	Geografia	Dissertação	Apresenta os vários processos de ocupação socioeconômica do extremo sul da Bahia e principalmente implicações socioambientais decorrentes do turismo.
Um olhar antropológico sobre a relação cultura – turismo em Porto Seguro – BA: reflexões sobre a baianidade	Edwaldo Sérgio Dos A. Júnior	Mestrado em Cultura e Turismo (UESC/UFBA)	2008	Turismo	Dissertação	Capta quais elementos culturais são privilegiados e apresentados aos turistas pelo trade turístico de Porto Seguro, segundo destino turístico do Estado da Bahia.
Análise das consequências do crescimento do turismo no município de Porto Seguro a partir da década de 90 sob o ponto de vista do desenvolvimento sustentável	Ivan Valadares Coelho	Graduação em Ciências Econômicas (UFBA)	2009	Ciências Econômicas	Monografia	identifica as estratégias adotadas pelo governo, através do PRODETUR, na tentativa de promover o desenvolvimento integrado do turismo sustentável na cidade de Porto Seguro, analisando as consequências dos investimentos públicos e privados realizados na região a partir da década de 90.
Porto Seguro- BA: O cotidiano do trabalhador e a espacialidade da cidade-mercadoria	Aleselma Silva Pereira	Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)	2017	Geografia	Tese	Analisa a vida cotidiana do trabalhador que habita na cidade de Porto Seguro, sobretudo o trabalhador migrante grapiúna que migrou a partir do final dos anos 1980 e que se tornou morador da periferia e principal força de trabalho das atividades características do turismo.
Turismo e produção do espaço em Porto Seguro a partir da década de 1970	Juliana Marin Dos Santos	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)	2017	Geografia	Monografia	Analisa as transformações ocorridas espacialmente, através do uso de imagens de satélites, uso de fotografias obtidas nos trabalhos de campo realizados e pesquisas anteriormente feitas na região.

Fonte: Elaboração própria, 2020

Estas pesquisas se relacionam com o tema proposto por conduzirem investigações através de múltiplas perspectivas quanto à relação entre o turismo e a cidade de Porto Seguro. Tais estudos revelam a significância da pesquisa como um aporte de indagações que objetivam a compreensão de uma realidade específica através de múltiplos olhares. Além disso, trazem abordagens relevantes para a observação e compreensão das relações estabelecidas entre a sociedade contemporânea e o turismo.

Ainda sobre este aspecto, outra questão relevante diz respeito aos métodos de pesquisa. Considerando o caráter interdisciplinar deste estudo, a investigação foi orientada pela abordagem qualitativa e utilizou como principal instrumento a técnica de grupo focal. Que para sua execução contou com a participação voluntária de residentes, e ainda com moderadoras e da pesquisadora como observadora. Os dados foram analisados através da técnica de análise textual discursiva, para permitir uma maior reflexão sobre as interações com os residentes nos encontros.

A partir do emprego desses referenciais foi possível pensar em um percurso para construção deste estudo que está organizado da seguinte forma:

O capítulo 01, Turismo e produção do espaço, implica em compreender o espaço como algo socialmente produzido a partir das necessidades e das relações de conflito entre diferentes atores. Assim, adotando-se como base os preceitos teóricos do filósofo Henri Lefebvre, busca-se colocar em perspectiva as características históricas, culturais e sociodemográficas que compõem uma cidade, com especial atenção ao papel que a atividade turística pode desempenhar no processo de produção do espaço urbano.

No capítulo 02, Turismo e Porto Seguro, busca-se investigar e identificar as principais transformações ocorridas durante o processo de expansão do espaço urbano da cidade de Porto Seguro. A partir da perspectiva dos territórios turísticos levantada por Rémy Knafou, é feita uma análise sobre um modelo de sociedade que passa a ser moldada como um produto do turismo. Nesta perspectiva se propõe uma reflexão sobre os caminhos que vêm sendo trilhado pelas cidades voltadas para a prática desta atividade.

No capítulo 03, Turismo e Residentes, cabe estudar o fenômeno turístico a partir do ponto de vista dos residentes. Assim, primeiramente, é feita uma contextualização das relações que costumam surgir entre residentes de cidades turísticas ao longo do processo de desenvolvimento do turismo. E, em consonância a isto, foi aplicada a metodologia dos grupos focais e da análise textual discursiva para melhor compreender esta relação aplicada à realidade local.

O caminho proposto culmina em um retrato desta relação, contribuindo para identificar as constantes transformações socioculturais, políticas e econômicas a que estão expostos os residentes de cidades turísticas. Além disso, este estudo oferece informações e reflexões acerca da prática do turismo nas suas mais variadas dimensões de forma a subsidiar outras discussões numa perspectiva interdisciplinar.

Espera-se ainda contribuir para consolidação de novas abordagens no campo de investigação, planejamento e ensino do turismo, intencionando, de algum modo, auxiliar na busca por mudanças através de uma forma de pesquisar que, além de uma perspectiva crítica, dialogue com as origens, formação, vivência e realidade de quem produz a pesquisa e dos diversos atores que dela participam.

2. CAPÍTULO 1 - TURISMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

2.1. O espaço como um produto social

Uma das etapas necessárias para compreensão do objeto deste estudo é a análise da construção do espaço urbano dentro do complexo fenômeno que é a cidade. Esta surge em determinados momentos, a partir de ações de diversos atores sociais, refletindo seus interesses e necessidades. Diante desse contexto, este capítulo se constitui em uma etapa para compreender as transformações do espaço urbano da cidade de Porto Seguro em função da atividade turística. Atividade que se assume ser a principal propulsora de transformações urbanas observadas nas últimas décadas, se constituindo um elemento chave para a atual configuração da cidade, não apenas na dimensão espacial, mas também social, cultural, entre outras. Neste aspecto, parte-se do pressuposto de que a produção do espaço implica não só em produção material, mas também de vida, de cultura, do modo de ser urbano. Desse modo, para que se possa compreender o processo conflituoso que é a relação turismo/cidade, é preciso ressaltar que a produção do espaço é, antes de tudo, um processo social e, conseqüentemente, histórico (COSTA; SOUSA, 2010).

Segundo Lefebvre (2008, p. 82) seja qual for o tempo histórico, uma cidade apresenta três características marcantes:

- A cidade é um objeto espacial que ocupa um espaço bem distinto, onde as relações entre dois espaços, o urbano e o rural dependem das relações de produção, ou seja, do modo com que se organizam os processos de produção material do homem;
- A cidade é uma mediação entre uma ordem próxima e uma ordem distante, onde o próximo é o campo circundante que ela domina e organiza, e a ordem distante é o conjunto da sociedade, neste caso, capitalista;
- A cidade é uma obra no sentido de uma obra de arte, onde o seu espaço é organizado e instituído segundo exigências éticas, estéticas e ideológicas do momento histórico em que são implantadas.

Assim, as cidades surgem como a materialização do urbano, de concentração de pessoas, do desenrolar de atividades produtivas (SIVIEIRO, 2006). Além da disposição de elementos tais como ruas, bairros, avenidas, caminhos e logradouros, os espaços urbanos evocam diferentes narrativas sobre uma determinada sociedade. O processo de urbanização de um espaço se dá a partir das mudanças e demandas espaços-temporais, sendo o resultado de ações que se fizeram no passado por meio das formas espaciais existentes juntamente com as ações contemporâneas. Se constitui ainda em condicionante social que se dá por meio do papel das obras construídas pelo homem, no processo de reprodução das condições de produção e das relações de produção. O espaço urbano também expressa características simbólicas, envolvendo as crenças, valores e mitos que são materializados em formas espaciais (SANTOS, 2014). Nas palavras de Park (1967) a cidade nada mais é do que

[...] a tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade, o homem recriou a si mesmo. (PARK, 1967, p. 03)

Considerando a afirmação de Park, Harvey (2014) acrescenta que a questão do tipo de cidade desejada não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que se deseja ser, do tipo de relações sociais buscadas, das relações mais satisfatórias com a natureza, do estilo de vida que se deseja levar, dos valores estéticos adotados. Assim, os indivíduos são os próprios produtores do seu espaço, mediado a partir de interesses e estratégias. Na busca contínua pelo desenvolvimento a sociedade produz e organiza o espaço por meio de suas ações. Assim, o espaço é fruto da ação humana e, segundo Castells (1983, p. 4) apud Soja (1993, p. 89), não é apenas reflexo da sociedade, mas a própria sociedade:

O espaço não é um “reflexo da sociedade”, ele é a sociedade (...). Portanto, as formas espaciais, pelo menos em nosso planeta, não de ser reproduzidas, como o são todos os outros objetos, pela ação humana. Não de expressar e executar os interesses da classe dominante, de acordo com um dado modo de produção e com um modo específico de desenvolvimento. [...] (CASTELLS, 1983, p. 4 apud SOJA, 1993, p. 89).

Santos (2012) reforça esta afirmação ao considerar que o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade, que por sua vez não se distribui uniformemente no espaço. E essa distribuição não é obra do acaso. Ela é o resultado de uma seletividade histórica e geográfica, que é sinônimo de necessidade. Necessidade essa decorrente de determinações sociais fruto das demandas e das possibilidades da sociedade em um dado momento. Considerando o espaço como de moradia, de vida, de trabalho, acrescentando-se ainda, de possibilidade para o lazer, faz-se necessário observar que “o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente” (SANTOS, 1996, p. 122), os quais incorporam ao espaço novas funcionalidades para usos diversos em tempos históricos distintos (SOUZA et al, 2013).

A partir de suas observações sobre o mundo moderno e as relações do homem com seu espaço diante da vida cotidiana, Lefebvre (1978) apresenta um conceito de cidade importante para se compreender as alterações que o tempo, as novas culturas e os aspectos socioeconômicos promovem nos espaços urbanos. Segundo ele: “A cidade é uma linguagem, uma escritura, mais exatamente. Escreve algo, escreve diante de nós um conjunto vivido, memorizado e imaginado” (LEFEBVRE, 1978, p. 189). E complementa dizendo que as cidades são como organismos vivos, que respiram, pensam, reagem, morrem e renascem (VIANNA, 2017). Definindo o urbano como lugar de enfrentamento e confrontações, unidade de contradições, Lefebvre explica a estruturação do espaço como:

[...] o resultado de uma história que deve ser concebida como a atividade de “agentes” ou “atores sociais”, de “sujeitos” coletivos operando por impulsos sucessivos, projetando e modelando de modo descontínuo (relativamente) extensões de espaço. Esses grandes grupos sociais, compreendendo classes e frações de classes, assim como instituições que seu caráter de classe não é suficiente para definir (a realeza ou a municipalidade) agem uns com e/ou contra os outros. As qualidades e “propriedades” do espaço urbano resultam de suas interações, de suas estratégias, seus êxitos e derrotas (LEFEBVRE, 1999, p. 117).

Portanto, perceber as mudanças na relação do homem com o espaço, tratado como objeto de compra e venda, e diferenciar aspectos de crescimento e desenvolvimento da cidade requer um estado de observação constante e o

reconhecimento dos agentes impulsionadores deste processo. Para Côrrea (2012), as relações sociais de produção ocorrem no espaço como um todo, produzindo nele múltiplas contradições e conflitos, nessa perspectiva, o autor aponta que a produção do espaço resulta da ação de cinco principais agentes sociais: proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

A produção do espaço, seja o da rede urbana, seja o intraurbano [...] é consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade. Os agentes sociais da produção do espaço estão inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial capitalista. Esses agentes sociais materializam os processos sociais na forma do ambiente construído, seja da rede urbana, seja o espaço intraurbano. Afirma-se que os processos sociais e agentes sociais são inseparáveis, elementos fundamentais da sociedade e de seu movimento. (CÔRREA, 2012, pp. 43-44)

Assim, não há como falar de modificações no ambiente sem considerar que a humanidade é a espécie que mais modifica o espaço em que vive. Entretanto, é importante considerar que essa modificação não é homogênea, pois a ação humana difere no tempo e no espaço. E cada sociedade em cada lugar do mundo possui suas próprias formas de se relacionar com o ambiente natural ao seu redor. O espaço em si precisa ser considerado a partir de sua organização e do sentido que lhe é dado. Não se resumindo aos seus aspectos físicos, é um produto social, contém espacialidades, ou seja, espaços produzidos através das relações de uso, de forças e de poder. Consideração esta que remete ao conceito de território. Uma categoria de análise do espaço geográfico que, ao lado dos conceitos de lugar e paisagem, se mostra fundamental para melhor compreensão do cenário aqui estudado.

Entende-se que toda sociedade possui uma concepção de território e se apropria deste a partir de seu uso e dos significados que a ele atribui. Para Milton Santos (1994, 2001), o conceito de território somente pode ser uma categoria analítica se considerado como território usado, neste sentido explica que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social (GOMIDE, 2011) que consiste no “resultado histórico do relacionamento da sociedade com o espaço, o qual só pode ser desvendado por meio do estudo de sua gênese e desenvolvimento” (MORAES, 2002, p. 63).

Em seu estudo sobre os efeitos territoriais da implantação das redes hoteleiras espanholas e portuguesas no Litoral Norte da Bahia Gomes Sobrinho (2011) ressalta que as concepções de território e territorialidade são conceitos híbridos resultado das relações de poder do estado, das empresas e das organizações e da sociedade. A territorialidade aqui é entendida como o conjunto de relações que se originam num espaço tridimensional sociedade-espaço-tempo, podendo estar suscetíveis a variações no tempo e no espaço; é um processo onde se travam as lutas cotidianas e envolve o exercício de relações de poder e a projeção dessas relações no espaço. Souza (2009) observa que diante desta perspectiva nenhuma dimensão das relações sociais é, por conta dessa compreensão, excluída ou negligenciada. E acrescenta que se se tratasse do conceito de “lugar”, já não seria mais a dimensão do poder que estaria em primeiro plano ou que seria a mais imediatamente visível, mas sim a das identidades, das intersubjetividades e das trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos de “lugar” enquanto espacialidade vivida e percebida.

O conceito de lugar, entendido como espaço singular e carregado de significações, assume contornos importantes no contexto deste estudo por representar um aspecto da história local, compreendido também enquanto vínculo afetivo, de pertencimento, como espaço vivido e produto das relações sociais. Pois, “uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano” (CARLOS, 2007, p. 20), os conflitos da contemporaneidade. Desse modo, o lugar pode ser entendido como ocupar um ponto na rede para estar inserido na geopolítica ou pode ser compreendido como a forma com que as pessoas enxergam a realidade, atribuindo-lhe significado a partir de apropriações afetivas que decorrem com o tempo de vivência num dado espaço. Dessa maneira pode-se dizer que seu estudo deve levar em conta sua possível abordagem enquanto o seu espaço físico, ressaltando aspectos identitários, ou ainda as experiências dos indivíduos com o espaço, evidenciando tradições e modos de vida particulares, com seus significados e dinâmicas próprias. Uma vez que cada grupo constrói a partir de suas possibilidades um espaço próprio que se caracteriza por representar sua forma de viver e de se relacionar.

Estas transformações espaciais ocorrem desde o momento em que o homem habita o espaço físico e o modifica conforme suas necessidades. E desta maneira, os espaços, em especial o espaço urbano vai adquirindo características físicas e simbólicas que o tornam único e singular. Lefebvre foi pioneiro ao afirmar que viver é produzir espaço. Além de uma dimensão material, há nessa afirmação também uma dimensão temporal. Uma vez que essa produção do espaço é resultado de vários momentos históricos diferentes que deixam marcas físicas na paisagem.

De modo que a paisagem se constitui em uma referência cotidiana dos habitantes de um lugar, trazendo em si a capacidade de agregar pessoas e valores, sendo a paisagem o primeiro diferencial, não só entre os chamados destinos turísticos, mas também entre as cidades de forma geral, contribuindo, inclusive para a determinação de hábitos e costumes, de acordo com as diferenças geográficas de cada localidade. Dias (2009, p. 269) trata a paisagem urbana como: “o cenário das ruas, das praças, dos parques, do meio ambiente natural, do mobiliário urbano, das fachadas dos edifícios e das demais áreas de convívio comum que retratam, nas sensações humanas, as lembranças de uma cidade”.

Sobre a paisagem urbana, Carlos (2007, p. 33) afirma que:

A ideia de paisagem na perspectiva geográfica liga-se ao plano imediato, aquele da produção do espaço analisado como produto das transformações que a sociedade humana realiza a partir da natureza em um determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas sob múltiplas formas de uso, seja através da construção da moradia, do lazer, das atividades de trabalho. Isto porque a natureza transformada pela ação humana, ao longo de uma série de gerações, surge enquanto modos de apropriação visíveis da paisagem, reproduzindo a história e a concepção do homem sobre o morar, trabalhar, viver. A paisagem, por sua vez, contém mistérios, beleza, sinais, símbolos, alegorias, tudo carregado de significados; memória que revela múltiplas impressões passadas, imagens impregnadas de história (CARLOS, 2007, p. 33).

Essas transformações marcam o espaço, criando sinais e signos que são historicamente incorporados à paisagem, reconhecidos e destacados por sua presença física ou por seu valor simbólico, contribuindo para a configuração do espaço também como um recurso turístico.

2.2. Contribuições do turismo para produção do espaço

O turismo possui certamente inúmeras maneiras e modos de influenciar a produção do espaço. Nas palavras de Cruz (2001) o turismo é um importante fator que, tomado isoladamente ou em conjunto com as demais parcelas que compõem o espaço geográfico, produz um território bem delimitado, visível e com características muito próprias, frutos do crescimento que esta atividade vem tendo nas últimas décadas. Ainda segundo a autora (2001, p.12) “a intensificação do uso turístico de dada porção do espaço geográfico leva a introdução, multiplicação e, em geral, concentração espacial de objetos cuja função é dada pelo desenvolvimento da atividade”. Luchiari (1998, p. 17) aponta que “algumas cidades chegam a redefinir toda sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico, reorganizando-se para produzir paisagens atrativas para o consumo e para o lazer”.

Cidades podem ser incorporadas, espontaneamente, ao circuito das localidades turísticas, devido à sua valorização (cultural) pela atividade ou, então, induzir o desenvolvimento do turismo, por meio de políticas e do planejamento, caso essa incorporação espontânea não ocorra, direcionando os equipamentos urbanos já construídos e aqueles a construir, em função de uma urbanização para o turismo. (CRUZ, 2001, p. 25)

O destaque é dado para grandes modificações que ocorrem no espaço urbano pelo e para o turismo, onde a transformação para o turismo é intencional, busca gerar novos fluxos e tem forte conotação econômica, reflexo da “descoberta” de qualidades específicas, atraentes, mas não necessariamente organizadas para atrair (MURTA, 2008). O fato é que esta atividade tem mostrado ser bastante eficaz na transformação das cidades, dos litorais, dos parques naturais, e outros... em locais muito parecidos entre si, ou pelo menos, com uma série de elementos, ligados à infraestrutura (aeroportos, hotéis, discotecas, bares, restaurantes, obeliscos, casario, festas, etc.), que mostram uma certa conectividade entre si.

A prática do turismo implica rearranjos espaciais, adaptação de elementos e reconfiguração da paisagem, por meio da revitalização de prédios e casarões, do desenvolvimento de atividades culturais, melhorias na infraestrutura urbana e de serviços, e da formatação de roteiros e atrações. Considerando-se que o turismo abrange uma série de elementos necessários para o atendimento das

necessidades de consumo dos visitantes – atrativos, facilidades de acesso, equipamentos e serviços, ao apropriar-se do espaço urbano, a atividade turística torna-se um dos principais agentes intervenientes da dinâmica das relações sociais estabelecidas, engendrando um processo dialético de produção de novas territorialidades. Nessa produção espacial, faz-se necessário considerar a luta dos diferentes atores locais, os incluídos e os excluídos; os nativos usuários do espaço litorâneo que tentam defender suas propriedades, ou bens de usos, contrapondo-se aos interesses dos empresários, dos agentes imobiliários e do próprio Estado, estes que se interessam pelo valor de troca do espaço, pois o transformaram em mercadoria. (CORIOLANO, 2006).

A relação entre o turismo e o espaço urbano gera um processo denominado turistificação que, de forma simplificada, pode ser entendido como o processo de transformação de uma área específica da cidade em função do turismo, seja para o turismo ou pelo turismo. Os espaços em turistificação representam uma interferência na linha histórica descrita pelas áreas de intervenção, criando ambientes que são comercialmente propícios para a prática do turismo, mas nem sempre coerentes com o contexto em que se inserem, podendo decorrer a segregação espacial de turistas e moradores e a elevação de preços de produtos, serviços e bens imóveis, o que pode prejudicar a população residente enquanto beneficia os empreendedores turísticos (MURTA, 2008).

O território turístico se formará através de uma prática social e uma rede de interesses e exercício de poder que envolvem os fatores sociais, políticos e econômicos dos atores envolvidos como empresários, políticos, população local, que almejam o desenvolvimento local/regional com a inserção do turismo. Ao analisar o território turístico Castro (2006) diz que:

Enfim o turismo constrói novos territórios e territorialidades ao promover inovações relacionadas à infraestrutura energética, transportes e comunicações, saneamento básico, expansão imobiliária com valorização do solo urbano; ao afetar valores, costumes e cultura da comunidade local, resultando uma série de efeitos favoráveis e desfavoráveis ao inscrever uma nova racionalidade espacial, numa conexão sistêmica entre o local e o global. (CASTRO, 2006, p.42)

A partir da noção de territórios produzidos pelo e para o turismo, Knafou (1996) apresenta uma interessante contribuição no estudo das relações entre turismo e espaço geográfico. Segundo o autor, os territórios turísticos, ou seja, territórios construídos exclusivamente para a ocorrência da prática turística são todas aquelas cidades que foram planejadas e criadas tendo o turismo como sua principal fonte de produção de renda. Seja qual for sua atratividade, o turismo é a base da vida da cidade ou da região. Nesta possibilidade, inserem-se até alguns países como algumas ilhas do Caribe que têm no turismo sua maior e única fonte de renda. Destacam-se também, grandes locais privados onde o turismo comanda uma série de atividades no entorno destes empreendimentos, como parques temáticos e os mega resorts. (SILVA, 2012)

Knafou (1996) destaca a existência de três tipos de situações onde o turismo se relaciona com a cidade. Assim, o turismo pode acontecer junto com o desenvolvimento do espaço urbano, anterior à sua existência, ou posterior. O urbano antecedendo o aparecimento do turismo é a situação mais típica. Ou seja, as cidades já existiam antes do turismo se apropriar de seu espaço urbano. Isso se deve ao fato que a urbanização é muito anterior ao fenômeno do turismo como o conhecemos hoje, atividade econômica organizada. As cidades que mais recebem turistas hoje em todo o mundo se encaixam nesta situação. Uma importante modalidade de turismo que se mantém nestas localidades é a voltada ao turismo histórico-cultural, por exemplo.

Quando o desenvolvimento do espaço urbano ocorre em consonância e simultâneo ao desenvolvimento do turismo, vislumbra-se o processo de urbanização turística do lugar. Ou seja, há uma estreita relação entre ambas e o crescimento do processo de urbanização depende do crescimento da atividade turística. Esta situação é característica por grandes projetos urbanos voltados para o turismo, frutos do planejamento territorial-urbano-turístico. Cidades como Las Vegas, Cancún e Atlantic City, são alguns exemplos.

A última situação, quando o urbano é posterior ao desenvolvimento do turismo, ocorre quando a atividade está ligada a destinações consideradas selvagens, com difícil acesso e pouca infraestrutura, mas com um potencial imenso para ser explorado. Na maior parte das vezes são os próprios turistas que

“descobrem” estas localidades e, a partir da divulgação entre amigos e parentes, levam o seu nome até os agentes promotores territoriais que trabalham com o turismo que, aos poucos, passarão a investir na localidade levando infraestrutura e serviços turísticos. Muitas vezes, os próprios turistas pioneiros passam a ser empresários do setor de turismo nestas localidades.

Enquanto atividade definidora da ocupação do espaço, o turismo atua requalificando os lugares e ao pinça-los acaba fragmentando o espaço, tendo como consequência desta intervenção transformações na essência e na vida que ocorre nestes lugares. O desenho territorial da cidade assume características complexas e apresenta-se fragmentado com relação a seu uso, a sua função, a seus fluxos, a seus habitantes e visitantes. Desse modo, por um lado o turismo produz ou transforma um espaço que seja apropriado ao jogo de interesse de classes, e por outro se apropria ou transforma um espaço no qual as relações sociais acontecem independentes da existência do turismo.

É importante frisar que para a produção do espaço turístico existem diversos agentes que agem no sentido de produzir o espaço urbano voltado para os interesses das atividades turísticas e, com efeito, para os seus próprios interesses. Para algumas regiões o turismo se coloca como única alternativa para o desenvolvimento econômico, deixando à mercê de agentes externos os caminhos da comunidade local. Isso ocorre quando uma vocação turística é construída ou imposta, levando uma lógica estrangeira a certos locais, fazendo com que este lugar se transforme para reproduzir uma nova configuração socioespacial, reinventando e criando novas funções para o espaço.

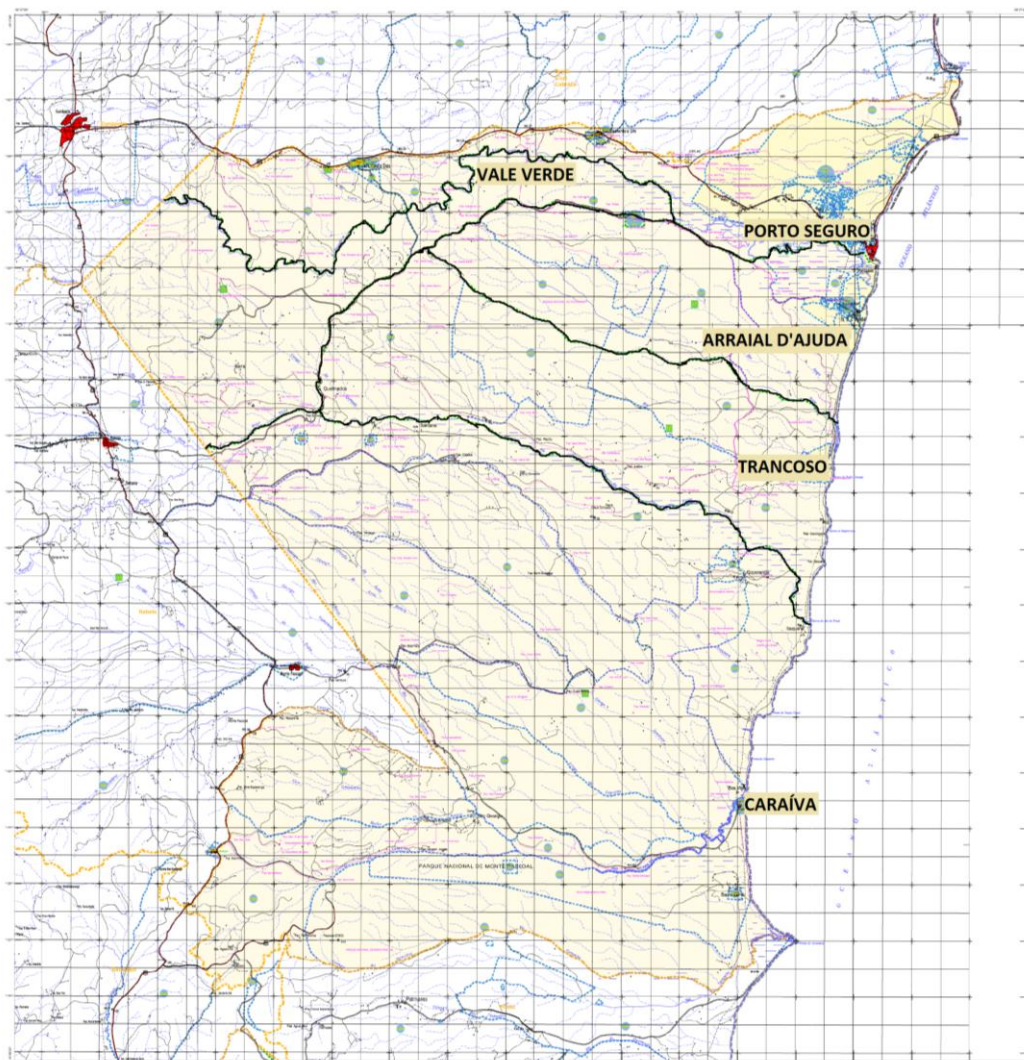
A seguir os aspectos levantados até aqui sobre a produção do espaço serão apresentados no contexto do cenário urbano presenciado na cidade de Porto Seguro. Com vistas a oferecer uma melhor compreensão da dinâmica que envolve turistificação do lugar e como um convite a analisar de forma contextualizada as transformações ocorridas nas últimas décadas.

3. CAPÍTULO 2 – TURISMO E PORTO SEGURO

3.1. Contornos de Porto Seguro

Porto Seguro é um município localizado no sul do estado da Bahia, que possui 2.408,5 km² e contava com 148.686 (cento e quarenta e oito mil, seiscentos e oitenta e seis) habitantes no último censo (IBGE, 2010). O município atualmente é constituído de cinco distritos: Porto Seguro (sede), Arraial D'Ajuda, Caraíva, Trancoso e Vale Verde, conforme é possível observar na figura a seguir.

Figura 01 – Mapa da cidade de Porto Seguro



Fonte: IBGE, 2010 adaptado pela autora

A maior concentração populacional localiza-se na sede, Porto Seguro. É nesta localidade que se concentrará este estudo dados os limites impostos pela pesquisa (tais como tempo e capacidade de operacionalização) e a necessidade de estabelecer recortes para uma abordagem mais aprofundada, conforme será melhor detalhado no capítulo 3.

Na sede é possível perceber três grandes áreas distintas:

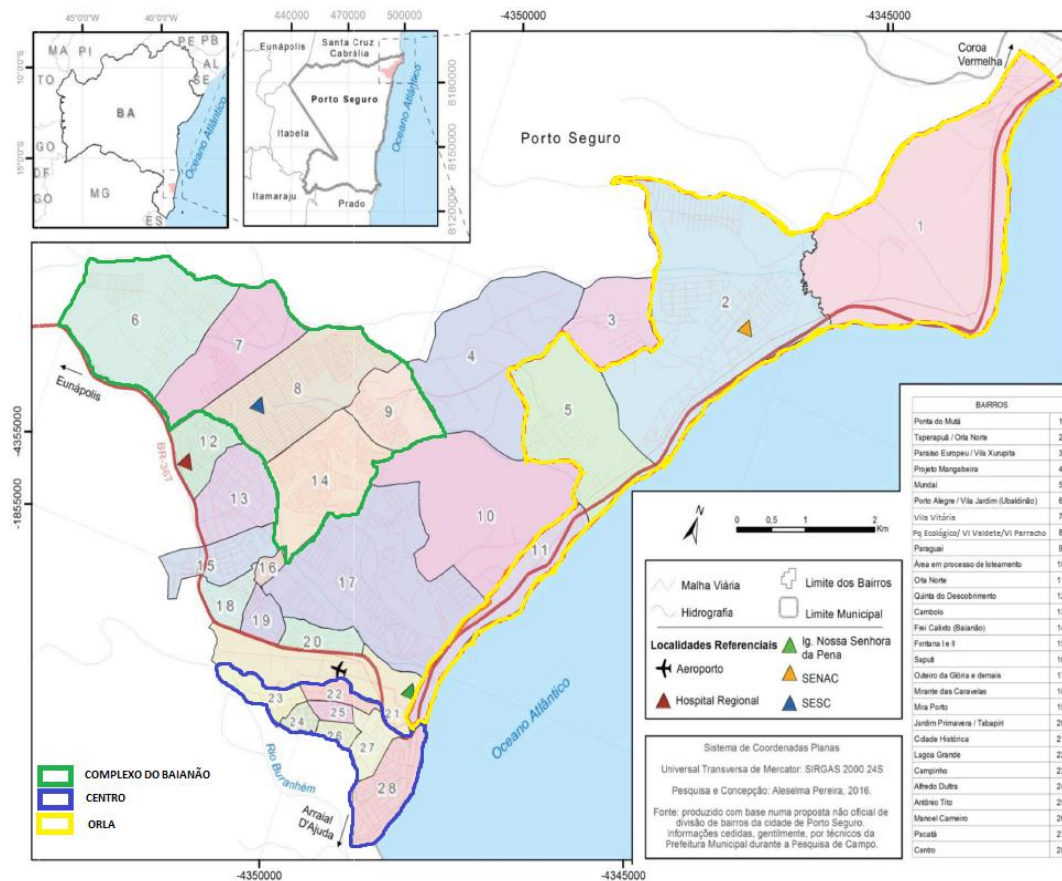
- A área da Orla, território de elevado fluxo turístico caracterizada por um conjunto de equipamentos e pela presença de inúmeros condomínios fechados, habitados por classe médias e altas, polarizada pela economia do turismo e do entretenimento. Além disso, parte da Orla abriga o Território Indígena Pataxó, que se estende até Coroa Vermelha;

- A segunda área é a do Centro, localizada na parte baixa da cidade e com origem associada a uma vila de pescadores. Atualmente esta região se caracteriza pela sua heterogeneidade, contando com a presença de moradores nativos e migrantes (tantos antigos, como em trânsito) e de muitos estabelecimentos comerciais. Essa área apresenta também uma periferia consolidada nas suas limiaridades, sobretudo na região do manguezal;

- A terceira área é a do complexo do Baianão, que tem expansão recente em relação às outras duas áreas, originado de uma ocupação irregular de terras, com características de área favelizada e circundada por diversos conjuntos habitacionais populares, está localizada na parte alta da cidade de Porto Seguro, é o território que mais se expande na cidade e é composto pelos bairros do Frei Calixto e Mercado do Povo, área central, e por mais sub-áreas, formada por conjuntos habitacionais que o integram: Paraguai, Vila Valdete 1,2,3, Vila Parracho, Porto Alegre 1 e 2, Ubaldinão (Vila Jardim), Parque ecológico 1, 2,3, e Vila Vitória. (SOARES, 2016).

Tal desenho pode ser visualizado na figura 03 – mapa de bairros da cidade de Porto Seguro, adaptado para destacar a divisão espacial supracitada.

Figura 02 – Mapa de bairros da cidade de Porto Seguro



Fonte: Adaptado pela autora com base em Pereira (2017)

Tais localidades diferem-se pelos diferentes tempos e formas em que o processo de urbanização foi constituído. Enquanto o Centro apresenta um processo de expansão iniciado entre os anos de 1970 e 1980, com a presença de população nativa e posterior transformação para uso comercial, a Orla, também nesse mesmo período, teve sua expansão ligada a empreendimentos turísticos e imobiliários. Enquanto isso, o Baianão, que originalmente se referia ao bairro do Frei Calixto, teve seu início de ocupação no final dos anos de 1980, através da ação de agentes ligados ao poder público local que atraíram migrantes de baixa renda, através de promessas de empregos e doação de lotes em troca de votos e outros interesses. De modo que essa população ali se estabeleceu e consolidou ainda um subcentro comercial.

O capítulo a seguir se dedica justamente a discorrer com mais detalhes sobre o processo de urbanização dessas três distintas áreas da sede de Porto Seguro.

3.2. O processo de urbanização de Porto Seguro

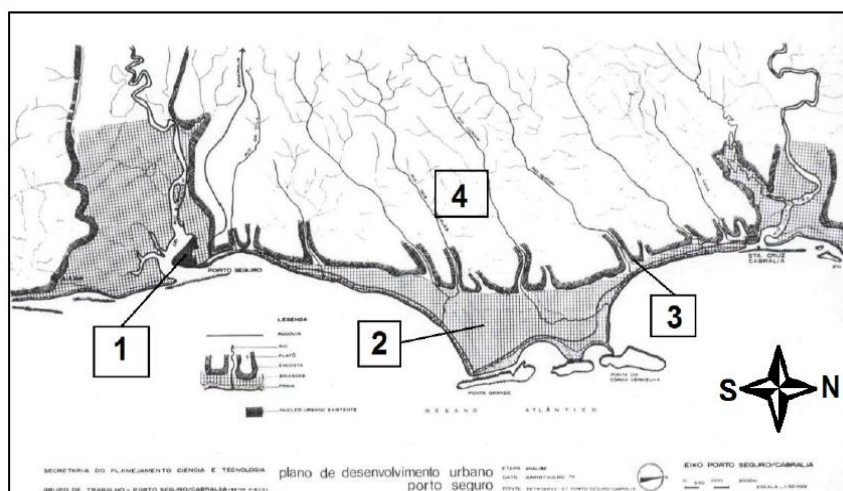
Porto Seguro é considerado o primeiro foco de formação urbana no espaço brasileiro. A gênese se dá a partir de 1500, quando a esquadra de Cabral aporta no local e toma posse da terra em nome da Coroa Lusitana. Desde então a cidade percorreu várias fases, como feitoria, capitania hereditária, vila, distrito, até chegar a ser elevada a categoria de cidade, em 30 de junho de 1891. Desde então até o ano de 2005, o município passou por diversas mudanças em sua configuração territorial com junções e desmembramentos de distritos até culminar na atual forma.

De acordo com Gottschall (1993), entre as décadas de 1950 e 1970, Porto Seguro apresentava uma urbanização maior apenas na Cidade Baixa, onde se situavam o comércio, o porto e grande parte das residências.

A Cidade Alta, apesar de conter no seu Centro Histórico a igreja mais importante do município, contava somente com reduzido número de habitantes (COELHO, 2009). Porto Seguro era um pequeno município que vivia principalmente da agricultura e da pesca, encontrando-se também isolado, uma vez que o péssimo estado de conservação das estradas impedia o fluxo de automóveis e o comércio e o transporte eram realizados praticamente por pequenos barcos.

O processo de urbanização da cidade começou a se intensificar justamente a partir da década de 1970, quando Porto Seguro passa por transformações econômicas e sociais muito significativas, como a construção da BR-367, que ligaria Porto Seguro a Eunápolis, o que facilitou muito o deslocamento de pessoas. Em 1974, houve a primeira tentativa de organização do espaço urbano pela administração pública para o Turismo, através do Plano de Desenvolvimento Urbano de Porto Seguro/Cabralia. Que foi promulgado em 1975 através da lei 146/75 e elaborado pelo Instituto de Urbanismo e Administração Municipal (IURAM), órgão vinculado à Secretaria Estadual de Planejamento, Ciência e Tecnologia (SEPLANTEC).

Figura 03 - Mapa do Plano de Desenvolvimento Urbano de 1974



Fonte: Plano de Desenvolvimento Urbano de 1974. In: Ornellas, 1974

Este plano não foi totalmente implantado pelo município de modo que a cidade continuou crescendo, mas sem um adequado acompanhamento da infraestrutura básica - como o sistema de abastecimento de água, fornecimento de energia elétrica, calçamento das ruas e coleta de resíduos sólidos - tendo apenas como órgão balizador o IPHAN, já que desde 1973, a cidade foi considerada “Monumento Nacional”, e como tal, requeria sua participação em quaisquer intervenções realizadas no município.

Assim, apesar do Plano de Desenvolvimento e da atuação IPHAN no município a cidade se expandiu em detrimento dos mecanismos de planejamento governamentais e justamente sobre os lugares considerados ambientalmente frágeis. A vinda dos primeiros turistas e os investimentos estatais para fomento de uma infraestrutura mínima e atrativos turísticos, atraíram também o setor imobiliário para a região e com isso a especulação imobiliária. A partir da década de 1970 a prefeitura concedeu vários aforamentos¹ a construtoras e imobiliárias com o objetivo de lotear e ocupar áreas “vazias” potencialmente atrativas ao turismo.

Em meados dos anos de 1980 a urbanização em Porto Seguro é influenciada pelo crescimento populacional por causa do declínio da população rural. Esse êxodo rural foi impulsionado pela expansão da celulose, crise da lavoura cacaueteira e altos investimentos no turismo. (MATOS et al, 2009). Na figura 06 – Imagem de satélite do ano de 1986 é possível identificar 3 núcleos de

Aforamento é o ato de concessão de privilégios e deveres sobre uma propriedade cedida em enfiteuse para exploração ou usufruto ao seu ocupante, pelo proprietário. Sobre essa negociação incide o pagamento do foro anual sendo que o foro nunca incide sobre benfeitorias, apenas sobre o terreno.

urbanização em 1986: um situado na sede de Porto Seguro (ao sul), outro no bairro de Taperapuã e o terceiro na Ponta do Mutá (ao norte).

Figura 04 – Imagem de satélite do ano de 1986.



Fonte: SANTOS, 2017

Na sede de Porto Seguro, houve um grande aumento na ocupação da cidade baixa com relação ao que pode ser visto no mapa do Plano de Desenvolvimento Urbano. O núcleo de urbanização avançou também para o platô em direção a BR-367. O segundo núcleo de urbanização localiza-se no bairro de Taperapuã e foi iniciado com o loteamento Village I, o primeiro de Porto Seguro. O terceiro núcleo de urbanização localiza-se na Ponta do Mutá e que em 1997 passou a integrar a Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha.

Segundo descrito por Santos (2017), o aumento da atividade turística nos anos de 1980 causou um aumento considerável nos preços dos imóveis do Centro e Orla Norte da cidade. A ocupação do Centro foi avançando pelo mangue e subindo a encosta em direção a BR-367 em seu trecho localizado atrás do aeroporto de Porto Seguro.

Na década de 1990, uma grande expansão urbana e ocupacional ocorreu com o surgimento dos bairros do Complexo do Baianão. Mais de quarenta mil

peças passaram a residir na localidade fugindo da região cacauera assolada pela praga da vassoura-de-bruxa e consequente falta de emprego. Moradores antigos relatam que as pessoas vinham das cidades próximas em grandes grupos, trazidas por caminhões e em busca de uma “vida melhor”. Assim, o Baianão passou a ser caracterizado como um local de moradia da classe trabalhadora.

Nesse mesmo período, a cidade cresceu também em direção à Orla Norte, surgindo os bairros Mundaí, Village e Paraíso dos Pataxós. Esses bairros foram ocupados por pessoas de classes média e alta e investidores que migraram para cidade em busca de um estilo de vida menos acelerado, ou simplesmente compraram para ter uma segunda casa de veraneio (FONTANA, 2000). Deste modo, conforme figura 05 – Imagem de satélite do ano de 1996, pode-se perceber uma aceleração do processo de urbanização, sobretudo ao final da década de 1980 e início dos anos de 1990.

Figura 05 – Imagem de satélite do ano de 1996.



Fonte: SANTOS, 2017

A partir de então Porto Seguro passa a apresentar realidades controversas: a atividade turística se tornava cada vez mais relevante para a cidade, ao mesmo

tempo em que surgiam grandes bolsões de pobreza em áreas periféricas da cidade. A urbanização ao sul continuou avançando sobre a área de mangue no início dos anos de 1990. Os moradores dessas áreas, pescadores em sua maioria, venderam seus imóveis, resultando na modificação da função dessas construções, as quais passaram a receber pontos comerciais (BIANCHI, 2001).

A especulação imobiliária, além disso, ocasionou a mudança forçada dos antigos proprietários para áreas periféricas da cidade e a partir de 1997, essa população foi removida para o bairro da Vila Vitória, integrante do chamado “Complexo do Baianão”. Neste período o núcleo de urbanização central ganha novos contornos e os bairros de Taperapuã, Mundaí e Paraíso Europeu ganham novos empreendimentos imobiliários. Os loteamentos Alto do Mundaí e Village II, em Taperapuã, são os primeiros da Orla Norte. E o núcleo de urbanização na Ponta do Mutá também cresceu bastante principalmente devido a demarcação da Terra Indígena Pataxós de Coroa Vermelha.

Através da figura 06 – Imagem de satélite do ano de 2006 é possível notar que a mancha urbana da região do Baianão aumenta consideravelmente.

Figura 06 – Imagem de satélite do ano de 2006.



Fonte: SANTOS, 2017

Cabe destacar que entre a década de 1990 e início dos anos 2000 houve um grande salto populacional na cidade. Movimento fortemente influenciado pelas comemorações dos 500 anos do Brasil e pelos investimentos que geraram a construção de muitos novos equipamentos turísticos e imobiliários. É também no início dos anos 2000 que surge o loteamento Outeiro da Glória, também situado próximo ao complexo do Baianão, porém, seguindo o padrão de infraestrutura dos empreendimentos imobiliários da orla.

Através da imagem de satélite, observa-se também que o Centro e os bairros do Baianão e Orla Norte aparecem ligados. Porém essa ligação dá-se somente por estradas como meio de interligar mais rapidamente a Orla Norte à BR-101. Inicialmente esse Anel Viário, como é conhecido, era apenas uma estrada de terra e somente 10 anos depois ele seria definitivamente construído. Apesar dessa união rodoviária da Porto Seguro dos turistas e dos moradores, a região periférica continua praticamente invisível aos olhos dos turistas.

Neste período foi regulamentado o Estatuto das cidade através da lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabeleceu diretrizes gerais para ocupação do solo e exigia a elaboração do Plano Diretor para cidades com mais de 20 mil habitantes. O Plano Diretor de Porto Seguro foi aprovado através da lei nº 651 de 17 de novembro de 2006. Através deste Plano Diretor foram instituídas administrações regionais na sede municipal com o intuito de agregar bairros vizinhos e com características semelhantes.

É também a partir deste momento que a prefeitura inicia a regularização fundiária do Baianão e bairros adjacentes, passando ainda a fazer um monitoramento sistemático da região a fim de evitar novas ocupações. Contudo, a partir de 2007, outras ocupações passam a surgir às margens do semi-anel rodoviário, através do Projeto Mangabeira, formado por diversas associações que promoveram a ocupação de fazendas cujos os proprietários estavam com dívidas junto ao Estado.

Na última década houve um adensamento ainda maior das áreas já anteriormente povoadas, o que é possível notar na figura 07 – Imagem de satélite do ano de 2017.

Figura 07 – Imagem de satélite do ano de 2017.



Fonte: SANTOS, 2017

Neste período foram entregues os conjuntos habitacionais do programa do Governo Federal “Minha Casa, Minha Vida”, na Vila Valdete 1, 2 e 3 (em 2011), Vista Alegre 1 e 2 (2014) e Vila Parracho (em 2016). Surgiram ainda novos loteamentos e empreendimentos imobiliários situados na região próxima ao complexo do Baianão e ao longo do Anel viário, como o Outeiro do São Francisco, Residencial Gaudí, Vila Pádova, Monte das Oliveiras e Outeiro de Taperapuã.

Os fatos aqui destacados buscam apontar para além das características históricas do local mas, sobretudo, contextualizar o processo de ocupação territorial do recorte espacial estudado. De modo que seja possível ilustrar como os interesses de diferentes agentes convivem em um constante jogo de forças na constituição de uma cidade. Dinâmica esta que pode ser fortemente influenciada ou acelerada em função determinados acontecimentos. O que no caso de Porto Seguro observa-se estar associada à prática do turismo nas últimas décadas, conforme pode ser visto até aqui e será um pouco mais detalhado a seguir.

3.3. A turistificação de Porto Seguro

Muitas das transformações ocorridas em Porto Seguro ao longo das últimas décadas foram fortemente influenciadas pela ideia de desenvolvimento através da atividade turística. Tais transformações contribuíram para um maior interesse por Porto Seguro enquanto destino turístico na medida em que propiciaram uma maior acessibilidade e realçaram o interesse pelo lugar. De modo que a história recente de Porto Seguro se confunde intimamente com a história do turismo no município. Havia – e ainda há – a crença da cidade como espaço de oportunidades para, a partir do turismo, se alcançar a prosperidade econômica. Conforme mostra a figura 3 - Manchete de capa do Jornal da Bahia em 1974, anunciando Porto Seguro como futuro maior polo turístico do Brasil.

Figura 08 - Manchete de capa do “Jornal da Bahia” em 1974



Fonte: Jornal da Bahia, 29 de março de 1974 (in ARAÚJO, 2005, p. 325).

Também nesse período, o Governo da Bahia passaria a conceber o turismo como uma prioridade estratégica, havendo, portanto, o desejo de apostar no turismo como uma atividade capaz de colaborar para o desenvolvimento econômico da Bahia (ANJOS JUNIOR, 2008). Assim, a promessa de futuro trazida a partir da construção da BR-101 possuía a clara intenção de promover o turismo no núcleo urbano de Porto Seguro. Com a construção aprovada em 29 de dezembro de 1964 pela lei nº 4.592, este evento é identificado como um marco que representa o início dessas profundas

mudanças que marcaram Porto Seguro e o desenvolvimento da atividade na cidade nas décadas seguintes. Esta rodovia, que tinha como objetivo a integração de grande parte do litoral brasileiro e a integração das capitais localizadas, estava inserida dentro de um plano nacional de desenvolvimento rodoviário que tem suas raízes no início do século XX. Neste período foram criados diversos mecanismos governamentais para planejamento e execução das obras rodoviárias tidas como essenciais ao desenvolvimento brasileiro, inclusive para implementação do turismo (SANTOS, 2017). A estrada é inaugurada, em 1973, e antes mesmo de estar concluída já provocava modificações na região, fomentando a especulação imobiliária e a dotação de uma infraestrutura mínima para o desenvolvimento do turismo, resultando em que a cidade progressivamente fosse atraindo turistas, investidores e moradores que contribuíram decisivamente para a modificação do local.

Figura 09 – Descerramento da placa de inauguração das BRs 101, 367 e 500, no dia 22 de abril de 1973



Fonte: Fontana, 2004.

Figura 10 – Inauguração das BRs 101, 367 e 500, no dia 03 de julho de 1973.



Fonte: Fontana, 2004.

Na ocasião, Porto Seguro era uma pequena cidade do interior baiano com uma população residente de 2.703 habitantes (IURAM, 1974). A cidade não contava com uma infraestrutura urbana mínima para o desenvolvimento do turismo, tampouco seus habitantes estavam preparados para atender ao crescente número de pessoas que chegava, sobretudo no verão. As possibilidades de comunicação com a cidade eram ainda pequenas. A linha regular de transporte aéreo, existente entre as décadas de 1950 e 1960, havia sido extinta e o movimento aéreo estava limitado aos vôos fretados em aviões particulares. Os transportes marinhos eram utilizados apenas internamente, e mesmo assim, se encontrava restrito a alguns poucos barcos a motor que

eventualmente faziam o transporte para as povoações próximas ao litoral e ao transporte regular de passageiros feito em canoa.

A água era comercializada em barris de 20 litros (chamados de carotes), que eram transportados nos lombos de jegues, tornando-se um cena comum no cotidiano da cidade, além de se constituir em importante forma de trabalho e renda dos segmentos menos privilegiados, até que o sistema de abastecimento de água encanada é inaugurado em 1971.

Figura 11 - Grupo de carregadores entrando na cidade na atual avenida 22 de abril, nas proximidades do Colégio Antônio Ricaldi, visto ao fundo

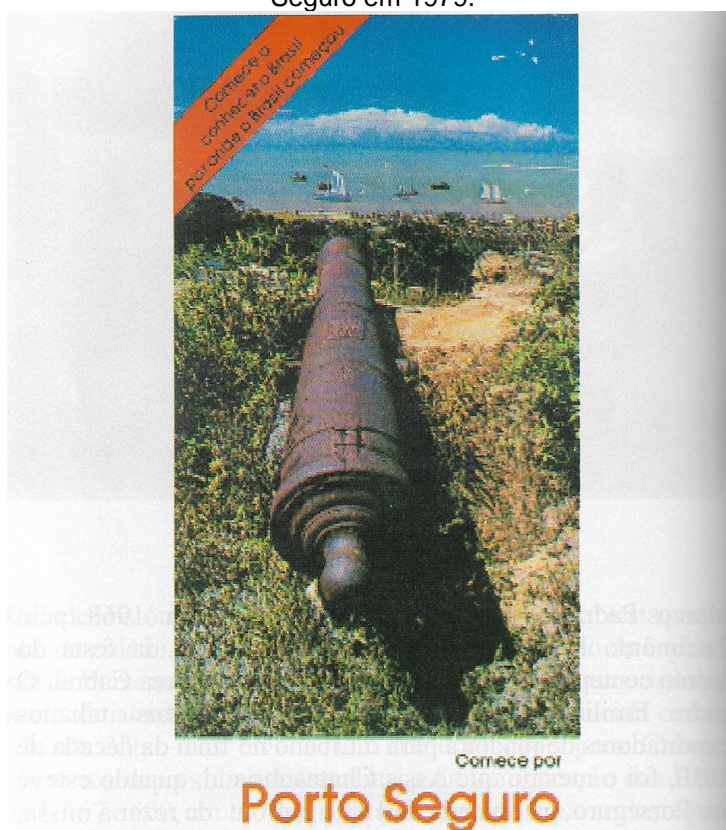


. Fonte: Agência Nacional - Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, 1970

A energia elétrica continuava a ser fornecida por gerador, que atingia quase todo o perímetro urbano. Os serviços de esgotos pluviais abrangiam apenas as ruas principais: Assis Chateaubriand, parte da Praça da Bandeira, parte da Avenida Portugal, Rua Pedro Álvares Cabral, parte da Rua Dois de Julho e parte da Getúlio Vargas. Estas eram também as únicas a possuir calçamento. Posteriormente, veio o sistema de energia elétrica, ansiosamente aguardado pelos moradores. Muitas pessoas do lugar viam essas transformações como algo positivo, era o tão sonhado progresso chegando à cidade. Havia um clima de euforia na cidade resultante das mudanças que estavam ocorrendo com a implantação da estrada.

Os poderes municipal e estadual demonstravam-se atentos às possibilidades e demandas do desenvolvimento turístico. Assim é, que a Prefeitura Municipal criou, em 1974, a Secretaria do Turismo, quando a atividade estava apenas se iniciando. O governo municipal não só se mostrava atento às possibilidades turísticas da cidade, como também demonstrava saber alimentar a mitologia existente em torno do berço do Descobrimento, lançando mão de alguns de seus símbolos, em momentos oportunos.

Figura 12 – Foto de folder criado pela Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Porto Seguro em 1979.



Fonte: Fontana, 2004

Mesmo sem contar com uma infraestrutura adequada ao desenvolvimento da atividade, o fluxo turístico intensificou-se rapidamente. As alterações percebidas se referiam sobretudo à estrutura ocupacional e urbana, ao aumento dos preços dos produtos locais, à especulação imobiliária e à conformação de dois períodos distintos no calendário local: a baixa e alta estação. Na alta estação, entre os meses de outubro a fevereiro, a cidade se voltava para atender aos anseios e necessidades daqueles que vinham de fora. Hotéis, pousadas, pensões, camping e até algumas casas de moradores eram ocupados pelos visitantes. Com a saída dos turistas, a cidade retomava a sua

calma, voltando-se novamente para seus moradores. Até então, a cidade não tinha muito a oferecer em termos de infraestrutura urbana nem de serviços. Contava com 792 imóveis em seu perímetro urbano, dos quais 147, o equivalente a 18,6%, eram ocupados por atividades de comércio e serviço. As atividades direcionadas mais diretamente para o setor turístico se resumiam: a 5 hotéis, 1 pensionato, 9 restaurantes e 1 cantina.

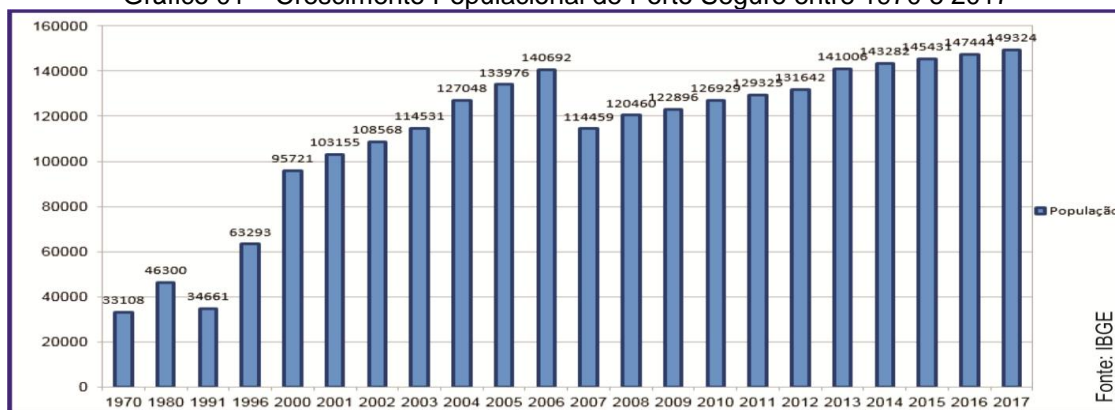
Na década de 1980, com o incremento da atividade turística surgem novos espaços voltados para o atendimento aos turistas. Na orla marítima, as barracas de praia provocam intensas transformações no espaço urbano. Em pouco tempo essas barracas tornaram-se um dos principais “*points*” turísticos da cidade. Logo, novos grupos de investidores chegaram à cidade, sobretudo aqueles ligados aos setores imobiliário e turístico. Grandes cadeias de hotéis, lojas, agências e operadoras de turismo se instalaram em Porto Seguro, ampliando as opções de serviços e lazer da cidade.

Essa mudança no tipo de turismo, agora mais empresarial e controlado por grandes grupos, foi acompanhada da exclusão da população em termos de oferta. As pessoas da cidade não tinham condições de competir com os grandes grupos vindos de fora, que passaram a dominar o mercado. A maioria dos moradores residente nas áreas mais valorizadas, como o centro da cidade, compreendendo a Avenida Portugal, Assis Chateaubriand, Getúlio Vargas, e na orla marítima vendeu suas casas estimulados pela súbita valorização dos imóveis. As pessoas foram progressivamente se transferindo para os novos bairros que surgiam, enquanto o centro da cidade e área litorânea foram sendo ocupados por grandes grupos de investidores vindo sobretudo do sudeste do país.

As pessoas de baixa renda passaram a se concentrar na periferia da cidade, em direção a BR-367, em direção ao município de Eunápolis, onde surgiram bairros populares como o Baianão e o Paraguai. As pessoas de maior poder aquisitivo passaram a residir na orla marítima, onde aos poucos foram abertos novos loteamentos e condomínios, por grandes construtoras como a Góes Cohabita, que comprou quase todos os terrenos da orla marítima em direção ao município de Santa Cruz Cabralia.

Assim, ao chegar à década de 1990 como o segundo maior pólo turístico do estado, com uma quantidade de leitos superior ao da capital baiana e se consolidando como um dos maiores centros de convergência de fluxos migratórios da Bahia, a cidade absorveu também grande parte da população oriunda do campo. A década do “boom turístico” viu a população de Porto Seguro triplicar de 13.661 moradores em 1991, para 103.155 na contagem de 2001, conforme pode ser observado no Gráfico 01 – Crescimento Populacional de Porto Seguro entre 1970 e 2017. Observando a evolução populacional do período, chama atenção também o salto entre os anos de 1995 e 1996, quando a contagem sai de 38 mil para mais de 63 mil habitantes, um grande aumento num período de apenas doze meses.

Gráfico 01 – Crescimento Populacional de Porto Seguro entre 1970 e 2017



Fonte: Jornal do Sol, 2017

Soma-se a isso o episódio recorrentemente contado pelos moradores de que o então prefeito José Ubaldino Alves Pinto (1988 – 1992), conhecido como Baiano, tentando angariar votos para a eleição de seu filho Ubaldino Júnior a Deputado Federal, teria prometido lotes em Porto Seguro para a população da zona cacauieira. Ubaldino Júnior foi eleito e o loteamento concedido. Além de boa parte da população passar a residir no Baianão, que não possuía a infraestrutura necessária para recebê-la, os serviços básicos não absorveram a demanda dessa população. A eletricidade, o saneamento e o asfaltamento chegavam apenas anos mais tarde (SANTOS, 2017).

Em busca de trabalho e da da fortuna prometida, os desbravadores e viajantes desconhecidos chegavam e contribuía também com a formação do território. As pessoas que chegavam, buscavam emprego, terra, oportunidade e dinheiro.

Eles chegavam à cidade em busca de oportunidades. Muitos vieram do próprio estado da Bahia, muitos destes deslocados em função da queda do ciclo do cacau nas regiões próximas, outros vieram de outros estados, como Espírito Santo e Minas Gerais, por exemplo, e também de outros países, passando a contribuir direta ou indiretamente para a formação da sociedade e da identidade local. Assim, o povoamento da região se deu a partir desse momento por diversos tipos humanos vindos de todos os lugares, atraídos pela região auspiciosa. Tendo a atividade turística contribuído nesse sentido não só para a configuração do espaço, como também para a construção da identidade cultural da região (JESUS, 2011).

Outro ponto relevante é que a partir desse momento o poder político passa a agir de maneira clara para acelerar o avanço do sistema de mercado na região, revelando uma subordinação primária ao capital, através dos investimentos provenientes do PRODETUR (Programa de Desenvolvimento do Turismo). Obviamente, não faz parte dos objetivos deste trabalho pormenorizar os aspectos estruturais do Programa de Desenvolvimento Turístico do Nordeste, contudo, faz-se necessário refletir sobre a importância que o Prodetur-NE teve para Porto Seguro e seus desdobramentos no cenário presenciado atualmente.

O PRODETUR é um programa que surgiu por meio de uma iniciativa dos governadores dos estados do Nordeste, sendo formalizado através da *Portaria Conjunta nº 001*, de 29 de novembro de 1991, da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE e do Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR, com o propósito de desenvolver o turismo integrado na região Nordeste e norte do Estado de Minas Gerais, que se encontrava sob jurisdição da Sudene.

O objetivo central do programa seria induzir investimentos em infraestrutura turística, buscando suprir as deficiências de infraestrutura básica e dos serviços públicos. Isso se daria nas " [...] áreas em expansão turística, onde a capacidade do estado não acompanhou a demanda por tais serviços" (BNB, 1995 apud CRUZ, 2000, p. 111). Os objetivos específicos do PRODETUR-NE foram elencados em torno do aumento do turismo receptivo, aumento da permanência dos turistas no Nordeste, indução de novos investimentos em

infraestrutura turística e geração de emprego e renda com a exploração direta e indireta da atividade turística (Tecnologia e Consultoria Brasileira S.A., 1996).

Dentro deste contexto, o Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia – PRODETUR-BA surgiu no mesmo ano e em 1992 foi finalizado o documento oficial da sua proposta de financiamento. Assim sendo, o Governo da Bahia contratou consultorias especializadas de reconhecimento nacional que estabeleceram as diretrizes do programa, estabelecendo-se sete zonas prioritárias: Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê, Costa do Cacau, Costa do Descobrimento, Costa das Baleias e Chapada Diamantina. Compreendendo os municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Belmonte, a Costa do Descobrimento foi o primeiro polo turístico de ação do Programa devido a já consagrada demanda de Porto Seguro e às comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, sendo a sua capacidade de atrair investimentos privados considerada a maior entre as zonas turísticas baianas. (ARAUJO, 2005).

Com o PRODETUR esperava-se que os investimentos básicos em infraestrutura de transporte, rodovias, saneamento, negligenciados devido a falta de recursos dos municípios e estados, fossem estimulados pelo setor privado. Contudo, o acelerado crescimento urbano em Porto Seguro continuou a ocorrer de forma desordenada e privilegiando o espaço turístico. Priorizou-se, então, a visão empresarial, investindo-se em infraestrutura pública e empreendimentos privados, e capacitação profissional e empresarial. Os interesses privados acabaram se sobrepondo ao interesse público, com um lastro de consequências amplo.

Desse modo, sob a roupagem de uma política de turismo, estes investimentos financeiros externos foram encarados como a “solução de todos os problemas”, isentando a responsabilidade de uma política urbana. O conjunto de intervenções implementadas pelo PRODETUR-NE para a cidade de Porto Seguro ao final da década de 1990 e início da primeira década do presente século contribuiu para a ascensão de Porto Seguro ao status de uma cidade turística e de um centro turístico consolidado, gerando o incremento da demanda turística. A cidade cresceu, mas sem um adequado

acompanhamento da infraestrutura básica necessária para atender a crescente população, bem como do seu grande número de visitantes sazonais que demandam serviços como abastecimento de água, fornecimento de energia elétrica e calçamento das ruas, e o conseqüente aumento da produção de esgoto e lixo (CARVALHO, 2008).

Percebe-se aqui o desenvolvimento prometido foi encarado como a atitude de criar, à um alto custo econômico, social, cultural e ambiental, contextos artificiais favoráveis ao grande capital, o que na vertente liberal do desenvolvimentismo se justifica como uma tentativa de crescer o produto da região favorecendo a mobilidade de capitais de outras regiões para a mesma. A partir dessa ótica, a formação do território passou a ser pautada pela abertura da expansão do capitalismo, seguindo diretrizes de políticas econômicas elaboradas, que prometiam promover na região um desenvolvimento modernizante, mas sem priorizar a qualidade de vida das populações regionais.

Cabe ressaltar que a especialização produtiva do território em escala internacional mascara e revela os interesses de atores hegemônicos em detrimento dos interesses da própria comunidade local (CARVALHO, 2008). Neste contexto, “agentes criadores e propagadores de redes pelo território, operadoras e agências de viagem têm papel fundamental na organização de redes de destinos turísticos e comandam, muitas vezes a distância, a formação e as dinâmicas de funcionamento dessas redes” (CRUZ, 2007, p.34). Que aqui pode ser ilustrado através do caso a CVC, por exemplo, que possui uma enorme expressividade como operadora de turismo no território nacional e em particular na cidade de Porto Seguro. A monopolização dessa operadora e ao mesmo tempo a falta de vínculos com o desenvolvimento da própria localidade se converte em um fator complicador para a economia do município, já que a maior parte do capital adquirido retorna para a sua matriz, em São Paulo.

Desse modo, a despeito de o ganho financeiro estar concentrado nas mãos do empresariado e do Estado, a população teve uma participação ínfima no que seriam os benefícios do turismo. O projeto de desenvolvimento não foi capaz de oferecer melhora na qualidade de vida da população de maneira geral.

Vale ressaltar, que a inserção da população esbarra frequentemente nos interesses dos agentes hegemônicos (política e/ou economicamente) que se beneficiam da lógica de desenvolvimento turístico dominante. Ao apropriar-se do discurso do desenvolvimento turístico local, bem como da ideia de que o trabalho possa ser um meio capaz de fazer com que os indivíduos consigam obter condições dignas de existência e de ascensão social, há uma apropriação das pessoas por meio da utilização da força de trabalho das populações que residem no lugar turístico como mão-de-obra. Porém, os trabalhos são, via de regra, não criativos, repetitivos, restando aos moradores locais os papéis de limpeza, atendimento ao público, garçons etc, conforme apontam Hintze e Almeida Júnior (2012).

Os reflexos dessa estratificação da mão de obra se expressam inclusive com relação ao salário necessário para garantir a reprodução da classe trabalhadora num dado padrão de vida. O quadro a seguir mostra a renda domiciliar per capita pela cor declarada na cidade de Porto Seguro entre os anos de 1991 e 2010, onde é possível perceber a diferença, sobretudo, entre negros (pretos e pardos), indígenas e brancos, evidenciando ainda os contornos de segregação racial que esta questão assume.

Quadro 02 – Renda per capita pela cor declarada na cidade de Porto Seguro entre os anos de 1991 e 2010.

	1991	2000	2010
RENDA PER CAPITA	R\$ 171,85	R\$ 381,84	R\$ 515,25
BRANCO	R\$ 312,94	R\$ 675,70	R\$ 856,40
AMARELO	R\$ 705,58	R\$ 3.003,95	R\$ 624,71
PARDO	R\$ 143,99	R\$ 282,57	R\$ 427,34
PRETO	R\$ 127,24	R\$ 274,29	R\$ 409,63
INDÍGENA	R\$ 45,24	R\$ 186,10	R\$ 223,43

Fonte: elaboração própria com base em IBGE, 2010

O que se observa diante desse contexto é que os habitantes de Porto Seguro, sobretudo aqueles oriundos da região cacaueteira, se restringiram, em sua maioria, à venda de sua força de trabalho para empreendimentos turísticos, os quais têm como proprietários empresários advindos de outros Estados. E embora em pólos distintos – moradores baianos versus empreendedores “de fora” –, algo os une: a grande dependência do turismo. O aumento da insegurança e do desemprego, a ausência de outras atividades econômicas e a

falta de novas perspectivas para a população são questões presentes na declaração de Laércio Gomes Silva (apud COSTA, 2005, p. 110) ao descrever a situação dos habitantes de Porto Seguro:

Veja que nós não temos emprego para isso, devido a sazonalidade de nossa economia. Nós não apostamos na indústria. [...] Como Ilhéus fez. [...] Não é como aqui que só é turismo, turismo, turismo. A padaria, o mercado, a lavanderia, tudo esperando pelo setor. Então inchou a cidade, mas houve benefícios para a população? Todo esse inchaço causa um grave problema para o setor turístico e para a população nativa. Essa especulação em torno do turismo não melhora em nada a vida do pequeno empresário. (SILVA apud COSTA, 2005, p. 110)

Para piorar o quadro de dependência econômica com relação ao turismo, o município não consegue atualmente manter um fluxo de turistas equilibrado ao longo do ano, capaz de ocupar permanentemente os mais de 40 mil leitos instalados na cidade (MESQUITA FILHO, 2006, p. 113). Uma das principais causas para essa concentração do fluxo turístico na alta temporada se refere a Porto Seguro ter optado por priorizar a modalidade de turismo de lazer (GERTZE, 2006, p. 52), que, como se sabe, é realizado, em grande medida, nos meses de férias e nos feriados prolongados, além dessa modalidade turística não contemplar uma segmentação mais clara (ANJOS JUNIOR, 2008).

O contexto atual de dependência e de grande oscilação da demanda colabora para a existência de duas questões recorrentes em Porto Seguro: i) a presença, no imaginário de muitos porto-segurenses, de uma espécie de volta aos “tempos áureos” do turismo em Porto Seguro; ii) a criação de novos produtos turísticos objetivando minimizar os efeitos da baixa estação, tema que será melhor explorado no capítulo 3. A questão de uma volta aos “tempos áureos” se resume à esperança que muitos moradores e empreendedores do município acalentam de que a cidade voltará a ser o que era antes, isto é, um pólo de grande atratividade para o turismo capaz de gerar muitos lucros para esses indivíduos. A questão aqui se refere menos a um suposto decréscimo da demanda turística de Porto Seguro, que de fato não aconteceu, e mais a uma opção estratégica equivocada que priorizou o turismo de lazer a despeito das características naturais e culturais da região.

Embora haja um enorme potencial para o ecoturismo e o etnoturismo, são raríssimas as atrações voltadas para esses setores. O patrimônio ambiental

disponível/desfrutável encontra-se seriamente ameaçado face ao aterro de alagadiços e manguezais, da ocupação desordenada em áreas de remanescentes de mata atlântica, e das atividades turísticas incompatíveis com a capacidade de suporte do meio ambiente (CUNHA, 2001). Entende-se que outras modalidades de turismo, como o ecoturismo, etnoturismo, turismo rural, turismo cultural e religioso, também não devem ser consideradas como sustentáveis ou menos predatórias simplesmente pelo fato de serem desenvolvidas na escala local ou de estarem vinculadas a impactos socioambientais menos significativos que os das destinações turísticas com grande fluxo e oferta.

Contudo, é notório como este tipo de turismo baseado na combinação “sol e praia” caracteriza-se por apresentar altas taxas de sazonalidade, por ter uma demanda concentrada nos meses de verão ou estiagem e em períodos de férias ou feriados prolongados, o que acaba se convertendo em superlotação, grande pressão ambiental e esgotamento de recursos na alta estação e momentos de recessão entre estes períodos. O que é especialmente comprometedor para uma cidade que adota o turismo como sua principal atividade econômica.

Por fim, vale ressaltar que nessa experiência de desenvolvimento local contraditório, observa-se que os mesmos fatos que, por de um lado, geraram o incremento da oferta turística, de outro, acabaram por acentuar as segregações espaciais. A elaboração de um lugar com características de “paraíso” findou por criar uma “cidade espetáculo”, idealizada para atender aos desejos da demanda turística, onde a prioridade é o visitante que passou a prevalecer em detrimento de aspectos que beneficiariam a população em suas necessidades básicas para o exercício da cidadania (SOARES e SOUSA, 2018). Surge assim, uma Porto Seguro onde indivíduos, a margem da estrutura montada pelo mercado turístico, encontram na atividade turística o emprego, mas não o direito à cidade, propiciando progresso sem a reconciliação com o trabalho e qualidade de vida. O que será objeto de análise no capítulo a seguir.

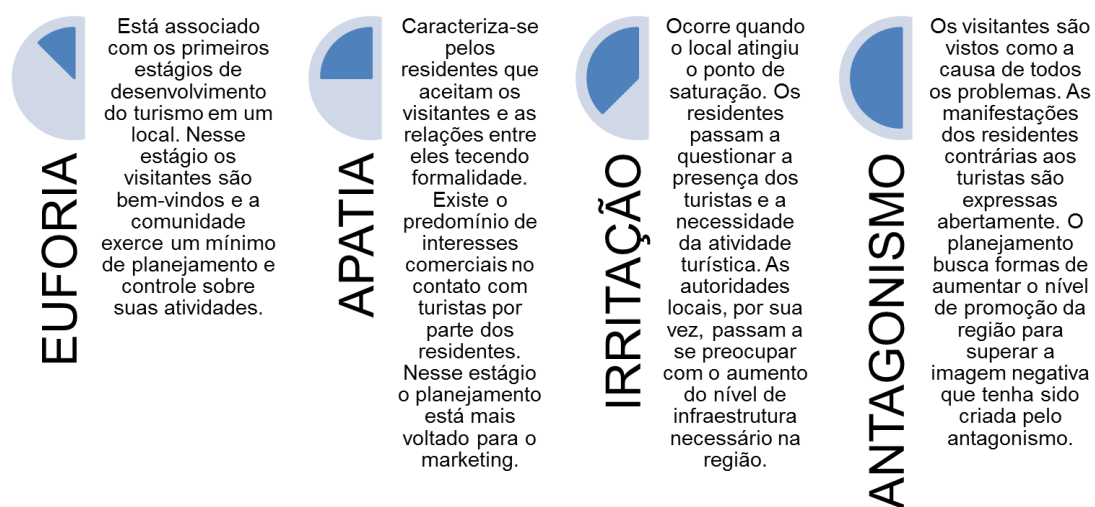
4. CAPÍTULO 3 - TURISMO E RESIDENTES

4.1. A relação e os conflitos

Quando se fala em comunidades anfitriãs a tendência é pensar em um grupo homogêneo e imutável, como se entre seus membros não houvesse hierarquias, classes sociais, divergências político-ideológicas, de interesses, lutas de poder e outras diferenças. Mas as comunidades raramente são homogêneas e suas características mudam com o passar do tempo. Doxey (1975) desenvolveu um índice que identifica a existência de efeitos recíprocos entre turistas e residentes, os quais podem ser medidos vários graus de “irritação” constituído de quatro estágios: euforia, apatia, irritação, antagonismo.

Esses estágios no relacionamento visitantes residentes compõem um quadro que pretende descrever a evolução gradativa dos sentimentos da população receptora em relação aos turistas e mostra que a atitude dos residentes pode variar da euforia, quando os visitantes são bem-vindos, até o antagonismo potencial, quando atitudes antituristas começam a crescer entre a população local. Conforme pode ser observado na Figura 13 - Modelo Irridex de Doxey:

Figura 13 - Modelo Irridex de Doxey



Fonte: Elaboração própria com base em Doxey (1975).

Ao procurar identificar e explicar os efeitos cumulativos do desenvolvimento da atividade turística sobre as relações sociais com o passar do tempo as fases do Modelo Irridex de Doxey apresentam a ideia de que o desenvolvimento da atividade turística em uma localidade acaba por interferir no comportamento da população e na forma como se relacionam também com a própria cidade em que vivem.

Inicialmente, o discurso de geração de emprego e renda e intercâmbio cultural encanta os residentes, que defendem as transformações ocorridas e as muitas que estão por vir no seu espaço, acreditando-se empreendedores em pequena escala. É a fase da **euforia**, do encantamento, do encontro, das relações amigáveis entre visitantes e visitados. Tal cenário pode ser percebido na cidade de Porto Seguro no início da década de 1970, quando moradores e turistas conviviam num mesmo espaço e a pequena infraestrutura turística instalada era ofertada pelos próprios residentes. Nesse primeiro momento, as pessoas viam as transformações trazidas em função do turismo como algo positivo, era o tão sonhado progresso chegando à cidade. Havia um clima de euforia na cidade resultante das mudanças que estavam ocorrendo com a implantação da estrada, por exemplo.

Contudo, o aumento desenfreado do fluxo de turistas, subordinando a população local a mudanças profundas no seu espaço e no seu cotidiano, muitas vezes finda por desumanizar essa relação, mantendo apenas seu aspecto comercial. A manifestação desse segundo estágio denominado **apatia** pode ser notado em Porto Seguro a partir da década de 1980, conforme descreve Muricy (2001):

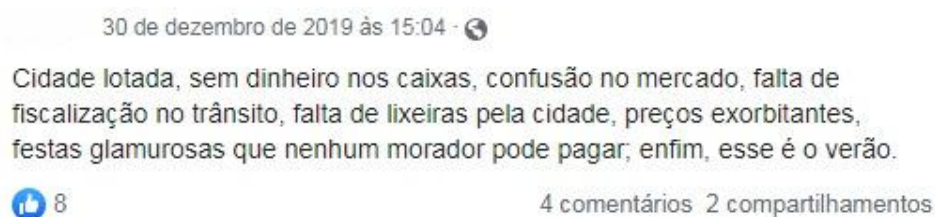
Se antes o uso comercial mesclava-se ao residencial, agora o local volta-se, quase que exclusivamente, para o comércio e os serviços.[...]. Casas residenciais foram transformadas em pousadas, restaurantes e bares [...] enquanto seus proprietários e moradores foram se transferindo para os bairros distantes, localizados na periferia da cidade.

Os poucos que resistiram a esse processo e permaneceram no local exploram comercialmente seus imóveis, dividindo o espaço interno entre moradia e estabelecimentos comerciais e de serviços, como lanchonetes, restaurantes, bares ou mesmo alugando quartos, em geral, construídos no fundo das casas para esta finalidade. (MURICY, 2001, p. 48)

Na terceira fase, quando surge o sentimento de **irritação**, o local já atingiu o ponto de saturação e os residentes passam a questionar a presença dos turistas e a necessidade da atividade turística. As autoridades locais por sua vez passam a preocupar-se com o aumento do nível de infraestrutura necessária na região. Tal dinâmica pôde ser observada em Porto Seguro próximo aos anos 2000, quando da implantação do PRODETUR I e II, em função das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, foram feitos suntuosos investimentos no âmbito governamental na tentativa de melhorar a infraestrutura local e atrair investidores. Por outro lado, tal evento ficou caracterizado pela exclusão da população local. Saturação é uma palavra que também ilustra bem tal cenário, seja relacionada ao aumento do fluxo turístico, bem como ao grande aumento populacional presenciado neste período.

Na última fase do índice crescente de **irritabilidade**, denominado antagonismo, as manifestações dos residentes contrárias aos turistas são expressas abertamente, tanto física como verbalmente. Tal qual como passou a acontecer após os anos 2000, quando passadas as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, os residentes perceberam que não estavam sendo contemplados com a atividade turística da forma que esperavam e os problemas urbanos passaram a se tornar mais evidentes. Essas manifestações contrárias dos residentes podem ser vistas, inclusive através de desabafos presenciais e nas redes sociais conforme mostra a Figura 14 – Publicação de residente de Porto Seguro no Facebook. Enquanto isso, as autoridades locais buscam formas de aumentar o nível de promoção da região para superar qualquer imagem negativa que tenha sido criada por esse antagonismo.

Figura 14 – Publicação de residente de Porto Seguro no Facebook

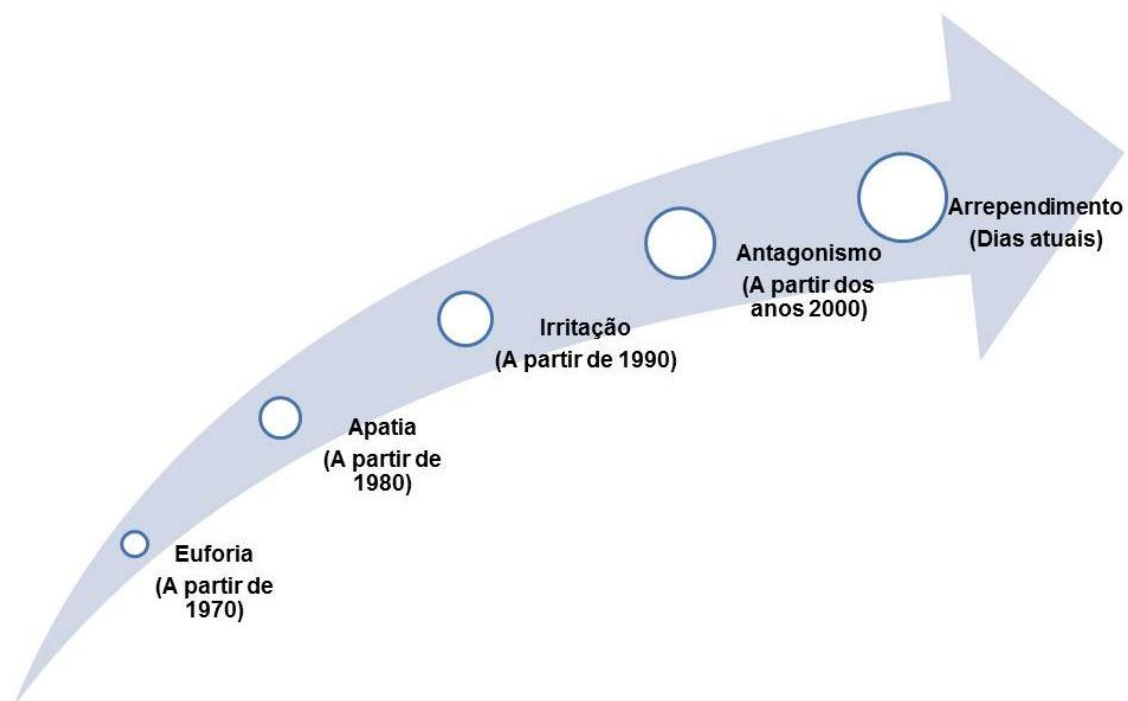


Fonte: Página de D. E. no Facebook²

² Disponível em: < <https://www.facebook.com/deiseefpsousa> > Acesso em jan. 2020.

Ruschmann, (1997, p. 47) complementa esse modelo com um 5º estágio, o **arrependimento**, em que os moradores se conscientizam de que a atividade turística proporcionou mudanças, e que eles nada fizeram para minimizá-las, porém, diante da proporção tomada pela atividade e pelo nível de urbanização alcançado, sabe-se que este não voltará a ser o que era antes do processo de degradação provocado pelo turismo de massa. Diante dessa conscientização, a população pode vir a se posicionar e escolher que tipo de turismo ela deseja para a comunidade. Já é possível perceber que muitos residentes da cidade de Porto Seguro que manifestam descontentamento com os efeitos causados pelo modelo de turismo que vem sendo praticado vêm atuando para atenuar ou se opor aos efeitos negativos que surgem em função da atividade turística. Seja na esfera pública ou da sociedade civil organizada. Como é o caso do Coletivo Praia Limpa, que atua na limpeza das praias, por exemplo. A Figura 13 – Linha do tempo do Modelo Irridex aplicado à cidade de Porto Seguro ilustra a associação feita entre a teoria de Doxey e o ciclo da atividade turística em Porto Seguro até os dias atuais.

Figura 15 – Linha do tempo do Modelo Irridex aplicado à cidade de Porto Seguro



Fonte: Elaboração própria com base em Doxey (1975).

Tanto Ruschmann (1997) quanto Swarbrooke (2000) fazem ressalvas a respeito da progressão desses estágios, enfatizando que se devem buscar medidas que evitem que a atividade turística chegue às etapas finais da escala de Doxey. Um estudo realizado – para identificar qualitativamente e quantitativamente a percepção dos moradores do local em relação às mudanças sociais ocorridas pelo desenvolvimento da atividade turística – em Brotas São Paulo mostra como esse índice é importante para o conhecimento de impactos e como é importante o protagonismo dos moradores locais (BALDISSERA & BAHL, 2012). As autoras pontuam que a inserção da comunidade se constitui em condição fundamental para a prática do turismo de forma responsável em um destino. Segundo Oliveira (2006, p. 3),

a percepção das pessoas, sobre determinado assunto, é sempre carregada de uma visão própria de cada indivíduo, formada a partir de variáveis como meio social, história de vida, nível de escolaridade, religião, atividade econômica, entre outros. Consequentemente, cada indivíduo percebe o mundo qualitativa, efetiva e valorativamente, e é a partir dessa percepção que define seu modo de relação com a sociedade (OLIVEIRA, 2006, p. 3).

A percepção dos moradores sobre o turismo é necessária para compreender como eles veem a atividade, e como estão inseridos na mesma. Sendo assim, julga-se de fundamental importância lembrar que os possíveis aspectos negativos promovidos pela intensificação da atividade turística somente serão amenizados através de um planejamento participativo onde os atores sociais que integram as manifestações das culturas populares estabelecerão os limites daquilo que pode ser mudado, interpretado ou incorporado. Sem essa participação ativa, essa manifestação torna-se mero espetáculo, sem ligação com a localidade e encenado unicamente para “o turista ver”

Valene Smith (1989) destaca que a entrada do turismo geralmente beneficia economicamente uma comunidade, mas o turismo em excesso, ou tipo errado de turismo, pode despojar uma comunidade e marginalizar os residentes. Os problemas relacionados ao turismo se exacerbam quando o interesse econômico passa a interferir negativamente nas relações sociais dos lugares de atração turística, quando os interesses na atividade são direcionados apenas pela ultra mercantilização, conforme já apontado em anteriormente.

4.2. O local: Porto Seguro

Isto posto, vale ressaltar como a atividade turística no mundo moderno vem sendo apropriada por discursos que refletem e mascaram interesses políticos e econômicos, muitas vezes transitórios, em detrimento da atenção às necessidades cotidianas e efetivas da comunidade residente. Ao evidenciar os caminhos que a atividade turística tem traçado na cidade de Porto Seguro, ressalta-se a partir disso as contradições e os limites de um paradigma ancorado em modelos externos à localidade que acabam por negligenciar condições básicas de sobrevivência para população local.

Essas observações apontam para a existência de um plano de ação deliberado do governo local, das elites municipais e dos interesses comerciais em uma cidade para criar espaços e lugares que possam atrair muitos visitantes e gerar lucros consideráveis. Contudo, os investimentos direcionados para atender apenas às demandas do turismo como gerador de lucro, em detrimento das reais necessidades e anseios da população residente, geram uma relação conflituosa entre a população/cidade que vivencia esta relação de compra e venda do espaço como mercadoria.

Diante disto é preciso considerar também que convencer o residente a se despojar de seu espaço, sua cultura e sua tranquilidade é tarefa que só pode ser cumprida com a conivência da população. Uma vez que as relações sociais necessárias para que o turista se encante com a cidade visitada não podem ser forçadas. Assim, a partir do apelo de que o turismo traz riquezas para a cidade, garantindo emprego e renda, a população residente é devidamente trabalhada para aceitar a chegada dos visitantes, muitos deles, de modos/costumes incompatíveis como a cultura local.

A ideia que se vende é a que o visitante, mais do que recepcionado, deve ser acolhido para que fique à vontade, satisfeito, consuma o mais que puder, e retorne, de preferência, trazendo amigos e familiares. Seguindo tal lógica, a população com a intenção de obter benefícios da atividade, muitas vezes encarada como “[...] mais uma esperança de efeitos supostamente

messiânicos” (YÁZIGI, 2003, p. 15), aceita e contribui diretamente em todo o processo. Voltando seus olhos para o retorno financeiro, os residentes se rendem ao discurso do turismo como atividade “salvadora” e se entrega às mudanças advindas do fluxo intenso de pessoas, sem, inicialmente, se dar conta das consequências que isto trará ao seu cotidiano (VIANNA, 2017).

Cooper et al (2001) enfatiza que neste processo pode acontecer que os costumes locais sejam utilizados para satisfazer o visitante à custa do orgulho e da dignidade da população local. O servilismo passa a pautar o trabalho dos residentes que atuam na prestação de serviços de apoio aos turistas, de modo a torná-los uma espécie de mercadoria. Ouriques (2005) corrobora com tal reflexão ao discorrer como o servilismo dos nativos serve para confirmar aquilo que o turista já pensava antes de viajar: “que no país visitado ele será tratado como um rei, porque os nativos são pobres e necessitados de dinheiro”. Assim, a cidade sucumbe ao turismo sem se preservar, aderindo aos modismos, alterando seu modo de vida, destituindo-se de seus valores, sem observar que o visitante, na verdade, encarna um personagem, com atitudes que não fazem parte da sua realidade, nem da dele mesmo. O visitante vem em busca de uma experiência idealizada, planejada passo a passo e vivenciada antecipadamente, sobretudo tendo como base o que lhe foi “vendido” acerca daquele destino.

Exemplo disso pode ser observado durante o período chamado de “Semana do Saco Cheio”, durante muito tempo, uma alusão à semana que contempla os feriados de 12 e 15 de outubro. Diante desta “janela” no calendário letivo, o *trade* turístico de Porto Seguro, há anos, passou a formatar uma série de shows e eventos visando atrair um fluxo maior de turistas, em especial grupos de jovens estudantes de classe média em viagens de formatura do ensino médio. Há alguns anos, a prefeitura de Porto Seguro, em associação com empresários locais, detectando esse novo nicho de mercado estendeu a programação da “Semana do Saco Cheio” para todo o mês de outubro. Desta maneira, ao longo de 30 dias, há shows diários com grandes nomes da música brasileira, sobretudo do *axé music*, realizados em espaços privados como cabanas de praia e arenas. Por vezes, durante a permanência de tais grupos, alguns jovens costumam protagonizar episódios públicos de uso abusivo de

álcool e drogas, atos de incivilidade com os residentes e até mesmo de vandalismo com o patrimônio público e privado.

Simões (2005) chama atenção para o fato de que o perfil de jovens turistas que visitam a região em busca de festas e pouco se interessam em conhecer a cultura e o rico patrimônio histórico-cultural da região, faz com que Porto Seguro ainda seja considerado como um destino ancorado na combinação sol, praia e diversão. Assim, os residentes participam cotidianamente dessa dinâmica (de forma voluntária ou não) e por vezes, sobretudo os jovens, se apeteçam de tal estilo de vida e padrões de consumo dos turistas - mesmo que estes estejam distantes de suas realidades-, o que corrobora o contexto social de marginalização, criminalidade e exploração da população local.

Outro fator que é preponderante neste quadro diz respeito à falta de noção de pertencimento da população em relação ao seu espaço e a perda da noção de cidadania e identidade cultural. O resultado dessa desconexão de identidade generalizada se reflete na relação de cada um com o novo espaço, que agora não é mais só seu; o que se traduz numa completa desapropriação do indivíduo em relação ao seu espaço de origem como retrato da dinâmica de cosmopolitização trazida com a turistificação do lugar. Nesse processo, até a cultura local é adaptada para satisfazer aos visitantes. A espetacularização da cultura, assim como a alteração das paisagens, é uma prática ambígua do turismo, que finda por envolver e ludibriar tanto visitantes como residentes.

Uma situação que ilustra tal questão diz respeito às festas populares locais, como o São João, por exemplo. Onde, numa outra tentativa de criar mais um período do ano com atrativos para o turista, em 2015, surgiu o São João Elétrico, uma festa junina produzida aos moldes de mercado pela gestão municipal. Considerada pelos seus idealizadores como “produto” turístico, é uma festa que acontece em um espaço público, a Passarela do Descobrimento, cuja programação consiste em uma festa noturna com shows musicais de artistas com projeção na mídia nacional no momento em que a festa é realizada. Ainda que não sejam relacionados ao gênero musical que tradicionalmente é um elemento identitário dos festejos juninos nordestinos: o forró. O que se observa a partir disso é que a cultura deixa de ser pensada pelo

seu significado histórico ou de identidade, adotando um significado prioritariamente comercial.

Outro ponto relevante a ser considerado diz respeito ao tipo de turismo desenvolvido numa localidade e a relação com a capacidade de absorção do destino. Cooper et al (2001) observam que uma destinação que é essencialmente atrativa por suas praias e dias ensolarados provavelmente terá uma demanda sazonal alta, sobretudo em épocas das férias escolares e de trabalho, ou eventos especiais regulares que acontecem no local. De modo que a ocupação das casas de segunda residência, que geralmente tendem a ser ocupadas durante determinadas estações, aumentam o estresse da comunidade neste período, pois, os turistas consomem os mesmos bens e serviços utilizados pelos residentes. Assim, “se os turistas competem com os moradores por um limitado recurso, então o resultado tenderá a ser negativo para a população local, como consumidor, assim como produtor” (DE KADT, 1979, p.75).

Archer e Cooper (2002) destacam que em função do fluxo de turistas há uma superlotação das instalações que eles devem compartilhar com a população local e “em casos extremos esta última pode ser impedida de desfrutar das instalações naturais de seu próprio país ou região” (ARCHER; COOPER, 2002, p. 95). Robinson (2001) destaca que essa competição por recursos naturais e pelo uso de instalações, também envolve o grau de distância social e econômica entre visitantes e visitados. Um exemplo disto é o acesso às praias e os parques. Uma reclamação comum é que tais serviços e meios ambientais estão vedados aos residentes locais em favor dos turistas e dos residentes mais ricos. Aos olhares mais atentos, tais aspectos podem ser percebidos no cotidiano da cidade de Porto Seguro, sobretudo nos períodos de alta estação, conforme descreve Pereira (2017):

No dia 31 de dezembro, os empresários de várias barracas promovem festas que ocupam, também, a praia e incluem show pirotécnico. Há um ponto específico na orla que permite visualizar vários shows de queima de fogos, para onde fluem muitas pessoas que gostam desse tipo de atrativo. Contudo, o preço cobrado para utilizar a estrutura e serviços das barracas é alto. Alguns trabalhadores que não abrem mão dessa localização estratégica fazem a provisão de uma estrutura razoável – levam comidas e bebidas e se posicionam no entorno das barracas bem estruturadas a fim de festejar a passagem do ano. Contudo, não há sanitários

públicos na praia e a circulação neste espaço é inibida pela presença de seguranças das festas que são da iniciativa privada e que ocupam boa parte da praia (PEREIRA, p. 97, 2017).

Essa disputa pelo uso das instalações e recursos no destino podem causar sérios desdobramentos na vida diária, aumentando a rejeição e a irritabilidade da população local em relação aos visitantes. Essa saturação do destino ocorre, em geral, quando um ritmo rápido de desenvolvimento ou sazonalidade do mercado provoca coexistência num mesmo espaço de um grande número de turistas comparado com a população local. Nestes períodos de aumento de fluxo, não é incomum presenciar em Porto Seguro a população local privada no seu cotidiano de necessidades básicas como o uso das vias urbanas, acesso aos serviços de água, dinheiro nos caixas eletrônicos, ou em determinadas circunstâncias, até mesmo de alimentos.

Este último pode ser agravado pelo fato de que, diante do cenário de dependência do turismo, em muitos locais as comunidades que viviam do setor primário, seja da agricultura ou da pesca, por exemplo, vem perdendo pessoas para o setor terciário, gerando consequentes efeitos na estrutura social bem como na economia local. Ocorre a partir daí uma renovação de atividades, que passam a exigir maior profissionalização para atender a demanda de alta temporada. Contudo, essa maior profissionalização não está acessível a todos, sobretudo àqueles que possuem menor escolaridade. Além disso, os postos de trabalho abertos pelo turismo para os residentes, principalmente entre os mais pobres, de modo geral são operacionais e sazonais – ocorrendo em períodos de alta temporada -, e os níveis salariais de modo geral são baixos, se comparados com funções administrativas equivalentes em outros setores da economia. O que na prática se configura num cenário de empregos precários e instáveis para grande parte da população.

Uma pesquisa realizada em dezembro de 2017 no residencial Vila Parracho, um dos conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa, Minha Vida localizado no Complexo do Baianão, oferece pistas sobre a dimensão deste cenário. Através do diagnóstico social foi constatado um alto índice de pessoas sem ocupação no residencial e bairros vizinhos. Entre os respondentes, 61,1% informaram estar desempregados. Sendo que entre as 38,9% pessoas não foi

aferido se havia algum vínculo empregatício. Em relação à renda familiar, observa-se que 84% das famílias têm ganho inferior a um salário mínimo. E as famílias que têm renda entre 1 e 2 salários mínimos correspondem a 6% da população e 7% de 2 a 3 salários (MÉTODO, 2017).

A constituição histórica, assim como o cenário atual do Baianão e bairros próximos é emblemática para evidenciar como em Porto Seguro a prática do turismo fundamentada no lucro, sustentada pela combinação de imagem do paraíso e visitantes em profusão, promoveu o incremento da demanda turística, porém não proporcionou a inclusão social dos residentes, tampouco uma melhor redistribuição de renda para a população.

Socialmente, poucos são os nativos que se beneficiam do turismo. O custo de vida em geral (alimentação, aluguel, etc.) ficou muito alto. A maioria tem emprego de baixa qualificação e salário pequeno, além de sazonal, vivendo em subúrbios ou favelas. Essa marginalização, a prostituição e o tráfico de drogas, também estimulados pelo turismo “festivo” ali promovido, geram um contexto social de pobreza, criminalidade e violência muito parecido ao que ocorre a periferia de Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo (GERTZE, 2006, p. 54 apud ANJOS JUNIOR, 2008).

Neste sentido lançar um olhar para a população como protagonista deste cenário se faz fundamental partindo primeiramente do reconhecimento de que esta, não raro, não está inserida na divisão dos benefícios advindos da atividade, sendo vítima de consequências adversas; e também, refletindo sobre os seus papéis nesta relação, de modo a compreender as reais implicações da atividade turística na vida de todos.

Assim, se faz necessário o uso de instrumentos e teorias capazes de proporcionar uma aproximação da complexidade das relações, processos, estruturas, conflitos e hegemonias que envolvem a vida dos seres humanos em sociedade. O que no que no âmbito desse estudo corresponde a compreender especificamente as interações entre os residentes e os diversos aspectos relacionados à atividade turística.

4.3. O campo do conhecimento: O Turismo

Uma vez que tal estudo centra-se na forma como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas vivem, é preciso fazer algumas considerações sobre os critérios epistemológicos adotados no contexto desta pesquisa. O primeiro deles é que a produção de conhecimento em turismo muitas vezes se encontra a serviço de grupos (de empresários, de universidades, de governos, de planejadores, de investigadores etc) permeados com ideologias e pragmatismos de um paradigma cultural hegemônico. Desse modo, evidencia-se a necessidade de fortalecer os vínculos do turismo com o mundo acadêmico, com vistas a superar visões paradigmáticas no modo de compreender a complexidade desta prática social.

Neste sentido John Urry (1993) acrescenta que o estudo da atividade pode ser um importante ponto de partida para se observar e compreender as relações que se estabelecem nas sociedades contemporâneas, desde as perspectivas filosófica e sociológica, que abordam aspectos culturais, estéticos e políticos, até questões ligadas ao meio ambiente (emissão de carbono a partir dos sistemas de transporte) e às políticas públicas de saúde (controle de epidemias). Assim, entender as suas bases se faz necessário, sobretudo diante da ausência de interpretações das pesquisas desenvolvidas e da necessidade de abordagens mais profundas no turismo. Uma vez que analisar a atividade com os paradigmas meramente econômicos leva ao esquecimento da dimensão social, cultural e antropológica, desconsiderando ainda a relação entre o homem e o ambiente, a interação entre os sujeitos.

O conceito de contexto sociocultural também emerge como crucial, apontando às maneiras específicas e particulares dos grupos humanos se adaptarem a cada contexto, criando formas materiais, teóricas, simbólicas, artísticas, para dar sentido a ele. (GIANNELLA, 2008). A partir disso, considera-se também como aspecto relevante o papel das emoções. Uma vez que, conforme aponta Jaggar (1997), as emoções do sujeito se constituem num aspecto essencial na

produção de sentidos, pois, são trajetórias através das quais nos engajamos ativamente e até construímos o mundo.

A partir disso, reconhece-se a impossibilidade de neutralidade do pesquisador em relação à pesquisa. De modo que cada indivíduo constrói, ao longo da vida e graças a sua educação e suas vivências, as suas próprias estratégias de interpretação, conhecimento, avaliação e decisão, orienta-o para a ação (GIANNELLA, 2008). O que consiste num fator relevante, considerando o cenário em que esta pesquisa se desenvolve e as questões que permeiam a prática, formação e investigação no campo do turismo. Sobre isso, Panosso Netto (2018) inclusive defende que é papel do investigador no campo do turismo denunciar, mostrar essa realidade, tornar acessível e visível o pano de fundo no qual se desenvolve a produção de conhecimento em turismo. Essa é uma denúncia ética necessária. Uma denúncia não negativa, mas sim que clama pelas boas práticas, pois, conforme afirma Alves:

O pesquisador na área do turismo deve voltar-se para a busca do significado das coisas, porque este tem um papel organizador nos seres humanos. O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos) representam dão molde à vida das pessoas. Em outro nível, os significados que as “coisas” ganham, passam também a ser partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos. (ALVES, 2011, p. 10)

Parte-se do pressuposto teórico que o papel fundamental da pesquisa e do pesquisador é descobrir, criar e produzir conhecimento com o intuito de intervir e transformar a realidade. O que no contexto deste estudo se constitui num aspecto primordial para compreensão do que os fenômenos socioculturais relacionados ao turismo representam para os sujeitos inseridos no contexto da pesquisa.

Outro ponto importante a ser considerado diz respeito ao fato que os residentes de destinos turísticos geralmente não têm a oportunidade de participar das tomadas de decisões sobre o desenvolvimento do turismo em sua localidade, gerando o que Krippendorf, citado por Irving & Mendonça (2004, p. 2) designa como o “nativo mudo ou aquele que é pouco ouvido, negligenciado, excluído da tomada de decisões dos projetos turísticos”.

Diante de tais pressupostos, as escolhas metodológicas buscaram o compreender a complexidade do fenômeno turístico e, principalmente, criar condições para potencializar o protagonismo dos residentes. Assim, o método qualitativo foi adotado, uma vez que tal abordagem oferece as condições necessárias para compreensão dos fenômenos sociais, pois, assim como afirma Richardson (2015)

[...] os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2015, p. 80)

A escolha pela metodologia qualitativa se dá ainda por esta se apresentar como a criação de um caminho que tanto organiza o pensamento do pesquisador quanto dos pesquisados. Ao se utilizar de ferramentas que ajudam a evidenciar as dimensões objetivas e subjetivas implícitas, os procedimentos metodológicos qualitativos não implicam meramente em coletar informações, mas em coletar seus diferentes significados, na busca de estudar não apenas o fenômeno em si, e sim entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas (CAUMO, 2006).

Vale ressaltar também que o conhecimento aqui é visto como uma construção coletiva que parte da realidade dos sujeitos, mediados por processos de reflexão e observação da realidade estudada. Conforme Thiollent (1987, p. 132), “mais do que informações ocasionais, certos indivíduos ou grupos implicados numa determinada situação devem se tornar, no decurso da pesquisa, investigadores nesta situação”. Este tipo de abordagem considera que o antes visto apenas como objeto de pesquisa pudesse compartilhar o papel de sujeito na investigação. Ou seja, trabalhar com os sujeitos inseridos na pesquisa de forma que eles entendam, vivenciem e participem do processo de conhecimento.

4.4. A proposta da pesquisa: Os encontros

Considerando as questões anteriormente expostas, os encontros com residentes foram pensados como recurso para fomentar a participação dos residentes criando condições para que estes sujeitos expressassem suas percepções sobre o assunto proposto e, concomitantemente, para possibilitar um trabalho reflexivo das manifestações apresentadas pelos grupos. Para tanto, fez-se necessária a escolha de um instrumento metodológico que possibilitasse um processo de escuta ativa dos sujeitos. A escolha das técnicas aqui utilizadas surge em função da busca pela construção de uma metodologia de pesquisa que alcançasse o maior número possível de residentes, bem como permitisse um contato em maior profundidade com os sujeitos de pesquisa.

Assim, recorreu-se ao grupo focal por se constituir como uma técnica que valoriza a interação entre os participantes e o pesquisador, pautando-se na aprendizagem e na troca de experiências sobre a questão em estudo (KINALSKI, 2017). Além de potencializar o protagonismo dos participantes na medida em que dialogam e constroem coletivamente os resultados da pesquisa.

Destaca-se ainda a necessidade do uso das metodologias integrativas como ferramentas para interpretação da realidade e escuta dos sujeitos que devem ser protagonistas no estudo em questão. Giannella et al. (2011) esclarece que tal método se apresenta em oposição às formas tradicionais de escuta que permeiam a exclusão daqueles que não se relacionam com o mundo preferencialmente analisando, diagnosticando, levantando informações, problemas e soluções, mas, nem por isso, deixam de ter suas próprias modalidades de acesso e interpretação da realidade. Desta forma busca-se tirar a racionalidade do domínio exclusivo do cálculo, do tecnicismo, da instrumentalidade e objetividade absoluta, para colocá-la no campo da comunicação intersubjetiva, da escuta do outro e da necessidade de entendê-lo (GIANNELLA, 2008).

Buscou-se a heterogeneidade entre os entrevistados, uma vez que os benefícios advindos da atividade turística não são percebidos pela população dos destinos turísticos equitativamente. Assim a pesquisa se utilizou de três diferentes campos como cenário do estudo: a região do Centro, da Orla Norte e do Complexo do Baianão, porções do espaço urbano da cidade de Porto Seguro que representam diferentes perfis e temporalidades de infraestrutura urbana, povoamento e ocupação, conforme exposto anteriormente. Estes locais foram pensados como campos de pesquisa por se considerar que ainda que estudados numa mesma localidade, os desdobramentos da prática do turismo atingem os diferentes sujeitos de formas diversas em função do momento, do espaço e dos papéis que ocupam.

Ademais, entende-se que mesmo as pessoas que partilham de uma mesma história e um mesmo espaço, ainda que mantenham entre si relações potencialmente contrárias, compartilham uma herança cultural comum (ISSA & DENCKER, 2006). Contudo, havia a necessidade de diálogo com moradores que possuíssem um vínculo temporal com a comunidade, por isso adotou-se como critério ser morador na condição de residente há, pelo menos, 20 anos. Pessoas que vivem ou viviam, anteriormente ou durante o processo de desenvolvimento turístico, período em que processaram as mudanças na dinâmica territorial descritas na fundamentação teórica.

A partir dos critérios estabelecidos, a participação se deu de forma espontânea e voluntária a partir da divulgação dos encontros que foi realizada através de redes sociais, rádio local, jornal impresso, cartazes (afixados nos locais de realização dos encontros e outros pontos de circulação cotidiana pelos residentes como paróquias, posto de saúde e supermercados), além do envio de mensagens instantâneas para residentes, individualmente e através de grupos de atuação local. Para tanto foram criados materiais de divulgação como pode ser observado na figura 13 – Peças de divulgação dos encontros com os residentes.

Figura 16 – Peças de divulgação dos encontros com os residentes.



Olá, tudo bem?

Me chamo Aline Bispo, estudo na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Faço uma pesquisa de mestrado sobre os efeitos da atividade turística no dia a dia dos **moradores** de Porto Seguro.

A ideia é reunir pessoas que moram na cidade há **mais de 20 anos** para participar de **rodas de conversa** (uma no **Baianão**, uma no **Centro** e outra na **Orla**).

Se você é uma dessas pessoas, te convido a compartilhar um **café** e a sua **visão** sobre como a **atividade turística** **transforma** a cidade e a **vida** dos moradores.

Caso queira **participar** ou **sugerir** alguém, fique à vontade para entrar em contato:

☎ (71) 99923-9959

ORLA
17 de Outubro às 18h
SENAC

CENTRO
18 de Outubro às 18h:30m
Centro de Cultura

BAIANÃO
19 de Outubro às 13h
Praça do Trabalhador

Sua contribuição é fundamental.
Compareça! :)

Mais informações:
☎ (71) 99923-9959

 **UFSB** Universidade Federal do Sul da Bahia
Programa de Pós-graduação em Estado e Sociedade

Fonte: Elaboração própria

O processo de divulgação foi iniciado no mês de agosto, dois meses antes da realização dos encontros, e durante essa fase houve uma resposta positiva no tanto no que se refere às pessoas interessadas em participar dos encontros quanto na repercussão do tema de pesquisa. As pessoas se mostravam interessadas pelo tema e se comprometiam espontaneamente com a divulgação, que passou também a ser realizada espontaneamente por terceiros, fazendo com que a informação sobre a pesquisa e os encontros atingisse um alcance ainda maior.

Despertando inclusive, a atenção da gestão municipal, que através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo entrou em contato por telefone por mais de uma vez para saber maiores informações sobre os objetivos da pesquisa e dos encontros. Algumas destas interações com os residentes

podem ser observadas na Figura 17 – Contatos iniciais dos residentes sobre a pesquisa.

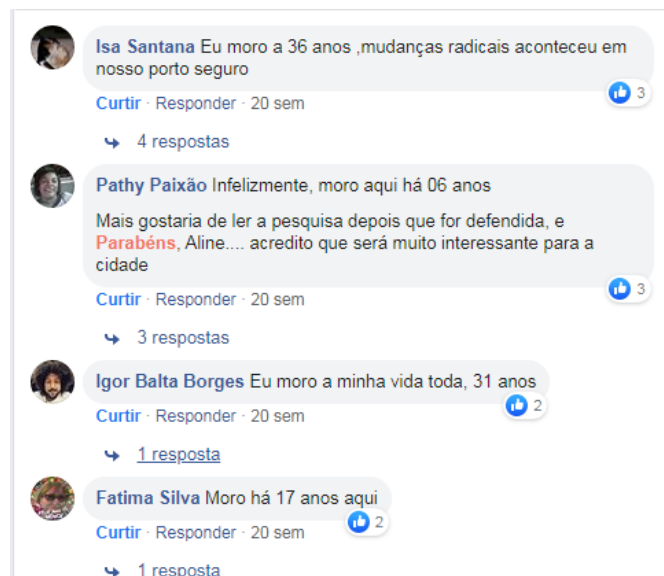
Figura 17 – Contatos iniciais dos residentes sobre a pesquisa.



Fonte: Elaborado pela própria autora, Acervo pessoal.

Diante da publicação dos materiais de divulgação muitos ressaltavam a relevância de promover a discussão dos desdobramentos da prática da atividade turística na vida da população de Porto Seguro, inclusive havendo também interessados que não se enquadravam dentro do recorte temporal ou geográfico estabelecido pela pesquisa. Algumas destas pessoas manifestavam, não apenas o desejo em participar, mas também descontentamento e uma expectativa de mudança no que diz respeito ao cenário atual, conforme pode ser observado na Figura 14 – Manifestações dos residentes sobre a pesquisa.

Figura 18 – Manifestações dos residentes sobre a pesquisa.



Fonte: Página “Porto Seguro merece respeito” no Facebook³

Desse modo foi estabelecido um contato prévio para verificar a disponibilidade daqueles que manifestaram interesse em participar dos encontros. À priori, havia 21 participantes confirmados para as três diferentes localidades, sendo 7 (sete) do Baianão, 9 (nove) do Centro e 5 (cinco) da Orla.

Esta baixa adesão pode estar associada a razões de ordem cultural como a falta de envolvimento e educação política, falta de tempo, falta de informação, a minha condição de moradora recente na cidade de Porto Seguro ou ao próprio desinteresse e descrença da população nos espaços de participação e nos benefícios (coletivos ou individuais) que acreditam que podem alcançar a partir de tais situações. Inicialmente tal cenário pareceu limitador, mas diante do curto tempo para a realização da pesquisa, a falta de apoio financeiro para o trabalho de campo e à própria dinâmica sócio espacial da cidade, este quadro teve em si, um aspecto positivo que foi a manutenção do foco da pesquisa e a possibilidade de uma interação mais profunda com os participantes.

Ademais, metodologicamente, não havia a pretensão científica de construir teorias ou de se chegar a conclusões generalizadas estatisticamente, pois este estudo não se propõe chegar à “conclusões”, mas sim a uma “construção de saberes”. A partir do exercício de buscar pistas e refletir sobre a forma como o turismo acontece dentro do ambiente urbano, promovendo assim um maior entendimento sobre tal questão e suas implicações.

3 Disponível em:

<<https://www.facebook.com/619601475043044/photos/a.619621298374395/911582229178299/?type=3&theater>> Acesso em out. 2019.

4.5. Os sujeitos: Os residentes

Conforme visto anteriormente, a sociedade porto-segurense passou por diversas transformações nas últimas décadas. O que contribuiu não apenas para um crescimento demográfico exponencial, mas também para que a população residente passasse a ser caracterizada por uma grande heterogeneidade. Assim, em função dos processos migratórios ocorridos em sua história recente e em curso até hoje, quando se trata da população residente de Porto Seguro há uma dicotomia caracterizada pelas categorias: moradores nativos (população original) *versus* moradores adventícios (população migrante).

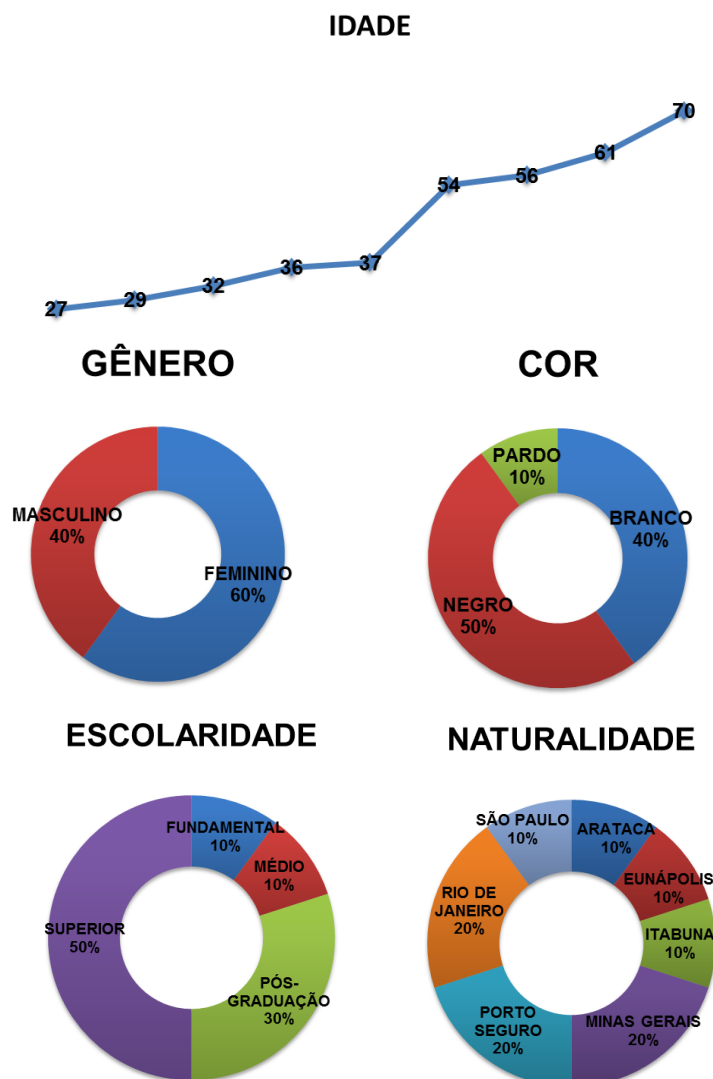
Para efeito desse estudo, adotou-se a categoria população local, por considerar que o termo população original possui suas imprecisões. Uma vez que provém da tarefa por si só imprecisa de se determinar um marco de sua ocupação. Assim, cabe esclarecer que o presente trabalho optou por dar uma maior atenção aos indivíduos que residem nos núcleos turísticos, independente de se constituírem como população original ou fruto de correntes migratórias.

Os únicos requisitos estabelecidos para a participação, que se deu de forma espontânea e voluntária, era residir em Porto Seguro há mais de 20 anos. De modo que não foi adotado nenhum critério estatístico, uma vez que não havia a pretensão de cobrir um universo representativo, do ponto de vista quantitativo.

Contudo, havia a expectativa de que estivessem presentes pessoas consideradas representativas dos diversos grupos existentes e que ocupam posições diferenciadas dentro deste cenário: moradores de bairros populares, moradores de bairros de classe média e alta; empresários e comerciantes; estudantes; pessoas diretamente ligadas ao turismo ou não; funcionários da administração local; lideranças comunitárias; representantes da comunidade indígena; pessoas nascidas em Porto Seguro e pessoas nascidas em outros locais. Por isso apesar dos desafios logísticos, buscou-se realizar os encontros em diferentes localidades para oportunizar a participação desses diferentes sujeitos.

Apesar dos esforços empreendidos, os encontros contaram com a participação efetiva de 10 residentes no total, sendo 3 da Orla, 4 do Centro e 3 do Baianão e adjacências. Os entrevistados apresentaram os seguintes perfis: idades entre 27 e 70 anos; 40% do sexo masculino e 60% do sexo feminino. Destes, 50% se declaram negros, 40% brancos e 10% pardos. Quanto ao nível de escolaridade 10% possuem o ensino fundamental, 10% o ensino médio, 50% ensino superior e 30% pós-graduação. Sendo oriundos de Arataca (BA), Eunápolis (BA), Itabuna (BA), Minas Gerais, Porto Seguro (BA), Rio de Janeiro e São Paulo, conforme podem ser observados no Gráfico 01 – Perfil dos participantes dos encontros:

Gráfico 03 – Perfil dos participantes dos grupos focais



Fonte: Elaboração própria

Percebe-se um equilíbrio entre os perfis de gênero e raça, contudo nota-se a falta de representatividade de determinados grupos, como foi o caso da comunidade indígena, que possui grande presença e atuação região. Além disso, a maioria dos participantes possuíam como formação o ensino superior ou pós-graduação. O que chama a atenção para necessidade de criar estratégias de aproximação entre a parte da população com menor nível de escolaridade nos espaços participativos, sobretudo no diz respeito ao turismo. Os locais de origem foram diversos, sendo representada basicamente por nativos e oriundos de cidades vizinhas e da zona cacauera da Bahia e do sudeste do país. Vale ressaltar também que a quantidade de nativos presentes esteve equiparada a de pessoas oriundas do Rio de Janeiro e Minas Gerais, reforçando o perfil de heterogêneo da população residente.

Entre as atividades profissionais exercidas pelos entrevistados têm-se administradora, agente de saúde, artesão, assistente social, conselheiro tutelar, educador físico, estudante, professora e marisqueira. Destes 40% afirmam exercer atividade profissional ligada ao turismo e apenas 20% tem o turismo como principal fonte de renda. Quanto a renda per capita, 60% afirma ser entre 1 a 3 salários mínimos, 30% acima de 3 salários e 10% de até um salário mínimo. 70% moram em casa própria e 30% mora em imóvel alugado.

Para além dos perfis apresentados, esses sujeitos representam a parte mais significativa desta pesquisa. E ainda que as suas vozes não correspondam aos posicionamentos de toda a população porto-segurense, através destes residentes que se fizeram presentes e de suas narrativas foi possível apreender elementos-chave para capturar aspectos da sociabilidade e do cotidiano da cidade de Porto Seguro, tais como: trabalho, moradia, cultura, lazer, entre outros que serão detalhados na descrição do trabalho de campo e dos resultados da pesquisa.

4.6. A metodologia do trabalho de campo: os grupos focais

Para a realização da pesquisa optou-se pela utilização de uma metodologia e de um método que permitissem uma maior aproximação do campo de estudo e que suprissem as necessidades relativas ao objeto central da pesquisa, a qual possibilitasse uma maior proximidade do contexto social e local da cidade de Porto Seguro, estabelecendo assim uma conexão com as experiências e vivências observadas na comunidade, uma comunicação com o campo a ser observado e uma reflexividade entre sujeitos e investigador (RIBEIRO, 2017).

Assim, a intenção maior da realização dos encontros foi a de criar um espaço de diálogo e de escuta das diferentes vozes que ali se manifestavam para a compreensão de processos de construção de uma determinada realidade por um grupo específico. Favorecendo, desse modo, o entrosamento e a confiança entre os participantes, superando a dicotomia: sujeito-objeto, voltando-se a uma discussão focada em tópicos específicos sobre os quais os participantes são incentivados a interagir e emitir suas opiniões (IERVOLINO; PELICIONI, 2001). Essa perspectiva interacional fez com que a referida técnica se aproximasse dos grupos focais, pois

[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros. (GATTI, 2005, p. 11)

Recorreu-se ao uso do grupo focal por ser uma técnica de investigação qualitativa comprometida com a abordagem compreensiva dos fatos, uma vez que os significados dos dados levantados foram obtidos através das experiências vividas pelos próprios sujeitos da pesquisa. O grupo focal foi aplicado com o objetivo de coletar informações sobre um determinado tema específico por meio da discussão participativa entre os participantes, reunidos em um mesmo local e durante certo período de tempo, valorizando a interação

entre os participantes e o pesquisador, a partir das discussões focadas em tópicos específicos. Isso proporciona a troca de experiências, conceitos e opiniões entre os participantes, origina discussões e elabora táticas grupais para solucionar problemas e transformar realidades, pautando-se na aprendizagem e na troca de experiências sobre a questão em estudo (DALL'AGNOL et al, 2012).

Alguns aspectos do processo de planejamento da pesquisa com grupos focais foram objeto de reflexão ao longo do desenvolvimento deste estudo. Morgan (1997) aponta, por exemplo, que um moderador deve procurar cobrir a máxima variedade de tópicos relevantes sobre o assunto e promover uma discussão produtiva, só intervindo para introduzir novas questões e para facilitar o processo em curso. Para driblar estes desafios, é tarefa do moderador colocar algumas perguntas ou tópicos para debate, seguindo alguns critérios de análise com base no referencial teórico construído e nas percepções que se pretende captar, no caso do estudo em questão aspectos tais como os benefícios observados em função do turismo, como se sentem em relação aos visitantes, os custos sociais e econômicos associados à prática da atividade ou como essas pessoas se sentiriam e quais desdobramentos acreditam que poderiam ser desencadeados caso, hipoteticamente, o turismo deixasse de ser praticado na cidade (GONDIM, 2003).

O objetivo nessa parte da pesquisa foi o de estimular o debate pelos participantes sobre o processo de desenvolvimento turístico, vislumbrando alguns aspectos, tais como:

- Como esses sujeitos percebem e utilizam o espaço em que habitam?
- Como a atividade turística influencia a percepção e utilização do espaço por parte desses sujeitos?
- Qual a participação dos residentes na renovação do território e na nova configuração adquirida pela localidade mediante o desenvolvimento turístico?
- Em que medida os residentes se sentem contemplados ou prejudicados pela prática do turismo?
- Quais as particularidades da experiência de habitar uma cidade turística?

Assim, foram pensadas categorias de análise e técnicas que pudessem contribuir para o envolvimento e a interação de todos de forma justa e

organizada. O desafio foi envolver os participantes para interagirem desde as suas verticalidades, com as suas histórias de vida e suas vivências que por sua vez remetem à horizontalidade do grupo, ou seja, ao compartilhamento dessas interações (KINALSKI, 2017). Não seriam somente as opiniões e interesses que seriam representados, mas também perspectivas.

As perspectivas sociais são experiências e vivências que indivíduos possuem por fazerem parte de certo grupo. Pessoas de perspectivas sociais diferentes podem ter diferentes visões a respeito do mesmo problema, influenciadas por sua posição na estrutura social ou por condição pessoal. Assim, intercalou-se a realização de projeção de imagens, atividades escritas e debate em forma de roda de conversa, com as salas organizadas em semicírculo.

As atividades foram conduzidas pelas mediadoras Daniela Santos, turismóloga e psicóloga especialista em Teoria Cognitiva e Comportamental e Diana Rôde, turismóloga com anos de atuação como técnica de campo em projetos de turismo comunitário. É importante ressaltar a relevância da presença dessas profissionais na pesquisa de campo diante da defesa da construção do conhecimento como um processo coletivo. Além disso, observa-se a necessidade de agregar diversos olhares e campos do conhecimento numa perspectiva transdisciplinar, a fim de aplicar um modo de produção do conhecimento fundamentado na aprendizagem e na troca de experiências sobre a questão em estudo.

Neste contexto, a experiência e o comportamento fazem parte de um conjunto de questões necessárias para o desenvolvimento de uma melhor compreensão dos efeitos resultantes da prática da atividade em áreas turísticas urbanas (HAYLLAR et al, 2011), visto que “a atividade turística não só tem repercussões psicossociais a nível individual ou de grupo, mas também no conjunto da sociedade” (MONTEJANO, 1996, p.62). Havendo, portanto, a necessidade de apreender emoções e sentimentos dos participantes, bem como refletir sobre as próprias crenças dos sujeitos como leitores e produtores de saber e conhecimento.

4.7. A metodologia de análise do trabalho de campo: A ATD

A análise dos significados e das práticas cotidianas mostra-se tão essencial quanto as narrativas e os discursos dos sujeitos pesquisados. Desse modo, estudos qualitativos vêm cada vez mais utilizando-se de análises textuais para construir sentidos e romper com modelos de pesquisa enrijecidos e fundados na objetividade e na neutralidade. Seguindo esse fito, registram-se as considerações sobre a Análise Textual Discursiva (ATD), técnica de análise de dados qualitativos idealizada por Moraes e Galiazzi (2006), que se configura como uma metodologia constituída por etapas, organizada em quatro focos, que visa, inicialmente, à desmontagem dos textos, que podem ser aqueles obtidos através de transcrições de entrevistas ou grupos de foco. Na sequência, desenvolve-se o estabelecimento de relações entre cada unidade, procurando-se a identidade entre elas - a partir da qual é possível estabelecer aproximações e diferenças nas narrativas - para, logo depois, captar o que emerge da totalidade do texto, em direção a uma nova compreensão do todo.

Recorrer ao processo constitutivo da ATD na pesquisa é entender, a princípio, que este dispositivo de análise de dados qualitativos se inclui em metodologias investigativas que se situam em um paradigma de pesquisa intitulado por Santos (2013) de paradigma emergente. A Análise Textual Discursiva se caracteriza por três elementos que constituem as etapas do processo analítico, que consiste na unitarização, categorização e comunicação, a seguir descritas.

A unitarização é a primeira fase, o momento de desconstrução dos dados da pesquisa, de identificação e expressão de unidades de análise obtidas a partir do material do *corpus* da pesquisa. A unitarização consiste na desconstrução dos textos do *corpus*, que se refere ao conjunto de informações obtidas para análise na forma de documentos, discursos e outros registros textuais transcritos a partir de entrevistas ou grupos focais, por exemplo. Unitarizar é interpretar e isolar ideias de sentido sobre a temática investigada. Compõe leitura sensível, atenta e cuidadosa dos textos e/ou discursos dos sujeitos da pesquisa, momento no qual o investigador não pode deixar de assumir suas interpretações. (MORAES; GALIAZZI, 2006). Na unitarização, os textos e/ou

discursos expostos para análise são recortados, fragmentados e desconstruídos sempre com base na capacidade interpretativa do pesquisador.

Uma vez concluído o processo de unitarização, inicia-se o momento da categorização, que se traduz no estabelecimento de relações entre os elementos unitários presentes nos textos transcritos. A categorização, além de agrupar componentes similares, também acarreta nominar e estabelecer as categorias, no tempo em que vão sendo produzidas. As menções e categorias são organizadas em núcleos temáticos que dão suporte a linhas de argumentação e revelam de qual modo os participantes dos grupos focais se posicionam diante do tema, foco da discussão. Atento ao que se mostra, o pesquisador começa então a identificar o que é típico ou atípico em cada situação, registrando, documentando, e relatando os significados que os dados adquirem. É com respaldo nas categorias que o pesquisador que se utiliza da Análise Textual Discursiva produzirá descrições e interpretações que integrarão o exercício de pronunciar as novas compreensões proporcionadas pela análise.

Na terceira fase do processo de análise de dados acontece o que é nominado por Moraes e Galiazzi (2006) de comunicação. A comunicação é o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada através do metatexto. Segundo a ideia original de Moraes (2003), nos metatextos estão expressos os sentidos lidos de um conjunto de textos e/ou discursos. O metatexto é um esforço construtivo no que se refere a ampliar a compreensão dos fenômenos investigados, aprofundando a compreensão do objeto estudado. Vale acrescentar que a comunicação produzida e corporificada no metatexto não se constitui em simples montagens de dados. O metatexto é algo que traz as marcas de quem o construiu assim como das realidades coletivas (DE MEDEIROS; AMORIM, 2017). Nesse sentido, cabe ao pesquisador, no contexto da análise, ocupar um lugar essencial para seu desenvolvimento e fazer as suas escolhas mediante o seu objeto e objetivos nas etapas investigativas traçadas, para a compreensão de fenômenos sob investigação e, mais que isso, para a emergência de novos conhecimentos à luz do que se estuda.

4.8. O trabalho de campo: O olhar dos residentes

A realização dos encontros teve como proposta pensar a cidade de Porto Seguro em fragmentos do passado e do presente, construídos a partir das práticas, sentimentos e memórias daqueles que aí se encontram inseridos. A partir disso, a seguir será evidenciado como os participantes trazem consigo visões de mundo chaves para interpretação da realidade estudada em função de experiências proporcionadas pelas suas trajetórias e realidades sociais múltiplas. Com base nisto, as atividades desenvolvidas tiveram a intenção de proporcionar aos participantes um espaço para exprimir suas impressões acerca do tema em questão a partir de suas vivências que são únicas e particulares, mas também não deixam de ter inserção e sentido coletivos.

Assim, buscou-se a partir da visão dos diversos atores presentes, identificar as relações estabelecidas entre eles com a cidade e o turismo, bem como apreender os significados e as formas como utilizam o espaço, observando os fluxos, os cotidianos, os sentimentos e as sensações vivenciados. Com vistas a identificar em última instância como esses residentes percebem e se posicionam no que diz respeito aos aspectos relacionados à prática do turismo na cidade de Porto Seguro. A percepção dos moradores sobre o turismo é necessária para compreender como eles veem a atividade, e como estão inseridos na mesma. Nesta perspectiva houve ainda a intenção de compreender em que medida os residentes se enxergam incluídos ou excluídos nessa dinâmica espacial impulsionada pela atividade turística.

De forma dinâmica e descontraída os participantes foram estimulados a expor suas opiniões, narrativas, experiências. As atividades que a seguir serão descritas e ilustradas foram conduzidas pelas moderadoras que introduziram os pontos a serem analisados e discutidos pelos grupos em torno das abordagens selecionadas de acordo com os objetivos da pesquisa. A partir do trabalho de campo foi possível desenvolver reflexões das manifestações apresentadas pelo grupo, trazendo a elas observações para uma visão ampliada da significação dos aspectos apontados.

4.8.1. Foto-provocação

O passo inicial foi mostrar uma sequência de fotografias de locais, acontecimentos e situações que comumente fazem parte do cotidiano dos residentes da cidade. A utilização de imagens fotográficas teve o intuito de envolver os participantes e estimular a memória, além de propiciar a auto expressão, possibilitando que os entrevistados fossem capazes de revelar um caráter de proximidade com o lugar através de opiniões embasadas a partir das suas próprias vivências.

A utilização de imagens na pesquisa parte do princípio que estas despertam elementos profundos da consciência humana, ou seja, mais do que somente palavras (HARPER, 2002). Esses estímulos permitem que as pessoas analisem a ação e expliquem o que está por trás da imagem, evocando a memória do pesquisado (HEISLEY & LEVY, 1991), além de oferecer formas de representações alternativas à fala e escrita (SHAW, 2013). A fotografia pode ser concebida como recurso utilizado pelo pesquisador para buscar informações também sobre lugares por ela retratados, produzindo uma reflexão ou investigação que tenha valor científico⁴. Tal método é denominado foto-elicitación ou foto-provocação e consiste na utilização de imagens para evocar informações (comentários, memórias), ou seja, representações.

Na aplicação da foto-provocação, o pesquisador busca compreender o significado das imagens, e deve investigar os aspectos culturais, históricos e convenções que representam para aquele indivíduo (SCHROEDER, 2006), verificando os diversos significados que possam existir (MENDONÇA et al., 2007). Neste estudo, diante das imagens apresentadas, os participantes dos encontros apontaram características descritivas dos lugares, descreveram práticas cotidianas, manifestaram afeição, descontentamento, nostalgia. De modo que foi possível refletir sobre as representações e os atributos da cidade de Porto Seguro a partir da perspectiva dos residentes.

⁴ Entende-se aqui como conhecimento científico o processo de investigação orientado pela relação entre teoria, observação e interpretação, analisando a conjuntura dos fatos observados na busca de uma compreensão sobre a realidade pesquisada que não esteja baseada apenas em opiniões ou generalizações.

Entre os locais identificados através das imagens apresentadas, o Centro foi o local por mais vezes descrito pelos participantes, independente do lugar onde residem. Cabe pontuar que esta é a região na qual os habitantes têm uma maior necessidade de trânsito e circulação e que concentra muitos equipamentos públicos e comerciais de uso cotidiano para a população.

Figura 19 – Residentes do Centro participando da atividade de foto-provocação.



Fonte Acervo próprio

A partir da exposição de imagens relacionadas a esta porção do espaço os entrevistados revelaram uma tendência a explicitar memórias, sentimentos de nostalgia e experiências do passado expressas por termos como “saudades”, “lembranças”, “infância” e “escola”. As práticas sociais mencionadas estiveram ligadas, sobretudo, a religiosidade e à atividade pesqueira. A esta última, foram também atribuídos marcadores como “tradição” e “origens”, bem como “alimento”, “geração de renda” e “vida”, demonstrando a importância desta prática para a população local.

Quando apresentadas as imagens da região do Baianão, os residentes tiveram uma maior dificuldade de identificar de que localidade se tratava. Sobretudo quando apresentada a sua visão aérea. Mesmo os residentes desta localidade não foram capazes de identifica-la com facilidade. Contudo, quando expostas as imagens das ruas e praças desta região, os residentes e alguns poucos que circulam pelo local conseguiram situar e estabelecer pontos de referência sobre o local exibido.

Figura 20 – Residentes do Baianão participando da atividade de foto-provocação.



Fonte Acervo próprio

A partir disso há dois aspectos a se pontuar. O primeiro, é que poucas são as oportunidades de se observar imagens (principalmente em visão panorâmica) do Baianão. Diferente da região do Centro e da Orla, das quais as imagens constantemente circulam em diversos veículos de mídia e permeiam com mais frequência o imaginário dos residentes. A segunda, diz respeito a segregação espacial do local, fazendo com que a região seja reconhecida apenas por aqueles que ali residem e frequentam.

Entre os apontamentos relacionados à região do Baianão destacam-se referências à sua expansão e crescimento populacional, bem como marcadores como “invasão”, “periferia”, “favela” “confusão”, “desordem”, “bagunça”, “aglomeração” e “pobreza”. Que por sua vez foram associados ao “abandono” e à “falta de políticas públicas”, assim como à “comunidade”, “(povo) batalhador”, “luta” e “resistência dos esquecidos”, segundo expressões utilizadas pelos próprios participantes. Estas expressões evidenciam características históricas e geográficas, bem como os marcadores sociais atribuídos ao local e às pessoas que ali residem. Apenas para os moradores do próprio Baianão as imagens do lugar remetem a memórias que estão relacionadas à “infância” e “brincadeiras de rua”. E apenas um dos participantes, que inclusive não reside na região, citou a “feira” como uma prática cotidiana relacionada ao local.

A região da Orla pouco foi identificada pelos participantes de maneira geral (com exceção à imagem panorâmica que exibia a faixa litorânea) e em momento algum ela foi relacionada às lembranças ou memórias, mesmo entre os residentes desta área. No que diz respeito às práticas cotidianas, essa região foi especificamente associada pelos entrevistados à prática do lazer.

Figura 21 – Residentes da Orla participando da atividade de foto-provocação



. Fonte Acervo próprio

Foram utilizados especificamente expressões como “paraíso e diversão” e “alegria” e, por mais de uma vez, marcadores como “lazer”. Contudo, os entrevistados demonstraram se sentir alheios a esta porção do espaço e não estabelecer uma relação positiva com a dinâmica exercida nesta localidade, tendo sido utilizados vocábulos como “lazer irregular”, “exploração”, “exploração do nosso povo”, “abandono e atuação do grande capital”. “Caos”, “descontrole” e “esculhambação” também aparecem e foram especificamente ligados a atuação da “Forma⁸ “afetando” a cidade”, segundo declarações dos participantes. As expressões “isolamento” e “precisa ser mais cuidada” também foram utilizadas, sobretudo pelos residentes, para demonstrar aspectos característicos do lugar.

Algumas das imagens do espaço que foram exibidas retratavam ou remetiam às manifestações populares locais, e também se apresentaram como outro ponto digno de destaque por despertarem significativas reações dos

participantes. As imagens exibidas foram referentes ao Carnaval e ao São João, duas das três festas (a terceira é o Réveillon) organizadas pelo setor público e que acontecem em espaço público, a Passarela do Descobrimento.

“Festa” foi o termo mais utilizado diante das imagens destas manifestações populares, que também se relacionam às expressões como “euforia”, “folia” e “diversidade”. Houve uma menção relacionando diretamente uma das festas à população residente, através da expressão “festa do povo”, mas essas mesmas manifestações também foram diretamente associadas ao “turismo”. Uma das residentes as aponta como algo “importante, porém (que) precisa de cuidados”.

Figura 22 – Residentes do Centro participando da atividade de foto-provocação



Fonte Acervo próprio

Outras menções associaram também as manifestações à “cidade cheia”, “descontrole”, “baderna”, “carnaval que não é nosso”, “dinheiro”, “gasto excessivo/desvio de recursos”, revelando que na perspectiva dos participantes, além de haver pouca identificação como a forma que estas festas são promovidas, há também certa desconfiança sobre o caráter das manifestações culturais de Porto Seguro retratadas nas imagens.

Ainda sobre aspectos identitários e de pertencimento, as imagens de porções do espaço da cidade que estavam associadas aos símbolos do Descobrimento

foram facilmente identificadas pelos entrevistados. O que aponta para o fato de como estes símbolos estão bastantes presentes no cotidiano e conseqüentemente no imaginário (de forma positiva ou negativa) dos habitantes locais. Quanto a isso, vale lembrar que, além de dar nome ao Território de Identidade⁶ do qual a cidade de Porto Seguro está situada, estes símbolos estão espalhados pela cidade através de monumentos, estabelecimentos públicos e privados, ruas e praças, entre outros.

Figura 23 – Residentes do Baianão participando da atividade de foto-provocação.



Fonte Acervo próprio

Contudo, para os residentes que participaram dos encontros as imagens relacionadas à ideia do Descobrimento despertaram grande insatisfação, tendo sido relacionadas às expressões como “invasão”, “expulsão”, “assassinato” e “não pertencimento”. Tal insatisfação se manifestou de forma ainda mais latente quando os residentes se lembraram das comemorações dos 500 anos, onde o termo “indignação” apareceu por mais de uma vez seguido por “erro”, “engodo”, “o povo foi excluído”, “alegria dos políticos”, “500 anos (para poucos)”, em função dos acontecimentos ocorridos na ocasião, conforme exposto anteriormente.

⁷ O território de identidade consiste em unidade de planejamento de políticas públicas do Estado da Bahia, formado por agrupamentos identitários municipais, geralmente contíguos, conforme critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos, reconhecido pela sua população como o espaço historicamente construído ao qual pertencem, com identidade que amplia as possibilidades de coesão social e territorial, a partir do Plano Plurianual do Estado da Bahia (Bahia, 2014).

4.8.2. Check-list da cidade

Buscando ampliar o entendimento sobre as relações estabelecidas entre os residentes e a cidade, na sequência os participantes foram convidados a elencar características espaciais, sociais e simbólicas percebidas na realidade em que se inserem. O objetivo foi de aprofundar a compreensão do espaço visto como local de moradia. Ou seja, quais são os diversos marcadores associados ao espaço a partir dos vínculos identitários dos residentes com a cidade.

Assim, a pedido das mediadoras, que simultaneamente faziam os registros em uma folha de *flip-chart*, foi solicitado que os participantes informassem em voz alta, no mínimo, 10 características que remetesse ao lugar em que habitam. Delineando mais precisamente as características dos respectivos bairros/regiões a partir da perspectiva dos próprios residentes.

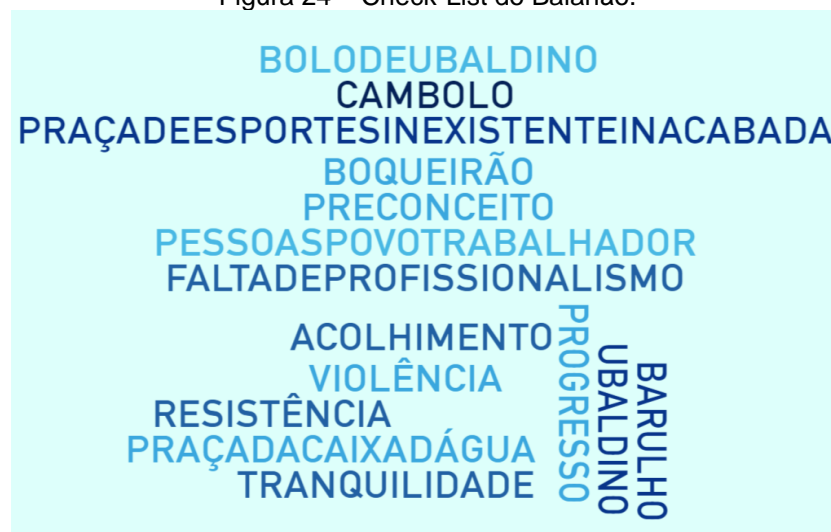
A proposta desta atividade foi a de que os informantes identificassem e narrassem o lugar de uma maneira e de forma singulares. De modo a qualificar sua individualidade enquanto cidadãos e simultaneamente revelar hábitos, tradições e costumes que os caracterizam como membros de uma comunidade.

Para melhor visualização dos resultados obtidos, as informações coletadas a partir desta atividade foram compiladas através de nuvens de palavras. Uma ferramenta para análise qualitativa e/ou temática de textos falados, escritos e transcritos. A nuvem de palavras consiste em uma ilustração formada por termos diversos.

É comum que na construção desta imagem sejam utilizados tamanhos e fontes de letras diferentes de acordo com a frequência das ocorrências das palavras. Contudo, como na atividade executada os termos foram narrados um a um em cada grupo, neste caso não houve a necessidade de estabelecer uma hierarquia dos termos. A seguir podem ser conferidas as características citadas pelos residentes das respectivas áreas, acompanhadas de breves comentários.

Os moradores da região do Baianão apontaram características espaciais, sobretudo antrópicas, bem como informações relacionadas aos tipos humanos qualidades e estigmas que carregam, conforme observa-se na Figura 18 – Check-List do Baianão. Houve uma clara referência à história recente da formação do lugar onde são evidenciados expectativas e desafios enfrentados pela população. Destaca-se também a forte relação com o trabalho e a presença de figuras políticas que ainda permeiam o imaginário dos residentes locais que manifestam gratidão ou ainda a expectativa pela ocorrência de transformações na região.

Figura 24 – Check-List do Baianão.



Fonte: Elaboração própria

Na figura 19 – Check-list do Centro é possível notar que entre os moradores do Centro foram apontados poucos elementos ligados aos tipos humanos e personalidades locais. Reforçou-se ainda a ligação entre a religiosidade e elementos ligados à atividade pesqueira. Percebe-se assim uma maior referência ao Centro enquanto lugar de memória, sendo evidenciados ainda elementos que aludem às práticas e relações estabelecidas no e para com o espaço.

Contudo, algumas das características deste espaço narrado atualmente só podem ser vislumbradas a partir das lembranças dos residentes, sobretudo os mais antigos. A partir deste exercício os participantes demonstraram perceber as novas intervenções com desconfiança, por não reconhecerem nelas o cerne essencial das tradições que alicerçaram suas vidas até então.

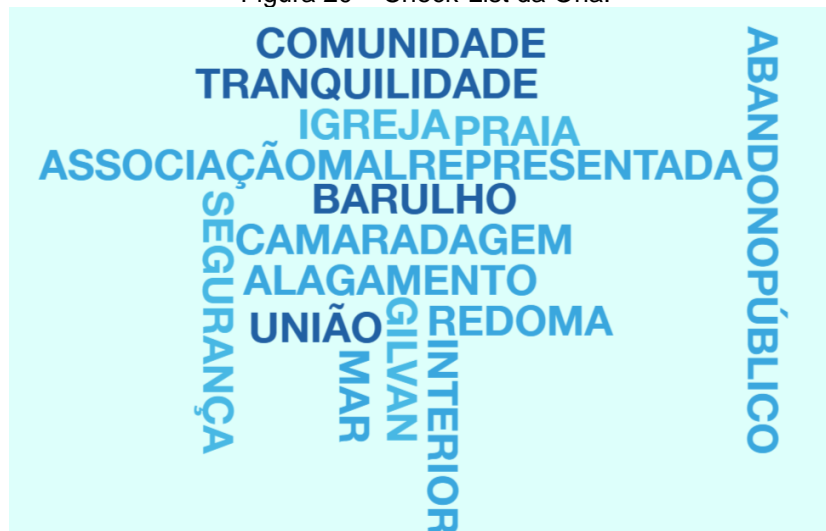
Figura 25 – Check-List do Centro.



Fonte: Elaboração própria

As características apontadas pelos moradores da Orla apontam para a ideia de um lugar bucólico, no qual a vida de seus habitantes está vinculada ao ambiente natural e as pessoas estão ligadas por um forte sentimento de coletividade. Os problemas apresentados correspondem justamente a uma ameaça a este cenário, descrito pelas residentes como uma espécie de refúgio.

Figura 20 – Check-List da Orla.



Fonte: Elaboração própria

Por outro lado, foi apontada também a necessidade de melhor representação e atuação política, seja por parte do poder público, seja por parte da sociedade civil organizada para reduzir os problemas cotidianos enfrentados, sobretudo no que se refere às questões ligadas à infraestrutura.

4.8.3. Cartografia afetiva

Na construção do objeto de estudo buscou-se compreender a cidade não apenas em seus aspectos físicos e sua estrutura urbana propriamente dita, mas também a partir de sua dimensão simbólica. O que implica em percebê-la atentando para o significado e o uso social dos diversos espaços que a compõem. Assim, buscando identificar as relações de afeto construídas com o espaço em questão utilizou-se da cartografia afetiva como recurso de estímulo à percepção espacial, rápida reflexão e visualização das oportunidades, problemáticas, obstáculos, fatos marcantes. Potencializando assim a sociabilização de experiências individuais e coletivas cotidianas.

Através desta técnica torna-se possível ampliar o entendimento da temática própria dos estudos sobre percepção, destacando conceitos como “espaço” e “lugar” dentro da perspectiva da percepção ambiental, unindo-se à experiência individual de inserção na paisagem urbana. Com isso, tem-se uma reunião de depoimentos, desenhos e informações cedidas por pessoas inseridas no recorte estudado, em busca de informações inseridas profundamente no ser e que só vem à tona a partir de um contato pessoal.

Esse instrumento, amplamente usado nos estudos sobre espaço, especialmente na área de avaliação pós-ocupação, pode ainda exercer a função de mecanismo para investigação de significados e análise urbana e que se transpõe como ferramenta em prol da manutenção da memória social.

Assim, a partir da projeção do mapa do perímetro urbano da sede da cidade de Porto Seguro os residentes foram convidados a representar os seguintes aspectos:

- ✓ **Os potenciais da cidade de Porto Seguro;**
- ✓ **Os efeitos positivos e problemas trazidos pelo desenvolvimento;**
- ✓ **Quais lugares frequentavam e não frequentam mais;**

Quando perguntados sobre os potenciais da cidade de Porto Seguro os entrevistados as principais representações estiveram relacionadas aos recursos naturais, sobretudo aqueles ligados ao litoral. Os residentes representaram no mapa elementos como o manguezal, a atividade pesqueira e esportes náuticos. A Mata Atlântica, as unidades de conservação e os parques federais também são vistos como fatores potenciais.

Figura 26 – Residentes do Baianão participando da atividade de cartografia afetiva



Fonte Acervo próprio

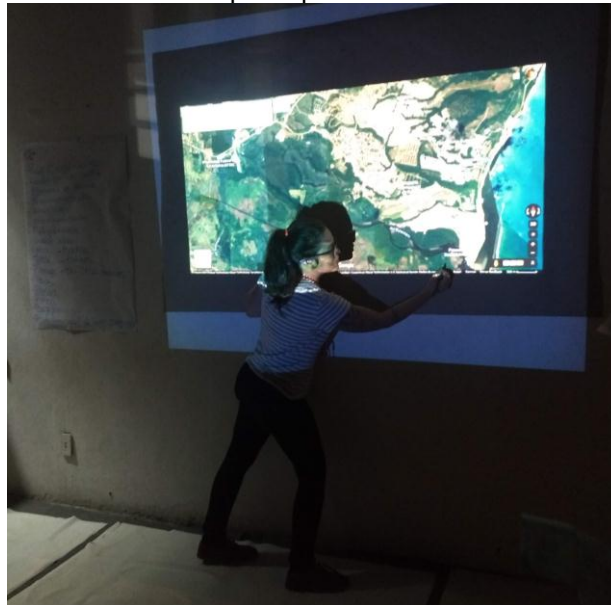
As atividades comerciais e de serviços representadas pelo comércio local, através da abertura de lojas e bancos também foram citadas, sendo relacionada à necessidade surgida a partir do expressivo crescimento populacional experimentado nas últimas décadas. A hotelaria também é vista como um mercado potencial de crescimento e oferta de emprego entre os participantes. As barracas de praia também foram citadas pelos residentes, porém não foi explicitado se esta menção estava atribuída ao seu caráter comercial ou cultural.

Dentre os potenciais culturais da cidade, poucos aspectos foram citados pelos residentes. Se resumindo apenas a representação de elementos como a biblioteca pública com arquivo público e o turismo cultural (histórico e religioso) e ecológico.

Quanto aos efeitos positivos trazidos pelo desenvolvimento, os moradores do Baianão sinalizaram para a oferta de serviços e lojas maiores, novas oportunidades de emprego, renda e moradia. Os residentes do Centro apontaram ainda para a melhoria da infraestrutura local através da chegada da energia elétrica e de transporte e também da organização do turismo.

Ainda sobre os efeitos positivos, o ponto em comum citado pelos entrevistados das três localidades foi o aumento de oportunidades ligadas à educação, através da ampliação da oferta educacional. Uma vez que a implantação de mais escolas de ensino fundamental e de instituições de ensino como o IFBA, UFSB, SESC e SENAC ampliaram o acesso e as possibilidades de formação continuada para os residentes.

Figura 27 – Residente do Centro participando da atividade de cartografia afetiva.



Fonte Acervo próprio

No que diz respeito aos problemas trazidos pelo desenvolvimento as menções mais recorrentes entre os participantes estiveram novamente ligadas à questão ambiental. De modo que foram apontados problemas ambientais como desmatamento, destruição dos ecossistemas, morte de animais marinhos, poluição das águas, gestão de resíduos e poluição.

O segundo ponto mais lembrado pelos residentes está ligado à esfera das políticas públicas onde aparece a falta de planejamento e políticas, falta de estrutura, crescimento desordenado, corrupção e desvios de recursos públicos,

transportes ineficientes, infraestrutura defasada e falta de espaço para se locomover.

Dentre as questões sociais, a violência e a criminalidade são apontadas como principal consequência negativa, o que nas palavras dos participantes traz falta de paz, de tranquilidade e segurança, sobretudo em função do território separado por facções.

Além disso, exploração, mão-de-obra barata, racismo e exclusão são outras questões que aparecem entre os problemas sociais associados ao processo de desenvolvimento. As moradoras da Orla apontaram ainda que êxodo (processo de migração de pessoas em busca de emprego) resultou em consequente ocupação ilegal e poluição visual com moradias de diversos estilos.

Figura 28 – Residente da Orla participando da atividade de cartografia afetiva



Fonte Acervo próprio

Sobre os lugares que anteriormente eram frequentados pelos moradores as principais menções estiveram voltadas especificamente aos espaços e atividades de lazer, que foram representados por praças, praias, estádios, quadras de esporte, casas de show e blocos culturais. Os residentes informaram ainda que a ausência deles nestes espaços se deu porque muitos deles terem sido transformados ou deixado de existir e ainda pela dificuldade de acesso e permanência nestes locais em função do crescimento urbano e turistificação da cidade.

4.8.4. Turismo e conflitos urbanos

O processo de turistificação de um local costuma alterá-lo e adaptá-lo de acordo com suas necessidades de crescimento, conforme explicitado no capítulo 1. Vianna (2017) aponta que esta interferência coloca a atividade turística numa relação direta com os conflitos urbanos das localidades onde atua, seja como responsável direto, corresponsável, ou apenas como figurante no processo.

Sob este enfoque e com base em elementos comumente ligados à prática do turismo foi solicitado aos participantes que associassem os elementos descritos na tabela a seguir à prática da atividade na cidade de Porto Seguro através dos marcadores “Positivo”, “Neutro” ou “Negativo”, a fim de verificar que relação esses atores estabelecem entre as questões urbanas e o turismo.

Figura 29 – Residente participando da atividade turismo e conflitos urbanos.



Fonte Acervo próprio

Entre os moradores do Baianão houve uma maior associação dos elementos através de uma relação positiva do que neutra ou negativa com o turismo, conforme pode ser visto na Tabela 01 – Relação entre a cidade e o turismo – Baianão. Algumas pesquisas apontam que os mais necessitados economicamente são aqueles que melhor aceitam o turismo e os turistas, pois, quanto mais pobres, mais depositam suas expectativas de progresso, de

integração ao processo civilizatório e à economia de mercado porque pensam que podem ser beneficiados com o dinheiro do turismo (BARRETO, 2007).

Tabela 01 – Relação entre a cidade e o turismo – Baianão

BAIANÃO	POSITIVO	NEUTRO	NEGATIVO
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	100%	0%	0%
BARRACAS DE PRAIA	0%	67%	33%
CRIMINALIDADE	0%	0%	100%
CULTURA	67%	0%	33%
CUSTO DE VIDA	0%	0%	100%
EDUCAÇÃO	67%	33%	0%
EMPREGO	67%	33%	0%
ESPAÇO NATURAL	67%	0%	33%
ESTRADAS	0%	100%	0%
FESTAS	100%	0%	0%
INVESTIMENTO PÚBLICO	67%	0%	33%
LAZER	100%	0%	0%
LIXO	0%	0%	100%
MORADIA	67%	33%	0%
MUSEUS	67%	33%	0%
PATRIMÔNIO	100%	0%	0%
PESSOAS	67%	33%	0%
POLUIÇÃO	0%	0%	100%
PREÇOS	0%	0%	100%
PROSTITUIÇÃO	0%	0%	100%
RENDA	100%	0%	0%
RUIDO	0%	0%	100%
TRABALHO INFANTIL	0%	33%	67%
TRADIÇÕES	33%	33%	33%
TRANSITO	0%	67%	33%
TURISTAS	100%	0%	0%
TOTAL	45%	18%	37%

Fonte: Elaboração própria

Contudo, tal premissa não pode ser encarada como algo absoluto e generalizado. No caso de Porto Seguro, por exemplo, um fator a ser considerado diz respeito à questão espacial. A região do Baianão está localizada fora do circuito turístico da cidade, de modo que os residentes desta área não experimentam da mesma forma que os moradores do Centro ou da Orla algumas situações ligadas à prática do turismo em seus cotidianos.

Entre os residentes do Centro houve um equilíbrio na proporção entre elementos positivos e negativos com relação ao turismo, conforme demonstra a Tabela 02 – Relação entre a cidade e o turismo – Centro. Contudo, é interessante notar que enquanto estes residentes em sua maioria consideram o item “pessoas” como algo positivo, o item “turistas” é visto por todos os respondentes como algo “negativo”, o que leva a reflexão sobre o atual estágio de saturação na relação entre estes residentes e os visitantes desta área.

Tabela 02 – Relação entre a cidade e o turismo – Centro

CENTRO	POSITIVO	NEUTRO	NEGATIVO
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	33%	33%	33%
BARRACAS DE PRAIA	33%	0%	67%
CRIMINALIDADE	0%	0%	100%
CULTURA	67%	33%	0%
CUSTO DE VIDA	33%	33%	33%
EDUCAÇÃO	67%	33%	0%
EMPREGO	67%	33%	0%
ESPAÇO NATURAL	67%	33%	0%
ESTRADAS	100%	0%	0%
FESTAS	33%	33%	33%
INVESTIMENTO PÚBLICO	33%	67%	0%
LAZER	100%	0%	0%
LIXO	0%	0%	100%
MORADIA	67%	0%	33%
MUSEUS	33%	33%	33%
PATRIMÔNIO	67%	33%	0%
PESSOAS	67%	0%	33%
POLUIÇÃO	0%	0%	100%
PREÇOS	0%	33%	67%
PROSTITUIÇÃO	0%	0%	100%
RENDA	67%	33%	0%
RUIDO	0%	0%	100%
TRABALHO INFANTIL	0%	0%	100%
TRADIÇÕES	67%	33%	0%
TRANSITO	33%	33%	33%
TURISTAS	0%	0%	100%
TOTAL	40%	19%	41%

Fonte: Elaboração própria

Pesquisas apontam que o aumento da quantidade de turistas faz com que o morador passe a se relacionar não com o turista-pessoa, mas sim com um estereótipo de turista predominante no imaginário social (Pi-Sunyer, 2001, p. 189; Nógues-Pedregal 1996, p. 59). O grande paradoxo é que nesses casos o turismo coloca em contato direto e próximo indivíduos que não se enxergam entre si como pessoas, mas como entidades portadoras de algo que o outro necessita. Os turistas são consumidores; os moradores locais, parte do produto a ser consumido (BARRETO, 2007).

As residentes da Orla avaliaram através desta atividade que tais elementos possuem uma relação mais negativa do que positiva com o turismo praticado em Porto Seguro, sobretudo no que diz respeito ao emprego, investimento público, poluição, preços, renda, ruído e trânsito. Elementos apontados de forma unanime como tendo uma relação negativa com a atividade turística.

Tabela 03 – Relação entre a cidade e o turismo – Orla.

ORLA	POSITIVO	NEUTRO	NEGATIVO
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	33%	33%	33%
BARRACAS DE PRAIA	33%	0%	67%
CRIMINALIDADE	0%	33%	67%
CULTURA	67%	0%	33%
CUSTO DE VIDA	33%	33%	33%
EDUCAÇÃO	0%	33%	67%
EMPREGO	0%	0%	100%
ESPAÇO NATURAL	67%	0%	33%
ESTRADAS	33%	67%	0%
FESTAS	67%	0%	33%
INVESTIMENTO PÚBLICO	0%	0%	100%
LAZER	67%	33%	0%
LIXO	0%	33%	67%
MORADIA	67%	0%	33%
MUSEUS	67%	0%	33%
PATRIMÔNIO	67%	0%	33%
PESSOAS	100%	0%	0%
POLUIÇÃO	0%	0%	100%
PREÇOS	0%	0%	100%
PROSTITUIÇÃO	0%	67%	33%
RENDA	0%	0%	100%
RUIDO	0%	0%	100%
TRABALHO INFANTIL	0%	33%	67%
TRADIÇÕES	33%	0%	67%
TRANSITO	0%	0%	100%
TURISTAS	67%	33%	0%
	31%	15%	54%

Fonte: Elaboração própria

Cabe ressaltar que as diferenças entre os grupos acontecem, pois eles têm motivações diferentes. As moradoras da Orla, por exemplo, revelaram ser oriundas de grandes cidades com níveis salariais mais altos, menor custo de produtos e serviços e uma maior oferta de empregos diversificados. Ademais, tais entrevistadas, assim como muitos outros atuais residentes, afirmam terem migrado para Porto Seguro em busca de um estilo de vida mais tranquilo, o que justifica a frustração com problemas urbanos como o trânsito, poluição e ruído.

Acontece que em função do crescimento urbano e a forma como se deu o processo de produção do espaço turístico nas últimas décadas, Porto Seguro se caracteriza hoje como uma cidade cosmopolita. Assim, apesar de se ser uma pequena cidade em termos de número de habitantes, já apresenta características e problemas semelhantes a muitas capitais e grandes centros urbanos. De modo que os problemas surgidos se acumulam no cotidiano dos residentes, gerando em muitos aspectos condições de vida pouco satisfatórias para a cidade de forma geral.

4.8.5. Inclusão x Exclusão no turismo

A possibilidade de inclusão no processo de turistificação decorre das condições históricas estruturais objetivas existentes em uma localidade, de cuja relação dialética resulta a configuração do espaço. Para Coriolano (2004) compreender as formas de incluir e excluir e as relações de poder na produção do espaço turístico implica necessariamente entender as relações produtivas do espaço e o exercício de poder do Estado, das classes empresariais e trabalhadoras em movimento e conflito. A questão seria investigar como e porque isto acontece.

Desse modo buscou-se identificar de que forma os participantes, de fato, se veem incluídos na prática da atividade turística e quais as formas de exclusão são cotidianamente identificadas por eles enquanto residentes de uma cidade turística. Assim, foi solicitado aos participantes que escrevessem em uma folha verde de que forma se veem incluídos na prática da atividade turística e numa folha rosa as formas de exclusão geradas pelo turismo no contexto da cidade de Porto Seguro. As reflexões levantadas pelos residentes estão descritas a seguir, algumas transcritas de forma literal para melhor contextualização.

De forma abrangente as formas de inclusão apontadas pelos entrevistados estão ligadas à “diversão”, “trocas culturais com pessoas diferentes” e “imagens positivas”. Contudo, o fator do qual os entrevistados se referiram de forma mais específica e recorrente está ligado à questão econômica. Os residentes associam direta ou indiretamente os benefícios turismo a empregabilidade e geração de renda seja deles mesmos, de seus familiares, de alunos, clientes, conforme expresso nas falas a seguir.

“O turismo sustentou a minha família durante muitos anos”. (J. J., 27 anos)

“Visibilidade da minha arte” (P.S.M.P., 32 anos)

“Trabalho com projeto cultural e gastronômico” (M.S.M., 61 anos)

Entre os aspectos que os fazem sentir excluídos diante da prática do turismo os residentes apontaram como um dos elementos a inércia administrativa do poder público e ausência do Estado como um fator de exclusão.

“O turismo na nossa cidade é voltado para os grandes empresários, ou seja, não são todos que recebem os benefícios do turismo”. (J. J., 27 anos)

“Poder público fechado em painelas de incompetentes, sem fórum de discussões”. (E.J.C., 54 anos)

Os entrevistados também revelam se sentir excluídos em função da expulsão das classes menos favorecidas das regiões centrais e de maior interesse turístico, em consequência do aumento no preço das propriedades.

“O morador nativo sendo direcionado para periferia” (P.S.M.P., 32 anos)

“Quando a cidade está cheia não consigo me locomover na cidade (sic)”. (J. J., 27 anos)

Outro aspecto recorrentemente relatado é a falta de opções culturais e de lazer. Pois, mesmo as existentes são voltadas para o público visitantes e não contemplam os moradores, sejam em aspectos culturais e de infraestrutura.

“Não participo do lazer que tem para turistas./ Não há atividades de lazer fora praia na cidade”. (M.S.M., 61 anos)

“O que me faz sentir excluído do turismo em Porto Seguro é o fato de que as festas, mesmo as populares ao ar livre, eram realizadas pensando só no turista. Os horários eram muito tarde e às vezes voltava pra casa sem ver a atração principal”. (R.S.B., 36 anos)

“Poluição sonora e ambiental me afetam diretamente e negativamente, enquanto os turistas não se importam, não moram aqui...” (A.A.S.C., 29 anos)

As falas anteriormente descritas exemplificam as reações observadas nos grupos e explicitam a importância de falar sobre este tema. As questões levantadas pelos residentes tratam de elementos constitutivos de suas vidas e de suas relações com a cidade e o turismo e com indivíduos que vivenciam as mesmas ou outras realidades urbanas.

A partir das narrativas compartilhadas no trabalho de campo foi possível vislumbrar as relações espaciais, sociais e simbólicas estabelecidas pelos residentes com a cidade de Porto Seguro. As percepções e reflexões obtidas a partir da interação com os grupos, que serão discutidas no tópico a seguir, são um convite para refletir sobre aspectos relacionados à vivência dos moradores, sem, com isso, permitir esgotar as possíveis análises.

4.9. Discussão dos resultados

Ao se analisar os discursos apresentados observa-se que os aspectos levantados acabam por apontar as diversas formas de uso do espaço e os contornos de sua ocupação a partir de questões históricas, culturais, políticas e sociais, bem como a inter-relação entre frequentadores e moradores com determinadas áreas. Ainda que apresentem características heterogêneas, através das atividades propostas os residentes retrataram uma cidade vivenciada e lida através de memória afetiva e de um lugar que faz parte de sua própria história de vida. Num primeiro momento, na atividade de foto-elicitación, através das impressões, memórias e experiências pessoais destes residentes foram reveladas algumas pistas destes vínculos constituídos com o espaço, da maneira como o ocupam, os traços de sociabilidades, os sentimentos de identidade e pertença que possuem com a cidade.

Foi possível observar que múltiplas relações guiam os sentidos e os valores dos usuários com o espaço em que estão inseridos. Sendo que ao mesmo tempo em que compartilhavam insatisfações, também defendiam o local de residência. De modo que as críticas ao lugar possuem uma conotação de desejar o melhor, de intervir positivamente no sentido de corrigir seus aspectos negativos. O sentimento de fazer parte, de pertencer, nesse entendimento, transcende os obstáculos da insatisfação. As considerações sobre o lugar ecoaram em uma combinação de estima e preocupação.

Os residentes também evidenciaram uma perda de referenciais relacionados a hábitos cotidianos que já não se fazem mais possíveis, em função do crescimento do espaço urbano. Diante de tais relatos, é possível perceber as inevitáveis mudanças de comportamentos ocorridas em função da expansão urbana e, sobretudo, pelas novas dinâmicas socioeconômicas e formas de uso do espaço.

Outro ponto que merece destaque é que nos relatos e narrativas dos residentes há, constantemente, uma referência a cidade de Porto Seguro como um local tranquilo, contemplativo e de natureza selvagem. Por outro lado, há

também uma constante referência à melhoria de infraestrutura (seja a ocorrência ou a falta desta), como é o caso dos serviços de abastecimento e a expansão do comércio e serviços, que muitas vezes foi associado pelos residentes à chegada do turismo.

Ao apontar os potenciais da cidade, por diversas vezes a pesca e atividades ligadas ao mangue e ao litoral foram citadas. Cabe ressaltar que no a pesca se constitui como um valioso saber vinculado com a prática da economia social e cultural dos povos litorâneo. Conforme aponta Ribeiro (2017) ao relatar que antes mesmo da existência da Capitania de Porto Seguro a pesca se constituía como a principal prática econômica exercida pelos nativos. Desse modo, diante de um extenso litoral e de uma riqueza potencial de espécies, tal atividade possui grande relevância tanto como fonte de subsistência bem como prática de lazer para alguns residentes.

A Mata Atlântica, as unidades de conservação e parques federais que também foram apontados como fatores potenciais, se justificam pela rica presença de biodiversidade, com alta concentração de espécies e endemismos. O município de Porto Seguro possui dois Parques Nacionais, do Pau Brasil e Histórico do Monte Pascoal, além de outras áreas protegidas, como as reservas indígenas. Para se ter uma ideia, segundo dados do Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA) de Porto Seguro, no ano de 2014 o município ainda contava com 45% de seu território coberto por floresta nativa, grande parte protegida por unidades de conservação públicas e privadas. Cabe destacar ainda que esses locais são espaços importantes para o desenvolvimento de pesquisas científicas e projetos de educação ambiental, reprodução de espécies, resgate cultural, práticas de lazer e ecoturismo, entre outras atividades.

Outro potencial apontado pelos residentes foi o turismo cultural (histórico e religioso) e ecológico. Opinião também compartilhada entre aqueles que visitam a cidade. Na Pesquisa de Demanda Turística Atual e Potencial, realizada em 2017 pelo SEBRAE em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e turismo e o *Porto Seguro Convention Bureau* a cultura local aparece como segunda principal motivação geral entre os visitantes em potencial.

Ademais, o próprio PMMA aponta que o grande número de turistas que chega à região à procura das praias pode ser estrategicamente atraído também para o turismo de parques (ou de florestas) que, inclusive, tem sido uma importante alternativa econômica para as populações indígenas. Algumas experiências já apresentam êxito, como a Reserva Pataxó da Jaqueira e trilhas na Aldeia Velha. E há ainda outras áreas com grande potencial para essa atividade, como a TI Barra Velha do Monte Pascoal, que possuem propostas de roteiro de visitação e moradores que passaram por formações em ecoturismo.

Entre os efeitos positivos trazidos pelo desenvolvimento, além da ampliação da oferta de serviços comerciais e infraestrutura, o aumento de oportunidades ligadas à educação foi um ponto em comum citado nos diferentes grupos. O que merece destaque pelo fato de que até a década de 1970, o sistema educacional no município contava com poucos estabelecimentos de ensino e o  ndice de analfabetismo chegava a cerca de 60% em 1980. A partir disso, vale ressaltar que para redução da desigualdade social, além da infraestrutura urbana,   imprescindível que os investimentos em educação também acompanhem a expansão da cidade. Não apenas para atender o discurso da capacitação profissional defendido por muitos gestores, mas, sobretudo para promover transformação social e cidadania.

Quanto aos problemas gerados pelo desenvolvimento além da violência, e da desigualdade social e econômica, a questão ambiental é o ponto que mais preocupa os participantes, em função do patrimônio ambiental encontrar-se seriamente ameaado face ao aterro de alagadios e manguezais, da ocupação desordenada em áreas de remanescentes de mata atlântica, e das atividades turísticas incompatíveis com a capacidade de suporte do meio ambiente (CUNHA, 2001).

A migração de pessoas em busca de emprego como resultante de uma conseqüente ocupação ilegal e poluição visual com moradias de diversos estilos foi apontada também como uma conseq ncia negativa do desenvolvimento. Contudo, é preciso observar que os empresários que se estabeleceram na cidade e atuaram no mercado imobiliário também são migrantes só que sujeitos donos do capital que se tornaram agentes da

expansão capitalista que também provocou transformações na paisagem da cidade (PEREIRA, 2017).

Além disso, segundo Issa e Dencker (2006) pode-se inferir que o que possibilita que a população venha a ser ou não incluída de forma mais ou menos conflituosa, são as condições histórico-estruturais existentes na localidade, sua compatibilidade com a tipologia de turismo e, principalmente, a condução do processo político pelo qual a política de desenvolvimento turístico é implementada na localidade. Na maior parte dos casos, antes desse processo de gentrificação os lugares tinham pessoas ligadas à história local, pessoas que tinham ainda ocupações na vizinhança. Em Porto Seguro, a revalorização imobiliária levou à expulsão (às vezes pelo próprio poder público), desses indivíduos de suas casas, obrigando-os a se mudarem para bairros afastados (como é o caso dos moradores realocados do bairro do Campinho, na região central de Porto Seguro, para a Vila Vitória, na região do Complexo do Baianão). O que, juntamente com a precariedade do transporte urbano, os prejudicou, e muito, conforme apontado pelos próprios residentes ao discorrer sobre o que os fazem se sentir excluídos da prática do turismo.

A não participação nos espaços de decisão referentes à atividade turística também foi outro fator de exclusão apontado pelos participantes. A partir disso, é preciso chamar a atenção para o fato de que deixar a cidade nas mãos de uma pequena elite política e econômica com condições de moldá-la cada vez mais segundo suas necessidades particulares e seus mais profundos desejos acaba por impor aos espaços uma lógica negativa de exploração capitalista que tem privilegiado o visitante em detrimento do residente. Cabe ao poder público, e não ao empresariado, o direcionamento das ações necessárias ao ordenamento da atividade turística, assim como o de qualquer outra atividade que possa provocar tamanha interferência no cotidiano e no espaço.

Os participantes afirmaram também se sentir excluídos por não se sentirem contemplados pelas opções de lazer que a cidade oferece, pois, mesmo as existentes são voltadas para o público visitante, sejam em aspectos culturais e/ou de infraestrutura. Inclusive, dentre os lugares que anteriormente eram frequentados pelos moradores as principais menções estiveram voltadas aos

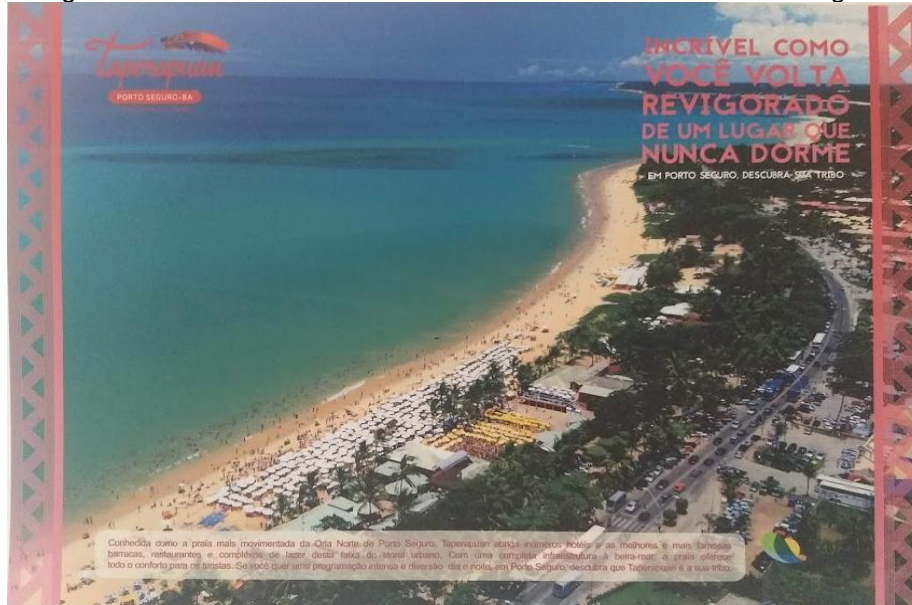
espaços e atividades de lazer, que aí aparecem representados por praças, praias, estádios, quadras de esporte, casas de show e blocos culturais.

Marcellino (2002) aponta para alguns fatores que podem interferir nas práticas de lazer da população, sobretudo em destinos turísticos. Um deles se refere à barreira imposta pela apropriação desigual do espaço público. Embora a praia, por exemplo, se constitua um espaço público, a atividade turística tem se apropriado desse espaço para desempenho de suas atividades e, em algumas situações, o espaço público de bem comum, é transformado em espaço privado, tal como pode ser observado no caso das barracas de praia locais, o que desrespeita inclusive o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro – PNGC, que estabelece ser a faixa de praia considerada um bem público e de livre acesso à toda população. O autor complementa que outro ponto que merece atenção está diretamente ligado a intensificação dos problemas socioambientais, tais como poluição, violência, mobilidade, entre outros que se revertem em aspectos negativos para as práticas de lazer do residente, uma vez que o limita tanto com relação a frequência, quanto na qualidade do lazer.

Aqui, cabe ressaltar que os espaços produzidos para a atividade turística em Porto Seguro se constituíam em importantes espaços de lazer e recreação para os residentes. Assim, o processo de urbanização turística que vem transformando os espaços de lazer da cidade em locais turísticos, conferindo a estes uma nova feição, uma vez que aos poucos vão perdendo a sua característica de espaços populares, produzidos e desfrutados pelos residentes, para se reverterem em espaços turísticos altamente valorizados, que se especializam no consumo turístico.

Seguindo esta lógica, criou uma imagem festiva do local e esta ideia é destacada como se o ambiente festivo fosse ao mesmo tempo um produto e uma característica da cidade, conforme pode ser observado na figura 30 - Cartaz da Secretaria Municipal de Cultura de Turismo de Porto Seguro.

Figura 30 – Cartaz da Secretaria de Cultura e Turismo de Porto Seguro.



Fonte Acervo próprio

Observa-se, contudo que a maioria das festas que são realizadas na cidade é organizada pelo setor privado: são shows musicais open bar, luaus, festa à fantasia, bailes temáticos e carnaval em espaço privado. Assim, é difícil encontrar eventos festivos na cidade que não sejam organizadas para atender a demanda externa, assim como exposto por Pereira (2017) em sua tese sobre o cotidiano do trabalhador, que analisa as festas como um elemento das práticas de apropriação espacial.

Além da concentração dos serviços nas áreas turísticas, a especialização e expansão destes resultam, em geral, na segregação das classes sociais menos favorecidas, por se tratar de uma forma cara de lazer, em que a frequência a esses equipamentos é privativa, mesmo em espaços que deveriam ser de uso público. Tal realidade destoa da situação socioeconômica da maioria da população, sobretudo o residente de menor poder aquisitivo, principalmente em períodos de alta estação, quando ocorre um aumento significativo no fluxo de turistas nas áreas turísticas, concomitantemente com uma inflação dos produtos e dos ingressos aos estabelecimentos privados.

Os elementos retratados são apenas uma síntese dos acontecimentos ocorridos em um contexto de desenvolvimento contraditório na cidade de Porto Seguro. Em um jogo de poder no qual historicamente se perpetuou a marginalização da população e acirramento das desigualdades sociais,

atendendo, de um lado, o interesse de uma minoria beneficiada pelos lucros das novas formas e usos do território comercializado; e, de outro, as demandas de lazer e seus padrões de consumo impostos pelos próprios agentes produtores do espaço. "Aqui, o grave não é a mudança, mas, sim, o fato dessa mudança surgir por imposição externa." (GALLERO, 2004, p. 40).

A expansão muito recente e radical do processo urbano direcionada ao atendimento de interesses econômicos trouxe consigo incríveis transformações no estilo de vida. A qualidade de vida urbana tornou-se uma mercadoria dos que têm dinheiro, como aconteceu com a própria cidade em um mundo o qual o consumismo, o turismo, as atividades culturais e baseadas no conhecimento, assim como o eterno recurso à economia do espetáculo, tornaram aspectos fundamentais da economia política urbana.

Neste modelo do qual fica evidente como apenas alguns atores são beneficiados, observa-se a manutenção da subalternidade do outro para reforço dos papéis na relação de poder e a constante ampliação de um quadro de exclusão e desigualdade social. A tentativa de se adequar a um padrão de consumo muitas vezes distante de sua realidade faz com que tais sujeitos, marginalizados e excluídos socialmente, se tornem justamente a clientela do desenvolvimento. De modo que a atividade turística, tal como um dia se deu com a cana-de-açúcar, a lavoura cacaeira e o extrativismo madeireiro, deve ser vista enquanto prática econômica imersa em um contexto mais abrangente seja ele econômico – o capitalismo –, seja vinculado à estrutura política do país, marcada pela má gestão e pela corrupção.

Vale chamar a atenção para o fato de que diante desse cenário, tem se verificado pouca ou nenhuma reação por parte das populações afetadas pelas mudanças introduzidas pelo desenvolvimento turístico, manifestado inclusive diante da baixa adesão de participantes nos encontros promovidos. Percebe-se que guiadas pelo discurso hegemônico as pessoas se isentam e muitas vezes reforçam esta lógica. Pois, ainda alimentam grandes expectativas de que através do turismo suas vidas venham a melhorar para que possam se inserir no padrão capitalista de consumo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os aspectos a serem destacados nesta pesquisa, está a análise de um evidente processo de fragmentação espacial. Fenômeno já observado em cidades com potencial produtivo e/ou atrativo turístico, que propaga a especulação imobiliária em lugares onde a expansão urbana se mostra prematura. Um dos fatores que podem ser considerados como um alerta é o aumento no desenvolvimento de projetos de loteamentos urbanos, mesmo que não exista localmente demanda para tanto.

Percebe-se que além dessa fragmentação do espaço, há a propagação de um estilo de vida alheio a realidade local. Este estilo de vida pouco questionado e que se torna sinônimo de modernidade e progresso, seja entre os nativos ou entre os emigrantes. A partir desta dinâmica, o espaço se transforma, assim como a sociedade, mas observam-se resquícios do passado através dos registros da paisagem e de narrativas pessoais, sejam de antigos moradores ou visitantes. Causando uma dicotomia entre passado e futuro, entre nostalgia e excitação pelo novo. Contudo, o foco desta questão não está na passagem do tempo, mas na forma como a cidade tem se transformado.

A serviço da ótica capitalista e da racionalidade produtiva (aqui expressa através da atividade turística) se impõe uma lógica não só da produção econômica, política e espacial, mas também social, inclusive nos espaços de lazer. Neste cenário observa-se ainda a retirada das pessoas dos espaços de interesse, mesmo que à força e violência, apagando suas vidas e seus legados.

Ao se dar destaque aos residentes, espera-se despertar um maior estímulo ao debate pela inserção da sociedade civil no processo de urbanização e de desenvolvimento turístico. Desse modo, este estudo oferece um diagnóstico atual sobre algumas das consequências da prática do turismo nas comunidades receptoras através do caso específico de Porto Seguro (BA). Com destaque para o fato de que o desenvolvimento local não deve ser pautado na oferta e demanda de atores externos. Bem como precisa levar em

consideração as diferentes realidades. Diante disto é necessário que as transformações promovidas na cidade ocorram não apenas com base nos interesses econômicos, mas também principalmente tendo em vista os diferentes usos do espaço urbano e as reais necessidades da população residente.

A partir disso, os encontros com os moradores foram pensados para atender o objetivo de compreender a relação dos residentes com a cidade e o turismo praticado em Porto Seguro. Cabe pontuar que a formatação da metodologia dos encontros com os residentes surgiu diante do desafio de mensurar questões tão subjetivas através de instrumentos padronizados e com uma grande amostra da população. Assim, foram tomadas como base experiências de participação e educação popular, levando também em consideração o caráter transdisciplinar do tema abordado. Embora não seja possível expressar detalhadamente a profundidade da experiência e dos relatos vivenciados com os residentes, vale ressaltar como tal metodologia se revelou como um instrumento potencial de aproximação entre a produção de conhecimento desenvolvido pela academia e pela sociedade que não está inserida nela.

Desse modo, este estudo evidenciou as problemáticas vividas pelos residentes de cidades turísticas, sem, no entanto, ter a pretensão de esgotar a temática e apresentar respostas conclusivas. Pelo contrário, trata-se de abrir novas discussões, proposições, caminhos que podem ser seguidos e discutidos para que se tenha um melhor entendimento da temática na localidade estudada. Sendo recomendada especial atenção às frentes de atuação relacionadas a esta temática na esfera acadêmica, pública e social, sobretudo no que diz respeito aos meios e ferramentas necessárias para promoção de uma maior participação popular e cidadania.

O desafio aqui posto para as próximas pesquisas relacionadas se constitui em pensar e fomentar formas de prática do turismo que levem em consideração às necessidades e a experiência de habitar uma cidade turística. Independente do perfil destes residentes, mas com uma especial atenção para os sujeitos marginalizados ao longo do processo de desenvolvimento da atividade em uma determinada localidade.

A partir das intenções manifestadas pelos residentes como expectativas para os desdobramentos desta pesquisa, recomenda-se ainda que se direcionem esforços no sentido de promover uma maior aproximação entre a sociedade civil e a universidade. O que pode ser alcançado através de pesquisas e projetos de extensão que contemplem a participação ativa dos residentes. De modo que sejam valorizados os saberes populares, a memória coletiva e o patrimônio local, além de contribuir para as políticas públicas e a cidadania, apontando caminhos para a inclusão dos sujeitos excluídos socioeconomicamente dentro e fora da esfera do turismo. Algumas propostas que podem contribuir para alcance deste resultado pode ser a criação de centros de memória¹, observatórios e incubadoras sociais, por exemplo.

Diante de tal contexto, ressalta-se a contribuição desta pesquisa para o estudo do turismo, da sociologia, do planejamento urbano, das políticas públicas, entre outras áreas do conhecimento relacionadas. Assim como a importância e a emergência de novas formas de pesquisa científica para a evolução do conhecimento fundamentado na aprendizagem e na troca de experiências. O que reafirma o posicionamento deste estudo de centrar-se na prática das pesquisas sociais empíricas, para construção de abordagens mais profundas que elevem a capacidade reflexiva e a produção do conhecimento acerca do fenômeno turístico e para além.

¹ Já se encontra em desenvolvimento na UFSB o Centro de Documentação Digital "Memórias do Sul da Bahia" que visa a conservação de um acervo com materiais históricos e etnográficos (arquivos manuscritos, fotos, vídeos, mapas, revistas, entrevistas, objetos etnográficos etc.) levantados pelos docentes e discentes da UFSB e instituições parceiras no sentido de disponibilizá-los à consulta e pesquisa de forma democrática ao público em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Lucia Bastos. Reflexões sobre a pesquisa qualitativa aplicada ao turismo. **Turismo e Análise**, v. 22, n. 3, dez. 2011.

ANJOS JUNIOR, Edwaldo Sérgio. **Um olhar antropológico sobre a relação cultura-turismo em Porto Seguro-BA**: reflexões sobre a baianidade. 2008. 163f. Dissertação (Mestrado Cultura & Turismo), Ilhéus-BA, 2008.

ARAÚJO, Cristina Pereira de. Um Porto Seguro para os próximos 500 anos. In: **Bahia análise & dados**. [S.l.]: [s.n.], 2005.

ARCHER, Brian; COOPER, Chris. Os impactos positivos e negativos do turismo. In: THEOBALD, William F. (org.). **Turismo Global**. 2. ed. Tradução de Ana Maria Capovilla, Maria Cristina Guimarães Cupertino e João Ricardo Barros Penteado. São Paulo: SENAC, 2002. Tradução de: Global Tourism.

BAHIA, Lei nº 13.214, de 29 de dezembro de 2014. Dispõe sobre os princípios, diretrizes e objetivos da Política de Desenvolvimento Territorial do Estado da Bahia, institui o Conselho Estadual de Desenvolvimento Territorial – Cedeter e os Colegiados Territoriais de Desenvolvimento Sustentável – Codeter's. **Diário Oficial do Estado**, Poder Executivo, Salvador, BA, a. XCIX, n. 21605, seção 1, p. 6-8, 30 de dezembro de 2014.

BARRETO, Margarita. **Cultura e Turismo**: discussões contemporâneas. Campinas: Papirus, 2007.

BIANCHI, Leila. Os sítios urbanos como atração turística: o caso de Porto Seguro. **Caderno Virtual de Turismo**, 2005, n. 1. Disponível em: www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/include/getdoc.php?id=90&article=28&mode=pdf Acesso em: 09 maio 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. Edição eletrônica/Labur, São Paulo, 2007

CARVALHO, Clébia Rodrigues. Uma abordagem geográfica do turismo em Porto Seguro. 2008. 92 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2008.

CASTRO, Nair Aparecida Ribeiro. **O lugar do turismo na ciência geográfica**: contribuições teoricometodológicas à ação educativa. 2006. 311 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2006.

CAUMO, Teodósio. **Pesquisa qualitativa no campo do turismo**. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 4. Caxias do Sul-RS. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006.

COELHO, Ivan Valadares. **Análise das consequências do crescimento do turismo no município de Porto Seguro a partir da década de 90 sob o ponto de vista do desenvolvimento sustentável.** 2009. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

COOPER, Chris et al. **Turismo, princípios e prática.** 2. ed. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. O turismo, a exclusão e a inclusão social. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 6, n. 1, p. 181-190, 2004.

_____. Turismo: Prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SIVEIRA, M. L. (Orgs.). **América Latina: cidade, campo e turismo.** 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciências Sociales – CLACSO; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

COSTA, João Henrique; SOUSA, Michele. **Política de turismo e desenvolvimento:** reflexões gerais e experiências locais. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2010.

COSTA, Moabe Breno Ferreira. **Cibercultura e a potencialização da atividade turística.** 2005. 275 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, 2005.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Política de turismo e território.** São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Introdução à geografia do turismo.** São Paulo: Roca, 2001.

_____. **Geografias do turismo:** de lugares a pseudo-lugares. São Paulo: Roca, 2007.

CUNHA, Conceição. O recurso natural como produto turístico. **Bahia Análise & Dados.** Salvador, v.11, n. 2, p.112-117, set. 2001.

DALL'AGNOL, Clarice Maria et al. A noção de tarefa nos grupos focais. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 186-190, mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100024&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2019.

MEDEIROS, Emerson Augusto; AMORIM, Giovana Carla Cardoso. Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em Revista**, v. 3, n. 3, p. 247-260, 2017.

MENDONÇA, J. R. C., BARBOSA, M. D. L. D. A., & DURÃO, F. A. Fotografias como um recurso de pesquisa em marketing: o uso de métodos visuais no estudo de organizações de serviços. **Revista de Administração Contemporânea**, 11(3), p. 57-81, 2007.

DIAS, Gilka da Mata. **Cidade sustentável: fundamentos legais, políticas urbanas, meio ambiente e saneamento básico.** Natal: Editora do Autor, 2009.

DOXEY, George. **A causation theory of visitor-resident irritants: methodology and research inferences.** In 6th ANNUAL CONFERENCE. San Diego. Travel Research Association, p. 195-198, 1975.

FONTANA, Romeu. **Porto Seguro: aqui começou o Brasil – o DNA do Descobrimento.** Porto Seguro-BA: Agora, 2000.

_____. **Porto Seguro, Memória fotográfica.** Porto Seguro-Ba, Correios, 2004.

GALLERO, Álvaro Lopes. O lugar e o não-lugar no turismo. In: GASTAL, S. & MOESCH, M. M. (Orgs.). **Um outro turismo é possível.** São Paulo: Contexto, 2004, p. 36-42.

GASTAL, Suzana de Araújo; DALL'AGNOL, Sandra. Turismo em Laguna (SC): Impactos e atitude. **Revista Brasileira de Turismo - RBTUR**, v. 6, n. 1, p. 16-31, 2012.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livros, 2005.

GERTZE, Jurema. **Por um novo olhar para o turismo na Costa do Descobrimento.** In: MESQUITA FILHO, Odilon Pinto (Org.). Porto Seguro: aspectos. Itabuna/Ilhéus: Via Litteranum, 2006, p. 39-64.

GIANNELLA, Valéria. Base teórica e papel das metodologias não convencionais para a formação em gestão social. In: CANÇADO, Ailton, Cardoso et al. (Orgs.). Os desafios da formação em gestão social. Palmas, II ENAPEGS **Anais...** Palmas-TO: Provisão, 2008.

GIANNELLA, Valéria; ARAÚJO, Edgilson Tavares; OLIVEIRA NETA, Vivina Machado. As metodologias integrativas como caminho na ampliação da esfera pública. In: SCHOMMER, Paula Chies; BOULLOSA, Rosana de Freitas (Orgs.). **Gestão social como caminho para a redefinição da esfera pública.** Florianópolis: Ed. UDESC, v. 1, 2011, p. 139-164.

GOMES SOBRINHO, Lirandina. **Luzes e sombras no Litoral Norte da Bahia: os efeitos territoriais, socioambientais e econômicos da implantação das redes hoteleiras espanholas e portuguesas.** 2011. 339 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe-UFS, São Cristóvão, 2011.

GOMIDE, Maria Lucia C. Território no mundo A'uwe Xavante. Confins, **Revista Franco Brasileira de Geografia**, n. 11, 2011.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

- GOTTSCHALL, Carlota. O turismo transforma o espaço em Porto Seguro. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v.3, n.2, p.97-93, set. 1993.
- HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D. & ADRIGUI, M. **Turismo em cidades**: espaços urbanos, lugares turísticos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- HARPER, D. **Talking about pictures**: A case for photo elicitation. *Visual Studies*, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2002.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução de Jeferson Camargo, São Paulo: Martins Fontes. 2014.
- HEISLEY, D. Deborah; LEVY, Sidney J. Autodriving: A photoelicitation technique. **Journal of Consumer Research**, v. 18, n. 3, p. 257-272, p. 1991.
- HINTZE, Hélio; ALMEIDA JUNIOR, Antônio. Ribeiro. **Mídia, Turismo e Racismo**: estudos críticos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 6, São Paulo, **Anais...** São Paulo: USP, 2012.
- IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 03 abr. 2018.
- IERVOLINO, Solange Abrocesi; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista Escola de Enfermagem**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115-21, jun. 2001.
- IPHAN (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL). **Sítio Histórico do Descobrimento**: patrimônio cultural. Porto Seguro, 2000.
- IRVING, Marta de Azevedo; MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. Projeto Turístico de Base Comunitária: reflexão inicial sobre participação na prainha do Canto Verde. In: BAHLL, Miguel. **Turismo com Responsabilidade Social**. São Paulo: Roca, 2004.
- ISSA, Yara Sílvia Marques de Melo; DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Processos de turistificação: dinâmicas de inclusão e exclusão de comunidades locais. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 1, p. 47-63, 1º sem. 2006.
- JAGGAR, Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs.). **Gênero/corpo/conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 157-185.
- JESUS, Rosângela Cidreira. Terras do sem fim: viagem e identidade. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto; VOISIN, Jane (Orgs.). **Expressões**

culturais, Literatura e Turismo: estudos sobre memória, identidade e patrimônio cultural. Ilhéus-BA: Editus / UESC. 2011.

PORTO Seguro mantém altas taxas de crescimento populacional. **Jornal do Sol.** Porto Seguro. 25 out. 2017.

KINALSKI, Daniela Dal Forno et al. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 70, n. 2, p. 424-429, abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672017000200424&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 abr. 2019.

KNAFOU, Rémy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e Geografia:** reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 62-74.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano.** 4. ed. Barcelona: Península, 1978.

_____. **A revolução Urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **Espaço e política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, L. C. (Org.) **Da cidade ao campo:** a diversidade do saber fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998, pp.15-29.

MATOS, Bruno Vinhas; SANTOS, Jeroaldo de Souza; SILVA, Monique Oliveira. Porto Seguro: processo de urbanização, as novas espacialidades a partir da década de 70, desenvolvimento e turismo. I SIMPÓSIO CIDADES MÉDIAS e PEQUENAS da BAHIA, 1, **Anais...** Santo Antônio de Jesus: UESB, 2009.

MESQUITA FILHO, Odilon Pinto. Turismo sexual em Porto Seguro: o discurso da preferência pela mulher negra. In: MESQUITA FILHO, Odilon Pinto (Org.). **Porto Seguro:** aspectos. Itabuna/Ilhéus: Via Litteranum, 2006, p. 109-118.

METODO, Assessoria e consultoria em projetos sociais. **Plano de desenvolvimento socioterritorial - Vila Parracho.** Porto Seguro, 2017.

MORAES, Antonio Carlos R. **O rio da minha terra deságua em meu coração.** Resenha, São Paulo, Outubro, 2002.

MOESCH, Maruska. **A produção do saber turístico.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002

MONTEJANO, Jordi Montaner. **Psicossociología del turismo.** España: Síntesis, 1996.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação,** São Paulo, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

_____. GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo constitutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 117-128, abr. 2006.

MORGAN, David. Focus group as qualitative research. **Qualitative Research Methods Series**, n. 16. London: Sage Publications, 1997.

MURICY, Ivana Tavares. **O Éden terrestre: a construção social de Porto Seguro como cidade turística**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

MURTA, Rachel Sant'Anna. **A transformação do espaço urbano em função do turismo**. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5, Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte-MG, 2008.

OLIVEIRA, Elton Silva. 2006. Percepção dos autóctones em relação à economia, meio ambiente e ao turismo em Ilhéus-BA. In: SEMINÁRIO SEMINTUR JR, 4., Caxias do Sul-RS. **Anais...** GT 10. Caxias do Sul-RS: Universidade Caixas do Sul. Disponível em: <https://www.uces.br/ucs/tpl/SemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT10-9.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ORNELLAS, Waldeck Vieira; ESPINHEIRA, Carlos Geraldo; SAMPAIO, Heliodório. Porto Seguro/Cabrália: análise para o planejamento. In: **Planejamento**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 397-453, jul/ago. 1974.

OURIQUES, H. R. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas: Alínea, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre. Perspectiva crítica do turismo: proposições éticas e filosóficas a partir da realidade latino-americana. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. jun./2018, p. 9-21, 2018.

PARK, Robert. **On Social Control and Collective Behavior**. Chicago, Chicago University Press, 1967.

PEREIRA, Aleselma Silva. **Porto Seguro-BA: o cotidiano do trabalhador e a espacialidade da cidade-mercadoria**. 2017. 110 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2017.

PI-SUNYER, Oriol; THOMAS, R. Brook e LTABUIT, Magali (2001). Tourism on the Maya periphery. In: SMITH, V.; BRENTT, M. **Hosts and guests: Tourism issues of the 21st century**. Nova York: Cognizant Communication Corporation, p. 122-140.

PRODETUR NE II. **Plano de desenvolvimento integrado do turismo sustentável: Costa do Descobrimento**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas/HVS International/SUDETUR/Governo do Estado da Bahia, 2002.

RIBEIRO, Danilo Santos. **Transgeracionalidade da pesca: transmissão, permanências e vicissitudes da tradição pesqueira na cidade de Porto Seguro-BA**; Foz do Iguaçu: UNILA, 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2015.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável**. São Paulo: Papirus, 1997.

SANTOS, Alexandre Eduardo. **Do surgimento da cidade ao processo de conurbação: elementos teóricos para análise**. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7, VITÓRIA, **Anais...** Vitória, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 10. ed. Porto-PT: Afrontamento, 2013.

SANTOS, Juliana Marin dos. **Turismo e produção do espaço em Porto Seguro a partir da década de 1970**. 2017; 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: M. SANTOS, M. A. SOUZA, M. L. SILVEIRA (Orgs.), **Território Globalização e Fragmentação**, São Paulo: Hucitec, 1994, p. 15-20.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed., 3ª reimpr. – São Paulo: Edusp, 2012.

SCHROEDER, J. E. Introduction to the special issue on aesthetics, images and vision. **Marketing Theory**, v. 6, n.1, p. 5-10, 2006.

SHAW, Donna. A new look at an old research method: Photo-elicitation. **TESOL Journal**, v. 4, n. 4, p. 785-799, 2013.

SILVA, Carlos Henrique Costa O turismo e a produção do espaço: perfil geográfico de uma prática socioespacial. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 2, maio/ ago. 2012.

SIMÕES, Polyana. Cluster de entretenimento: a metanóia baiana. **Conjuntura & Planejamento**, Salvador, n. 128, p. 31-37, jan. 2005.

SIVIEIRO, Ana Paula. Os elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: reflexões teóricas e articulações. In: **RA'EGA: o espaço geográfico em análise**. Curitiba, n. 11, 2006, p. 51-59.

SMITH, Valene. **Hosts and guests: The anthropology of tourism** (2nd ed.). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

_____. **Stone age to Star Trek**. In: SMITH, V. e BRENT, M. (Orgs.). *Hosts and guests revisited: Tourism issues in the 21st century*. Nova York: Cognizant Communication Corporation, 2001, p. 15-27.

SOARES, Antônio Mateus de Carvalho. Porto Seguro-Bahia: Turismo Predatório e (in) sustentabilidade social. **GeoGraphos**, v. 7, p. 1-25, 2016.

SOARES, Artemísia dos Santos; SOUSA, José Mateus Queiroz. Educação para a democracia: turismo e participação social no Município de Maragogi-AL. **Revista Querubim** (Online), v. Ano 14, p. 44-52, 2018.

SOJA, Eduard William. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Tradução Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério [Orgs.]. **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**, 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 57-72.

SOUZA, Silvana do Rocio de; BAHLE, Miguel; KUSHANO, Elizabete Sayuri. O espaço do turismo: produção, apropriação e transformação do espaço social. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. X, n. 2, p. 313 - 331, dez. 2013.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. 3. ed. Traduzido por: Margarete Dias Pulido. São Paulo: Aleph, 2000. 1v. Tradução de: Sustainable Tourism Management.

TECNOLOGIA E CONSULTORIA BRASILEIRA S.A. - TC/BR. **O PRODETUR-NE e sua importância para o município de Maceió**. Maceió: TC/BR, abr, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

URRY, John. **The tourist gaze: Leisure and travel in contemporary societies**. Londres: Sage, 1993.

VIANNA, Andrea de Albuquerque. **Turismo e conflitos urbanos: uma história que ninguém quer contar**. Natal-RN: EDUFRN, 2017.

YÁZIGI, Eduardo. **Civilização urbana, planejamento e turismo: discípulos do amanhecer**. São Paulo: Contexto, 2003.